BIZZ

ABRIL 89

BATMAN, SUPERMAN & CIA
A HISTÓRIA DOS QUADRINHOS

A VOLTA DA CABRA CEGA
ESTRELANDO ED MOTTA

O GUIA DOS RECORDES
GRÁTIS!
FATOS CURIOSOS E FICHAS PESSOAIS

S.S. SPUTNIK
A CONEXÃO BRASILEIRA

PICASSOS FALSOS
BLACK FUTURE
O RIO DÁ AS CARAS

KEITH RICHARDS
ENGENHEIROS
DEFALLA
REFLEXO
JORGE [illegible]

LEGIÃO (76-89)

UMA LONGA HISTÓRIA, POR ELES MESMOS

ABORTO ELÉTRICO PUNK '78 NO PLANALTO CENTRAL • A VERDADEIRA ROCKONHA E AS PRISÕES • RENATO RUSSO, DISC-JOCKEY DE FM • ESTRELANDO CAPITAL INICIAL E PLEBE RUDE

M A R I S A M O N T E

DISCO DE OURO

150.000 CÓPIAS

EMI

ARTE E FOTO CLAUDIO TORRES

SHOW BIZZ

Michael Putland/Retna

STONES VOLTAM EM SETEMBRO

Agora é oficial: os **Rolling Stones** voltam a tocar juntos em setembro, com uma grande excursão pelos Estados Unidos. A notícia foi dada por **Keith Richards,** em entrevista coletiva realizada no seu escritório de Nova York. O guitarrista revelou que ele e **Mick Jagger** haviam passado uma semana juntos em Barbados, compondo material para o retorno do grupo, e que já dispunham de 35 canções novas, "por enquanto". Os Stones estavam separados desde as gravações de *Dirty Work*, em 1986, mas os boatos de uma volta vinham aumentando nos últimos meses — principalmente depois que Mick Jagger e Keith Richards subiram ao palco durante a cerimônia que colocou os Stones na lista de imortais do *Rock and Roll Hall of Fame*, em janeiro. Na ocasião, os dois Stones acabaram se transformando na atração da noite, tocando clássicos da banda como "Satisfaction" e "Start Me Up".

MGM

REED E CALE TOCAM JUNTOS

Lou Reed e **John Cale** mataram as saudades dos bons tempos do **Velvet Underground** com duas apresentações em Nova York, no mês de janeiro. Os dois escolheram a igreja de St. Ann's para mostrar as composições da suíte *Songs for 'Drella* — catorze canções feitas pela dupla para homenagear **Andy Warhol,** padrinho do Velvet. A suíte — que terá uma montagem especial, com vários músicos convidados, no segundo semestre deste ano — pretende, segundo Cale, apresentar "um breve apanhado musical da vida de Andy". Cale, que voltou a compor com o antigo parceiro depois de vinte anos, prepara ainda um álbum instrumental dedicado a Cinderella (ou 'Drella) — apelido de Warhol nos *sixties*.

NAS TELAS

Madonna vai atuar em um filme escrito, dirigido e co-estrelado por Warren Beatty. O argumento é uma adaptação para o cinema das aventuras do detetive Dick Tracy, um clássico da história dos quadrinhos ⊗ Sting vai contracenar com Sean Connery em seu próximo filme. O cantor fará o papel de Hamlet em *Rosencrantz e Guildenstern Are Dead*, dirigido por Tom Stoppard ⊗ O cantor canadense Bryan Adams faz sua estreia nas telas em *Pink Cadillac*, o novo filme de Clint Eastwood ⊗ Do outro lado do espelho... Quem se prepara para lançar seu primeiro LP é Eddie Murphy (?!?). Segundo o ator, será um disco repleto de funk, soul e rap. A produção é de Larry Blackmon (Cameo) ⊗ Outra que ensaia sua passagem das telas para o vinil é a gata Cybill Shepherd, já em estúdio.

Vinci

UM PRÍNCIPE EM APUROS

Prince surpreendeu todo mundo ao comandar uma demissão em massa na sua gravadora, a Paisley Park. O selo deverá ser extinto para a criação de um novo — que já conta com dois LPs programados: George Clinton e Mavis Staples. A atitude de Prince, porém, gerou uma série de boatos sobre a sua situação financeira. Comenta-se que ele estaria enfrentando sérias dificuldades, e que o lançamento de seu novo LP — já pronto — estaria sendo retardado pela WEA. Motivo: as baixas vendagens de *Lovesexy*.

O CASAMENTO DE BOWIE

David Bowie casou-se pela segunda vez no dia 11 de fevereiro, em cerimônia realizada na ilha de Mystique, no Caribe. A felizarda é **Melissa Hurley**, uma bailarina americana de 24 anos. Estiveram presentes **Mick Jagger** — devidamente acompanhado pela esposa **Jerry Hall** —, **Tina Turner, Eric Clapton** e a princesa Margareth (!), entre outros amigos ilustres.

CBS

ANIVERSÁRIO DA VIDA, ANIVERSÁRIO DA MORTE

A primavera no hemisfério norte, o outono no hemisfério sul — além disso, o mês de abril sempre traz uma lembrança doce e amarga de Marvin Gaye. Se estivesse vivo, este gênio da *soul music* — nascido a 2/4/1939, em Washington — estaria completando 50 anos. Curiosamente, Marvin não só nasceu, como morreu, assassinado pelo próprio pai, no primeiro domingo de abril. Assim, no primeiro dia deste mês fez cinco anos que o mundo foi abalado por esta reedição contemporânea do mito de Édipo.

Foi na igreja em que Marvin Senior, o pai, era pastor, que Marvin Gay Junior começou a enfeitiçar a congregação com sua voz melíflua, capaz de passar do aveludado para o áspero, dos graves para os agudos e do sexual para o espiritual com a mesma graça que um de seus primeiros ídolos, Sam Cooke. Sua carreira deslancharia no começo dos anos 60 como uma espécie de coringa do selo Motown — além de cantar e compor solo hits clássicos, atuou também como baterista, pianista, arranjador e produtor. Nos 70, após dois LPs brilhantes — *What's Going On* (1971) e *Let's Get It On* (1973) —, sua carreira foi abalada por vários problemas pessoais, entre eles o fisco americano. Marvin morreu devendo quase dois milhões de dólares ao imposto de renda, que ele não pagava por não querer ajudar a financiar a corrida armamentista. No fim da década acabou fugindo para a Europa, onde — em 1983 — ressurgiria em grande estilo com o LP *Midnight Love* e a pérola "Sexual Healing". Se ele tivesse ficado por lá, talvez não tivesse tido fim tão trágico — como ocorreu no 1.º de abril de 1984.

SHOWBIZZ

Vilas

BUNNYMEN GRAVAM COM CANTORA

Will Sergeant, Peter de Freitas e Les Pattinson entraram em estúdio para a gravação de um single ao lado de uma cantora convidada. Os ex-**Bunnymen** não revelaram o nome da vocalista, dizendo apenas que esta será a única gravação com a misteriosa *bunnygirl*. Por ora, eles continuam à procura de um substituto para **Ian McCulloch** — chegando a publicar, na *Melody Maker*, o endereço para os interessados. Mar, por sua vez, prossegue com as gravações do seu primeiro disco solo.

Rachelle Cortellazzo

OS INGLESES ESCOLHEM MELHORES DE 88

As revistas inglesas *Melody Maker* e *New Musical Express* consultaram seus leitores para saber quem foram os melhores na música pop em 88. Na *Melody Maker*, o grande vencedor foi o **Mission**, que ganhou nas categorias de melhor banda, LP, single ("Tower of Strenght") e show. O **U2** foi a segunda melhor banda, seguido pelo **Fields of the Nephilim** — que faturou o segundo melhor LP, seguido por *Rattle and Hum*. Entre as revelações: **House of Love, Wonder Stuff** e **My Bloody Valentine**. Na *NME*, as melhores bandas foram o **Wedding Present, R.E.M.** e o **Fall**, enquanto que os vencedores na categoria LP foram **R.E.M., U2** e **House of Love**. House of Love — cujo primeiro LP está saindo aqui pela Stiletto — foi também a revelação do ano, seguida por **Wonder Stuff** e **Darling Buds**. **Morrissey** levou o prêmio de melhor artista solo, seguido por **Prince** e **Billy Bragg**.

A FACE OCULTA DE HERBERT VIANNA

Herbert Vianna proporcionou um espetáculo inusitado para o público do Jazzmania (RJ), durante uma apresentação do **Midnight Blues** — uma mistura de **Barão Vermelho** com **Kid Abelha** tocando rithym'n'blues. Convidado para os backing vocals, Herbert virou de costas e abaixou as bermudas — duas vezes!! —, após o que foi retirado sumariamente do palco.

A PLEBE NUNCA FOI TÃO BRASILEIRA

Almir Bindilatti/Ag. Azul

A **Plebe Rude** realizou o sonho de muitos roqueiros tupiniquins: unir o garra do rock'n'roll com a potência e a qualidade de som de um trio elétrico. No dia 31 de janeiro a Plebe tocou em cima do trio Tietê Vip's para um público de mais de vinte mil pessoas que se espremia no Farol da Barra, em Salvador. Buscando a rua e a imprevisibilidade dos velhos tempos de Brasília, **Philippe, Jander, André** e **Gutje** detonaram antigos e novos hits em uma hora de rock, suor e cerveja.

MICHAEL DESPEDE EMPRESÁRIO

CBS

Numa lacônica declaração por escrito, **Michael Jackson** anunciou seu "divórcio" do empresário **Frank Dileo**. Embora a declaração agradeça "a contribuição de Frank", o que se comenta é que Michael culparia Dileo pelo mau desempenho de "Bad". Teorias mais sensatas, porém, observam que Dileo, um expert do meio fonográfico, teria se tornado obsoleto depois que Michael deixou os palcos e começou a flertar com uma sólida carreira no cinema.

BIBLIOTECA

Smokey: Inside My Life é o nome da autobiografia de **Smokey Robinson** que acaba de ser lançada lá fora ⊗ **Prince** é o tema de duas novas biografias: *Prince: Imp of the Perverse*, de **Barney Hoskyns**, e *Prince: a Pop Life*, de **Dave Hill** ⊗ *Gothic Rock Black Book* é o nome do livro que faz uma análise do movimento gótico na Inglaterra. O autor é **Mick Mercer** ⊗ Os fãs do **Traffic** não podem perder o livro assinado por **Alan Clayson**: *Back in the High Life — A Biography of Steve Winwood* ⊗ **Miles Davis** acaba de escrever sua autobiografia. O lançamento está previsto para setembro ⊗ **Robin le Mesirier** e **Peggy Sue Honeyman-Scott** lançaram um livro com receitas de pop stars. Entre os destaques, um Camarão ao Curry preparado por **Mick Jagger**.

A MORTE DE LAEL RODRIGUES

Morreu no dia 8 de fevereiro, no Rio, o cineasta Lael Rodrigues, diretor dos filmes *Bete Balanço*, *Rock Estrela* e *Rádio Pirata*. Uma semana antes, Lobão, Léo Jaime e outros músicos haviam feito um show no Canecão (RJ) lembrando a importância do diretor para o rock nacional.

O DESABAFO DE JAMES BROWN

Z. Vivanco/Abril

"Nada mudou para mim, a não ser o endereço. Eu me sinto fantástico. Sou **James Brown** 24 horas por dia." Esse foi o tom da entrevista concedida ao *Los Angeles Times* pelo mestre do soul, atualmente cumprindo uma sentença de seis anos de prisão. Brown, porém, classifica seu encarceramento como mais uma manifestação de racismo. "Se eu fosse de outra raça, não estaria aqui. Quando a América vai despertar e parar com a discriminação?" Sobre sua estada na prisão, revelou que passa boa parte do tempo gravando canções num gravador cassete — ao mesmo tempo que controla, pelo telefone, a movimentação em torno de seus dois novos lançamentos: o LP *It's Your Money* e seu primeiro disco em parceria com **Aretha Franklin**.

Divulgação

POP BRITÂNICO EM EXPOSIÇÃO

Chega ao Rio neste mês a exposição *Pop: A Música Britânica nos Anos Oitenta*. A mostra, que foi inaugurada no ano passado em Londres, pretende ilustrar "a contribuição da Grã-Bretanha para o rock'n'roll internacional" — usando para isso fotografias, posters, gráficos, aparelhos de disco-laser com fones de ouvido individuais, videoclips, slides de capas de discos, revistas, livros e partituras, além de um stand especial com informações sobre fãs-clubes no mundo inteiro. Depois da passagem pelo Rio, a exposição segue para Recife (maio) e São Paulo (junho), partindo daí para outros 35 países.

SHOW BIZZ

OS VENCEDORES DO BOCA LIVRE

O grupo paulista Não-Religião foi o grande vencedor do *Festival Boca Livre*, realizado durante o programa homônimo — que vai ao ar todas as segundas-feiras, às 7 da noite, pela TV Cultura, São Paulo. O festival foi criado para incentivar a participação de um número maior de bandas no projeto — por sinal, o único espaço aberto na TV brasileira para grupos de rock iniciantes. "Estado de Sítio" foi a primeira colocada, seguida por "Go Skate", do grupo Necrópole, também de São Paulo. O Bandeira Federal, de Brusque (SC), ficou em terceiro com "Fuga". Dos três vencedores, apenas o Não-Religião deve gravar em breve, pelo Ataque Frontal.

PAUL ABRAÇA A GLASNOST

A glasnost está facilitando cada vez mais o acesso dos soviéticos à música pop ocidental. Prova disso foi o recente pronunciamento de Paul McCartney na BBC russa — quando o ex-Beatle revelou sua intenção de incluir o país de Gorbachev na sua próxima turnê mundial (a primeira em treze anos!), que deve acompanhar o lançamento de um novo LP, na segunda metade de 1989. Mas nem só de beatlemania (detonada a partir do lançamento de *Back in the USSR*) vivem os soviéticos. A última banda a aportar por lá, no mês passado, foi a World Domination Enterprises, uma das mais festejadas revelações do cenário independente inglês. Um mês antes, Moscou havia recebido as visitas de Deep Purple, Joe Cocker e Tangerine Dream, para um concerto em benefício das vítimas do terremoto da Armênia.

VINIL FRESCO

O Cure está dando os toques finais no seu novo LP, que deve ser lançado em maio ⊗ Já saiu lá fora o segundo *Peel Sessions*, de Siouxsie and the Banshees ⊗ Os Sugarcubes (sem Bjork) participam em duas faixas do EP da banda americana Miracle Legion, que abriu os shows dos islandeses na sua última turnê pela América ⊗ Está quase pronto o segundo LP solo de Debbie Harry, que deve sair ainda este mês ⊗ Tom Petty está com álbum novo na praça. Chama-se *Full Moon Fever* e traz as participações de George Harrison e dos Bangles, entre outros ⊗ Já saiu o vinil que marca a volta dos Stray Cats. O título é *Blast Off* ⊗ *Spike* é o nome do novo disco de Elvis Costello — que tem como convidados especiais Paul McCartney e Chrissie Hynde ⊗ Depois de três anos sem gravar, os Fine Young Canibals estão de volta com *The Raw and the Cooked* ⊗ Saiu o segundo LP da banda Hugo Largo. Chama-se *Mettle* ⊗ Bob Dylan e Grateful Dead estão juntos num álbum ao vivo recém-lançado lá fora. *Dylan and the Dead* traz gravações realizadas durante a turnê americana realizada por eles em 87 ⊗ O Art of Noise acaba de lançar uma coletânea chamada *Best Of*, que inclui uma regravação de "Kiss", de Prince, ao lado de Tom Jones ⊗ U2, Dire Straits, Pink Floyd e Police estão no álbum duplo *The Marquee — 30 Legendary Years*, que comemora o aniversário da importante casa noturna londrina. O disco é acompanhado por um single com "Purple Haze", de Jimmy Hendrix ⊗ O Fall, uma das bandas mais significativas do cenário independente britânico, acaba de dar adeus ao selo Beggars Banquet. A banda assinou um contrato de cinco anos com a Phonogram ⊗ Burning Spear acaba de lançar um álbum duplo ao vivo. Chama-se *Live in Paris Zenith 88* ⊗ A banda americana Dream Syndicate chegou ao fim. Eles se despedem dos fãs com um álbum ao vivo a ser lançado em breve ⊗ David Crosby (ex-Byrds, Crosby, Still, Nash & Young) está com um álbum novo na praça. Chama-se *Yes I Can*.

É só convidar que a qualidade e a tecnologia Philips entram no seu carro. É o novo sistema de som Philips Car Stereo, totalmente digital, que oferece tudo aquilo que você sempre quis ouvir. Escute só o que ele tem de novo e exclusivo:

AUTOSTORE. A tecla que seleciona, sintoniza e memoriza automaticamente as 5 estações (AM ou FM) de melhor sinal na região em que você está.

CONTROLE REMOTO COM FIO. A um simples toque, sintoniza automaticamente a próxima estação.

AM STEREO, que permite a recepção das emissoras que transmitem em AM stereo.

15 MEMÓRIAS. Além das 5 emissoras memorizadas pelo autostore, memoriza ainda 5 estações em AM e mais 5 em FM de sua preferência.

Além de suas exclusivas inovações, a Philips incorporou ainda:

PLL Sintonia digital automática a quartzo em todos os modelos da linha.

Tape deck autoreverse.

Hi Power com 60 watts de potência.

Line-Out. Saída auxiliar para amplificador ou equalizador.

IAC. Supressão automática de ruídos em FM e Loudness automático, entre outros.

Tudo isso você encontra no Explorer II, da linha Philips Car Stereo, que oferece também uma variada opção de alto-falantes, amplificadores e outros dois modelos de auto-rádios: Explorer I e Runner II.

Conheça a linha Philips Car Stereo.

E superproduza o seu carro.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

Philips Car Stereo
O som que faz a diferença.

PHILIPS

PHILIPS

SHOW BIZZ

RATOS GRAVAM NA ALEMANHA

Os **Ratos de Porão** já estão na Alemanha para as gravações do seu quarto LP — o primeiro depois do acordo firmado pelo grupo com o selo independente alemão **Roadrunner**. Além da gravação em estúdio europeu, o acordo prevê ainda a distribuição do vinil por toda a Europa e os Estados Unidos. Assim, os **Ratos** estão preparando duas versões do mesmo LP: uma com letras em inglês, para o mercado internacional, e a outra em português, para consumo interno. Depois das gravações, que devem durar cerca de quinze dias, a banda faz uma pequena turnê pela Europa, com shows na Alemanha, Holanda, Suécia, Noruega, Itália e Inglaterra. Em maio eles estão de volta, lançando o LP com uma série de shows em solo pátrio.

WOODSTOCK VERSÃO 89

Woodstock está de volta, vinte anos depois. Pelo menos é o que garantem algumas dezenas de empresários americanos, empenhados em reviver o histórico festival realizado de 15 a 17 de agosto de 1969 na cidade de Bethel, Nova York. Entre as várias comemorações programadas está uma reedição do festival, organizado pelos mesmos John Roberts e Joel Rosenman que realizaram o primeiro. A idéia é reunir, possivelmente no mês de junho, alguns sobreviventes daquela época com bandas novas e desconhecidas — até o momento, nenhum nome foi confirmado. Além disso, estão sendo providenciados o relançamento do filme e dos discos do festival, inclusive em compact disc.

ERRATA

Em sua edição de março, BIZZ deixou de incluir os créditos de fotos para a matéria "Melhores do Ano na Votação dos Leitores". Aqui estão eles: Cazuza — Rochelle Costi/Azul, Tracy Chapman — Ciclano/Azul, Legião Urbana — Ricardo Siqueira/Fibra, U2 — LFI, Morrissey — LFI, Titãs — Rui Mendes/Azul, Nenhum de Nós — Mila Maluhy/Azul, New Order — Ricardo Siqueira/Fibra, Ed Motta — Ricardo Siqueira/Fibra, Bono Vox — Retna, Cazuza — Marcos Bonisson/Azul, Gillian Gilbert — Ricardo Siqueira/Fibra, Paralamas — EMI-Odeon, The Edge — Retna, Nando Reis — Ricardo Siqueira/Fibra, João Barone — Frederico Mendes/Azul, Edgar Scandurra — Geraldo L. Gomes/Azul, *A Menina do Lado* — Embrafilme, *Feliz Ano Velho* — Embrafilme, *Uma Cilada para Roger Rabbit* — Warner, Humberto Gessinger — Rui Mendes/Azul, Renato Russo — Frederico Mendes/Azul.

DIREITOS EM DISPUTA

A WEA enviou para toda a imprensa uma carta acusando a gravadora Brasidisc de lançar sem autorização discos do selo americano Chess/MCA, cujos direitos de representação pertenceriam à Warner. Em seguida, a Brasidisc apresentou sua defesa, declarando ser representante do selo inglês Charly, detentor dos direitos da Chess. Para BIZZ, porém, a WEA deu uma outra versão da história, em que a carta teria sido uma iniciativa particular de um ex-funcionário da empresa. A WEA afirmou ainda ter a "impressão" de que a Brasidisc teria obtido um contrato de licenciamento com uma companhia portuguesa pirata, "pelo menos em parte". Por ora, a WEA investiga a procedência das acusações, sem recorrer à Justiça.

PINK Floyd

Delicate Sound of Thunder

Conforme anunciado na TV
PINK FLOYD
pela primeira vez ao vivo.

Incluindo:
TIME
ANOTHER BRICK IN THE WALL
MONEY
WISH YOU WERE HERE
SHINE ON YOU CRAZY DIAMOND

EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISCS
CBS

OS ANOS 90 VÊM AÍ. DE CAMISETA HERING.

DESCULPA, TIO. MAS A IDÉIA É FAZER TUDO DIFERENTE. A GENTE APRENDEU MUITO COM TODOS VOCÊS, PODE CRER. MAS ALGUMAS COISAS PRECISAM MESMO MUDAR E O SENHOR SABE DISSO. NO DIA EM QUE A GENTE ESTIVER AÍ NO SEU LUGAR, NINGUÉM VAI MAIS TRABALHAR FEITO UM LOUCO, TODO ENGRAVATADO, SEM TEMPO PARA CURTIR A VIDA E OS FILHOS QUE A GENTE QUER TER. DINHEIRO É BOM. MAS SÓ QUANDO TRAZ FELICIDADE. A GENTE QUER MAIS É VESTIR UMA CAMISETA E FICAR LIVRE E SOLTO PARA SER ATÉ UM HOMEM SÉRIO NA HORA QUE PRECISAR. DESCULPA, TIO. MAS O SONHO NÃO ACABOU.

Hering
VISTA ESTE CLIMA

Serviço de Orientação ao Consumidor BASF (SOC) - Telefones: (011) 800-8008 - (DDG - Brasil) (011) 258-3291 - (São Paulo)

ABRIL 89

O sucesso merecido, conquistado sem perda de credibilidade, consolidado... ou o impacto do novo e as promessas e revelações que merecem todo apoio e divulgação? A linha editorial de BIZZ nunca privilegiou uma em detrimento da outra e, por isso, repete a "A Estratégia da Capa Dupla" — lembram-se de Jesus & Mary Chain e Marina? — para solucionar essa dúvida mais do que cruel.

Assim, os leitores do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e de Porto Alegre são os escolhidos para receber o novíssimo pop carioca — representado pelos **Picassos Falsos** e pelo **Black Future** (através da lente de **Ricardo Siqueira**), enquanto o resto do Brasil fica com a homenagem à **Legião** (foto de **Marcos Bonisson**, produção de **Lorena Calabria**). Escreva para a gente dizendo qual das duas você prefere... e porquê.

É claro que, apesar de duas capas diferentes, o recheio é o mesmo — incluindo a introdução de novas seções fixas. A primeira delas, batizada de *Vitrine Viva*, vem para apontar rostos e faces à frente ou por trás de estimulantes novidades que merecem uma conferida. A *Cobra Cega*, para quem sempre acompanhou a BIZZ, não é nenhuma surpresa, apenas transforma uma atração eventual em atração mensal — nesta edição, vendamos os olhos de **Ed Motta** antes de submetê-lo a uma fina seleção de pop negro. Na seção *Lançamentos*, finalmente abrimos uma página — intitulada *Zona Franca* — onde damos uma prévia do que há de melhor saindo no mercado internacional, sem esperar que resolvam ou não lançar tais preciosidades por aqui. Por essas e outras, a seção dedicada a *Cinema* e *Vídeo* — que acabou gerando uma revista inteira, a *Set*, de tanto sucesso quanto sua mãe, abre espaço para Quadrinhos, Livros, Tecnologia, Variedades em geral... mais Cinema e Vídeo, claro!

Tudo isso para continuar dando a você o jornalismo musical mais dinâmico e democrático (e informativo e divertido...) do país. Se você achar que BIZZ está mudando, saiba que estivemos, estamos e estaremos sempre tentando mudar para melhor... e saiba também que você ainda não viu nada do que vem por aí neste ano em que já começou a contagem regressiva para década de 90. Precisa dizer que as sugestões, pedidos e críticas dos leitores continuam mais importantes do que nunca? Todos vocês sempre participaram ativamente, por carta ou telefone... e nós — bem, estamos aqui para isso mesmo. Um grande abraço da Redação!

SHOWBIZZ ____ 4
VITRINE VIVA ____ 16
PARADA ____ 20
AO VIVO Keith Richards, Engenheiros, Reflexu's ____ 22
SIGUE SIGUE SPUTNIK por Anamaria Lemos ____ 32
LEGIÃO URBANA, PARTE I por Sônia Maia ____ 36
JORGE MAUTNER por Jean Yves de Neufville ____ 43
DOORS, PARTE II por Celso Pucci ____ 52
RIO 1989 por Lorena Calabria e Tom Leão ____ 60
CABRA CEGA Ed Motta ____ 68
LANÇAMENTOS Acid House, Cocteau Twins, Eric B & Rakim ____ 71
A HISTÓRIA DOS QUADRINHOS por Marcel Plasse ____ 80
LETRAS "Rio Rocks", Sigue Sigue Sputnik ____ 86
CARTAS ____ 88
DISCOTECA BÁSICA *Third*, Soft Machine ____ 90

VITRINE VIVA

"Ontem na cidade, ontem na cidade — sangue/Na vitrine, a modelo/Na vitrine, a modelo linda/vitrine viva — viva!" ("Vitrine Viva", do LP *Vivendo e Não Aprendendo*)

O nome escolhido para esta nova seção de BIZZ é uma homenagem a uma das mais importantes bandas de rock surgidas por estas plagas. O **Ira!**, em seus oito anos de carreira, consolidou-se como exemplo máximo de coerência e integridade na opinião de roqueiros, críticos e do público fiel que acompanha **Nasi** (vocais), **Edgar** (guitarra), **Gaspa** (baixo) e **André Jung** (bateria).

"O Ira! é uma banda de estrada, que funciona em função de seu público especial, diferente daquele do rock nacional", esclarece **Edgar**, também ele um fenômeno do nosso rock — há quatro anos escolhido como melhor no seu instrumento pela crítica especializada. Estrada é o que não falta para o grupo que estreou num festival punk, em 81, na PUC de São Paulo. Três LPs, uma música em trilha de novela, uma apresentação subestimada no Hollywood Rock e vários hits depois, o Ira! continua sendo uma banda à parte, que enfrenta a resistência da mídia. "Nós queremos acabar com esse estigma de que somos contra os meios de comunicação. Nós só queremos usá-los do nosso jeito, para continuar com a consciência tranqüila", explica Edgar.

Além do quarto LP, programado para o segundo semestre desse ano, os fãs do Ira! podem ter em breve uma grande surpresa: o primeiro disco solo de Edgar, ainda em fase de planejamento. Segundo o guitarrista, a idéia é antiga. "Quero gravar coisas muito particulares, e chamar o mínimo de gente possível". O próprio Edgar deve tocar todos os instrumentos, além de assumir o vocal.

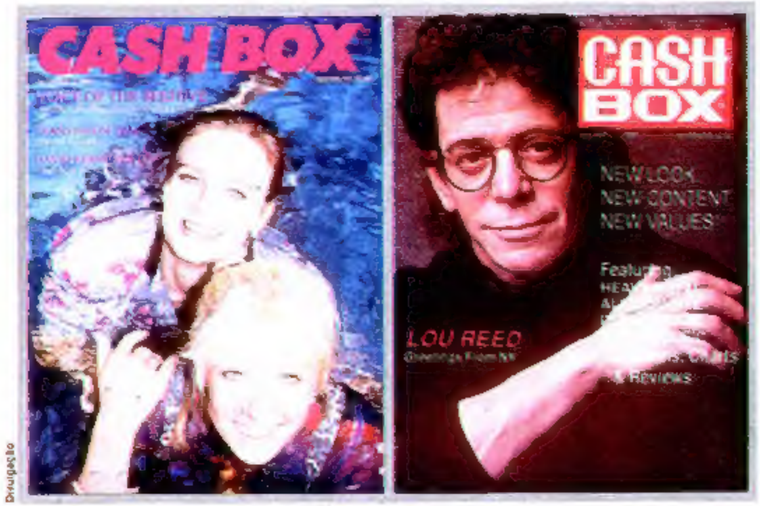
No mês passado, o programa *Novas Tendências* completou três anos de apresentação pela Rádio 89 FM, de São Paulo. Mas o melhor programa brasileiro de rock existe, na verdade, há quatro anos, desde a estréia na Estácio FM, Rio, no final de 85. "O nosso maior objetivo agora é diminuir cada vez mais a defasagem entre os lançamentos internacionais e o NT", diz **José Roberto Mahr**, criador do programa. Para realizar suas proezas — como mostrar, em primeira mão, o LP mais recente do **New Order**, *Technique* — ele mantém contato com os maiores "pirateiros" ingleses, "muito mais eficientes do que as gravadoras".

Esse intercâmbio não é de hoje: desde os tempos em que animava as noites da casa noturna Papagaio, no Rio, Mahr sempre apostou nas bandas e sons novos. Hoje, ele é um caso à parte nas nossas FMs, levando seu programa a sete cidades. Aos domingos, às cinco da tarde, o NT pode ser ouvido em São Paulo (89 FM), Porto Alegre (Cidade), Recife (Cidade), Belo Horizonte (Cidade) e Campinas (SP, FM 99). Em São José dos Campos (SP, Stereo Vale), ele vai ao ar um pouco mais tarde, às seis, enquanto que no Rio é apresentado às quartas, dez da noite. Ultimamente, Mahr tem procurado dar espaço também a bandas novas daqui — quem quiser mandar suas demos, pode escrever para a Caixa Postal 37196, CEP 22600, RJ.

BIZZ pediu a José Roberto Mahr que montasse para os leitores uma fita cassete C60 com as suas preferidas. Aí vai a listinha:

Lado A — "I'll Be Your Mirror", Velvet Underground/"Where is My Mind", Pixies/"Christine", House of Love/"Motorcrash", Sugarcubes/"Never Understand", Jesus & Mary Chain/"Death Valley '69", Sonic Youth/"Overture from (I Am a Curious Orange)", Fall/"Malediction", Diamanda Galas/"Ignore the Machine", Alien Sex Fiend.

Lado B — "Exotika", Chris and Cosey/"Wallies", Ann Clarke/"Welcome to Paradise", Front 242/"Simpathy for the Devil", Laibach/"Speed Speed Ecstasy", Acid Angels/"Paid in Full", Eric B & Rakim/"Megablast", Bomb the Bass/"Defcon 1", Pop Will It Itself/"Kiss", Age of Chance.



Divulgação

Neste início de ano, o meio musical foi abalado por uma verdadeira revolução na imprensa especializada. A **Cash Box**, até outro dia considerada uma das mais conservadoras publicações no gênero, decidiu virar a mesa e mudar completamente sua linha editorial. Em sua edição de 21 de janeiro — que, sintomaticamente, traz **Lou Reed** na capa —, a revista americana publica dois longos editoriais, explicando a opção atual pela ênfase no lado estético da música, deixando os fatores comerciais para um segundo plano: "Estamos interessados no novo, no inovador e no ousado". As alterações incluem a criação de vários *microcharts* — paradas menores para segmentos específicos como heavy metal, world music, música alternativa, etc —, além de uma nova coluna com informações sobre a cena musical americana.

Vanguarda é questão de latitude: Tom Zé, contemporâneo de Gil e Caetano, igualmente importante e criativo, é menos lembrado que eles, ao passo que nos EUA outro grande *cantautore*, fã do Brasil (no bom sentido) descobriu seu LP de 1975 *Estudando O Samba* e fez questão de vir para cá em novembro último para, além de filmar na Bahia, conhecer Tom Zé. Claro, falamos de David Byrne, que inclusive acha que Tom Zé tem que fazer um show em Nova York. Byrne tentará fazer com que alguns discos de Tom Zé sejam editados lá para "criar ambiente para um show". E de lá, Byrne quer enviar composições para Tom Zé fazer os arranjos.

Acul

Não é de hoje que o rock nacional flerta com a tela pequena. Mas foram poucas as vezes em que essa aproximação foi feita de maneira tão original quando em *Fairy Tapes*, o vídeo do grupo santista **Harry**, exibido recentemente numa casa noturna de São Paulo. Desta vez, não se trata apenas de um show filmado, mas de uma overdose de efeitos de edição, movimentos inusitados de câmera e manipulações eletrônicas de imagens, em seus quarenta minutos de duração. No total, são oito músicas retiradas do LP de estréia da banda, *Fairy Tales*. Segundo José Roberto Mahr, que produziu o vídeo ao lado de **Luís Eduardo Lott** (*O Grito da Rua*, TV Gazeta), da produtora carioca Assad Severo Produções e **Luís Antônio**, da locadora Rentacom (SP), *Fairy Tapes* deverá ser lançado comercialmente em breve — tudo depende de um acordo entre os realizadores e o selo independente Wop Bop, de São Paulo.

Ricardo Siqueira / Fotorio

Nem só de Clodovil vive a boate Alô Alô (uma das inúmeras casas de Ricardo Amaral). No mesmo palco em que o costureiro fez seu show, o guitarrista Paulo Zdan apresentou sua nova banda Arrapa, cantando músicas não gravadas pelo Brylho, seu ex-grupo ("Rato de Praia" e "Punk Chique", entre outras) e ainda parcerias com Cassiano ("A Lua e Eu", "Coleção"), Caetano Veloso ("Quero um Baby Seu") e Tim Maia ("Nosso Adeus"). A banda Arrapa é formada por Giro Cruz no baixo, Cleber Rennó nos teclados, Renato Massa na bateria (músicos que acompanham Fagner) e Fernando Vidal na guitarra solo. Como convidados muito especiais, o onipresente Ed Motta nos vocais e o versátil Bombom (Conexão Japeri), ambos revezando-se entre baixo e guitarras. Aliás, Ed e Zan estão compondo juntos. Rumores de um complô funk/soul nos ares...

Divulgação

detail

DA PRÓXIMA VEZ COMPRE UMA LUPO.

Gatinha que é gatinha, tem que andar bonita da cabeça aos pés. Tem que andar de Lupo. Porque só as meias Lupo estão sempre em forma e dão aquele toque todo especial no seu visual. O maior charme! Na hora de escolher suas meias, pense nisso. Quem usa Lupo, não tem nada pra esconder.

MEIA BOA TEM NOME.

Lupo

A "Dança do Dominó" coloca os Pet Shop Boys no topo da Parada

PARADA DO LEITOR

Convenções

( ) Indica a posição na parada anterior
(N) Indica novidade na parada
(R) Indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na parada BIZZ!
Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60061, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

1 (11) *Introspective* — **Pet Shop Boys** (EMI-Odeon)
2 (2) *Go Back* — **Titãs** (WEA)
3 (1) *Rattle and Hum* — **U2** (WEA)
4 (4) *Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)
5 (5) *Substance* — **New Order** (WEA)
6 (3) *Money for Nothing* — **Dire Straits** (PolyGram)
7 (R) *Big Thing* — **Duran Duran** (EMI-Odeon)
8 (8) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (WEA)
9 (10) *Psicoacustica* — **Ira!** (WEA)
10 (6) *Bora Bora* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
11 (N) *Ouça o Que Eu Digo* — **Engenheiros do Hawaii** (RCA)
12 (N) *Você Não Precisa Entender* — **Capital Inicial** (RCA)
13 (14) *New Jersey* — **Bon Jovi** (PolyGram)
14 (13) *Faith* — **George Michael** (CBS)
15 (N) *Tender Prey* — **Nick Cave** (Stiletto)

LPs (EUA)

1 (8) *Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
2 (5) *Appetite for Destruction* — **Guns'n'Roses** (Geffen)
3 (9) *Open Up and Say...Ahh!* — **Poison** (Enigma)
4 (6) *Travelling Wilburys* — **Travelling Wilburys** (Wilbury)
5 (4) *New Jersey* — **Bon Jovi** (Mercury)
6 (7) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
7 (N) *G N' R Lies* — **Guns'n'Roses** (Geffen)
8 (1) *Giving You the Best That I Got* — **Anita Baker** (Elektra)
9 (3) *Rattle and Hum* — **U2** (Island)
10 (N) *Shooting Rubber Bands at the Stars* — **Edie Brickell** (Geffen)

LPs (GB)

1 (R) *The Innocents* — **Erasure** (Mute)
2 (9) *The Legendary Roy Orbison* — **Roy Orbison** (Telstar)
3 (3) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
4 (6) *Greatest Hits* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
5 (7) *The Premiere Collection...* — **Vários** (Really Useful Rec.)
6 (2) *Now That's What I Call...* — **Vários** (EMI/Virgin)
7 (R) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
8 (8) *The Greatest Hits Collection* — **Bananarama** (London)
9 (R) *Anything for You* — **Gloria Stefan & Miami Sound M.** (Epic)
10 (5) *Money for Nothing* — **Dire Straits** (Vertigo)

LPs Independentes (GB)

1 (6) *The Innocents* — **Erasure** (Mute)
2 (2) *Isn't Anything* — **My Bloody Valentine** (Creation)
3 (1) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
4 (3) *Bummed* — **Happy Mondays** (Factory)
5 (N) *Surfer Rosa* — **The Pixies** (4AD)
6 (7) *Wanted* — **Yazz** (Big Life)
7 (R) *House of Love* — **The House of Love** (Creation)
8 (N) *Circus* — **Erasure** (Mute)
9 (R) *Bug* — **Dinosaur Jr.** (Blast First)
10 (N) *Now for a Feast* — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)

Compactos (EUA)

1 *When I'm With You* — **Sheriff** (Capitol)
2 *Armageddon It* — **Def Leppard** (PolyGram)
3 *Two Hearts* — **Phil Collins** (Atlantic)
4 *Don't Rush Me* — **Taylor Dayne** (Arista)
5 *When the Children Cry* — **White Lion** (Atlantic)
6 *Straight Up* — **Paula Abdul** (Virgin)
7 *Born to Be My Baby* — **Bon Jovi** (Mercury)
8 *The Way You Love Me* — **Karyn White** (Warner Bros.)
9 *Wild Thing* — **Tone Loc** (Island)
10 *All This Time* — **Tiffany** (MCA)

Compactos (GB)

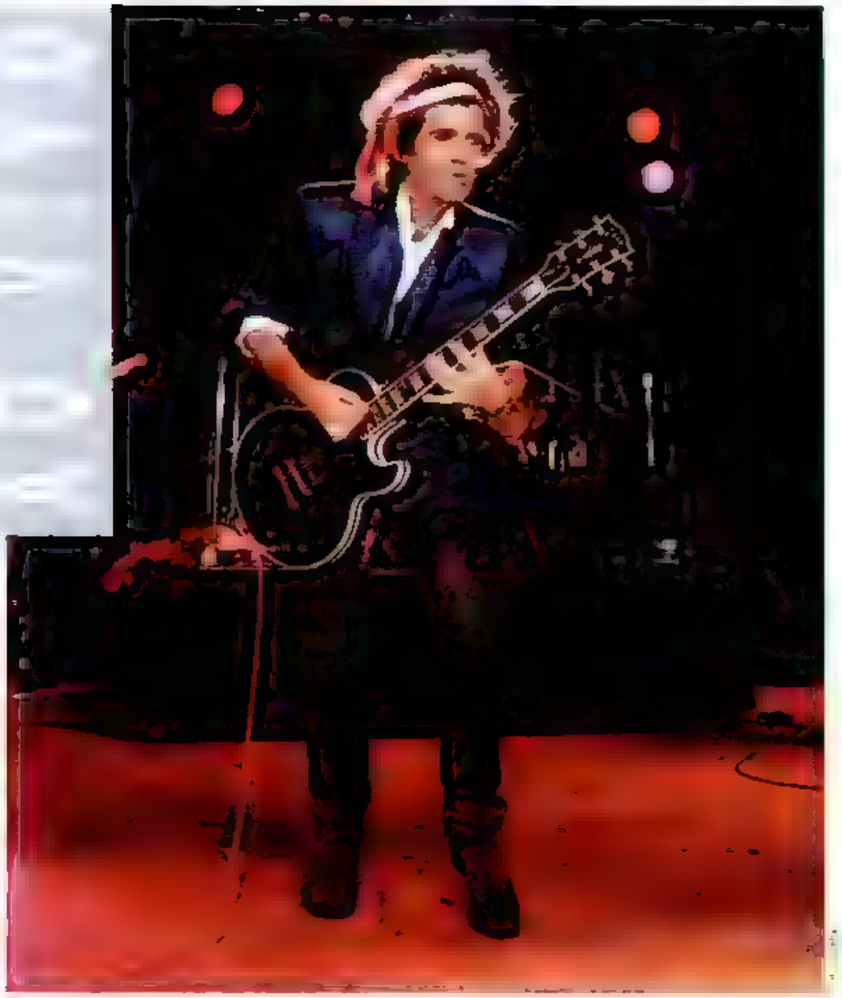
1 *Especially for You* — **Kylie Minogue** (PWL)
2 *The Living Years* — **Mike & The Mechanics** (WEA)
3 *Buffalo Stance* — **Neneh Cherry** (Circa)
4 *She Drives Me Crazy* — **Fine Young Cannibals** (London)
5 *Crackers International* — **Erasure** (Mute)
6 *Baby I Love Your Way* — **Will to Power** (Epic)
7 *You Got It* — **Roy Orbison** (Virgin)
8 *Good Life* — **Inner City** (10)
9 *Waiting for a Star to Fall* — **Boy Meets Girl** (RCA)
10 *All She Wants Is* — **Duran Duran** (EMI)

Compactos Independentes (GB)

1 *Crackers International* — **Erasure** (Mute)
2 *Especially for You* — **Kylie Minogue** (PWL)
3 *Fine Time* — **New Order** (Factory)
4 *Black Sun* — **Loop** (Chapter 22)
5 *Suddenly* — **Angry Anderson** (Food for Thought)
6 *Childo Childo Ahh Ahh* — **Baby Ford** (Rhythm King)
7 *Evening Session* — **The Wedding Present** (Strange Fruit)
8 *Destroy the Heart* — **The House of Love** (Creation)
9 *John Kettley is a Weatherman* — **Tribe of Toofs** (Completely Dif.)
10 *Say a Little Prayer* — **Bomb the Bass Featuring Maureen** (Rhythm K.)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA); Nova Musical Express e Melody Maker (GB); de 4 a 25.02.89. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 28.02.89

Sunshine
UM VERDADEIRO ESTÚDIO DE ENSAIO
Sunshine Estúdio de Ensaio – o ponto de encontro do profissional exigente.
Rua Flórida, 93 – Brooklin – São Paulo – SP – CEP: 04565 – Fone: (011) 241-0231 – Telex: 11.47241
Informações: fone (011) 440-1499



KEITH RICHARDS

Hollywood Palladium (Los Angeles)

A nocturne solo de Keith Richards serviu para lembrar que: 1) A simplicidade é uma virtude que parece ter sido esquecida no rock'n roll. 2) Keith esta certo quando diz que, em pouco tempo, é capaz de fazer um nucleo de musicos se sentir banda antiga uma ... em disco, não. Mas ao vivo Jagger faz falta.

Os Expensive Winos de Keith — Steve Jordan (bateria, barvo), Ivan Neville (teclados, baixo, guitarra), Charlie Drayton (baixo, bateria), Waddy Wachtel (guitarra) e Bobby Keyes (este mesmo, no sax) — atenissaram no pequenino Palladium com a fauna de pistoleiros que entram de sopetao no *saloon* e o entrosamento de uma banda que se comunica por telepatia. O que saia no P.A. era uma so maçaroca sonica, um negocio sonoro que falava, basicamente, de ritmo e levada, balanço. Esqueça as letras, a melodia, a harmonia, exceto numeros como "Time Is On My Side" (um belo *guest* vocal da ex-Labelle Sarah Dash), nenhum desses elementos fez falta. O fundamental era aquele esporro divino, aquela entidade sem nome que abraçou todas as faixas de *Talk Is Cheap* e algumas gemas selecionadas do repertorio dos Stones — alem de quase todas em que Keith cantava em disco, raridades como "Connection" (do album *Between the Buttons*) e "I Wanna Be Your Man" (o primeiro hit dos Stones, dado de presente pelos Beatles).

Sem salamaleques ou fanfarra, o tom do show foi dado logo na abertura, quando todos entraram no palco, sentaram no chão e ficaram conversando, bebendo e fumando. Um a um, os musicos tomaram posição. Por ultimo, Keith levantou-se, repousou o cigarro onipresente no cinzeiro soldado ao pedestal do microfone, e disparou o riff inicial de "Take It So Hard". A partir do momento em que o rolo compressor de Richards e os Winos começou a funcionar, nao havia um par de pes parado na mesa. E o grau de intensidade com que cada hit conhecido era saudado equilibrava reações mornas recebidas por algumas faixas de *Talk Is Cheap* ("Rockawhile", "Locked Away"). Keith era o eco fisico das variaçoes ritmicas, jogando a cabeça para o lado e para tras em resposta a um choque de riffs. Durante "Happy", o fim formal do show (isto é, antes do bis), Keith parecia um possuido com olhos arregalados, indo de um lado ao outro do palco, comandando o que parecia uma fabrica bem azeitada de riffs arrasa-quarteirão numa proximidade com o publico inimaginavel, hoje em dia, num show dos Stones. E é aqui que Jagger entra em cena.

Keith nunca foi um cantor e, além disso, anos de excessos inutilizaram grande parte de sua voz que já era pequena. Tampouco é *frontman* — ou seja, a função de centralizar da banda, para que Jagger, o *frontman*, incendeie a platéia com *mise-en-scene* dramatica. Portanto, os shows solo de Keith sao menos espetaculares do que dos Stones, porque sao menos espetaculo e mais musica. Além do mais, a forma física de Jagger é inumeras vezes superior à de Keith. Este nao consegue sustentar a mesma atividade de Mick. Ou seja, por mais especial que tenha sido o show solo de Richards, era impossivel parar de imaginar como seria ver os Stones ali, naquele boteco, a tres metros de distancia, sem produção alguma. Tocando apenas...

J.E.R.

ENGENHEIROS DO HAWAII

Concha Acústica do TCA (Salvador)

Domingo, meia-noite. Pelas ruas, becos e largos do Centro Historico, tombado como Patrimonio da Humanidade, o silencio é quebrado por alguns passos de vadios, putas, travestis — todos retardatarios do ensaio já findo do Olodum, e por um carro cheio de seres alegremente chapados, dentre os quais dois Engenheiros: o poeta e canario Humberto Gessinger e o batera Carlinhos Maltz. O terceiro, o *big guitar man* Augusto Licks, tinha ficado no hotel em frente ao mar de Ondina. Entre piadas, brincadeiras e observações velozes, o cansaço feliz pelo retorno à capital baiana após apenas quatro meses, traduzido num showaço para mais de quatro mil pessoas há poucas horas atras.

Flash-back. As 18 horas ainda nao estava cheia a Concha Acustica, algo natural num dia em que o sol capnichou nessa estaçao no inferno.

O publico começa a pedir a presença dos guris no palco. Em tempo de aquecimento para entrar, nada mais justo que Humberto coloque uma camisa esportiva canarinho com o nome do Brasil e brinque com sua brancura numa terra tão morena e negra. "Se voce sou besse o mal que o sol me faz, nao me pediria para repetir revoltas banais das quais eu ja me esqueci" é a senha revelada em "Vozes". Mas olhando e conversando com eles fico pensando por que eles provocam tanto amor e repulsa entre a critica. Sera porque recusam os faceis caminhos do estrelismo? Ou sera ainda porque nao tem vergonha de expor publicamente suas possiveis deficiências, transformando as numa arma de simplicidade para a conquista? Questao de estilo: "Nem sempre faço o que é melhor para mim/ Mas nunca faço o que eu não estou a fim de fazer", como diz a letra de "Nunca se Sabe".

As 19 horas começa a festa. Ouça o Que Eu Digo. Nao Ouça Ninguem... abre e, de imediato, a platéia se sintoniza, servindo de toque para "Longe Demais das Capitais", enfatizando sinais de que os arranjos estão cada vez mais diferentes, o que é uma qualidade numa banda. "Refrao de Bolero" só tem de lenta o titulo, se transformando no canal certo para a herança bluesistica de Augusto, principal responsavel pelo som de garagem norte-americano que os Engenheiros possuem. Com o que concorda Herbert Vianna, marcando presença, bem como Bi e Barone, que depois trocariam figurinhas no cumarim. E a viagem musical segue deixando a galera ensandecida.

Além dos "Outdoors", "Pra Entender", "A Revolta dos Dandis I e II", "Variações Sobre Um Mesmo Tema"... Novas e velhas canções entre hits acompanhados em coro, como "Toda Forma de Poder", "Terra de Gigantes" e "Infinita Highway".

Depois do inevitável bis, uma certeza: a alquimia da guitarra de Augusto sobre as letras espertas de Humberto, aliada à bateria cheia de garra de Carlinhos, cada vez mais traduz com perfeição a força roqueira de três caras que ainda acreditam no poder do "calo e do suor", segundo o *blondie*. Não ha discordancia entre intençao e gesto porque, como diz a letra de "Cidade em Chamas": "As chances estao contra nos/ Mas nós estamos por aí/ A fim de sobreviver/ Como um avião/ sobrevoa/ A cidade em chamas".

Hugamenon Brito

PROJETO VIRA O DISCO

Sesc-Pompéia (SP)

Coincidencia ou não, o Sesc-Pompeia de Sao Paulo tem abrigado desde 1982 movimentos nascentes da musica jovem brasileira, como um barômetro do que a Grande Midia ainda vai demorar para adotar, cooptar, comercializar um trabalho digno do maior respeito.

Foi o primeiro show da Gang 90 & Absurdettes, formação original em Sao Paulo, fora do circuito de casas noturnas — e mais importante ainda, o festival punk. Organizado por Antonio Bivar que, recem chegado da Europa, se surpreendeu com a movimentação punk paulistana, o festival acabou colocando os "Garotos do Suburbio" nas paginas dos jornais e nos noticiários de TV.

O Começo do Fim do Mundo, como foi batizado, ficou para a historia do rock brasileiro como uma cicatriz mais profunda talvez que as arranhadas da Blitz e até da propria Gang de João Barroso.

Um ano depois, seria realizada a chamada *Hardcore Night*, que reuniu grupos como Ira!, Titãs, Voluntários da Patria, Mercenarias, Ultraje a Rigor, Paris 300 e Brylho (tambos do Rio de Janeiro), Capital Inicial, Uns Incomodados e Inocentes (tambas de Scowa, atual Mafia, e um dos armadores do *Hardcore Night*).

Hoje, num momento em que para no ar uma certa indefinição em relação ao pop/rock brasileiro e a esta geração que passeou pela midia durante os ultimos cinco/seis anos, o Sesc novamente marca presença apresentando o *Vira o Disco* — um projeto aglutinando bandas e propostas musicais dos mais variados estilos e tendencias.

Kumbai Nidada / Maria Angélica / Chance / Violeta de Outono

A noite de quarta-feira deu o pontapé inicial com a primeira decepção do evento — o Kumbai Nidada. Uma frustrada tentativa de reunir pop, rock industrial e Stockhausen (citado como influencia, inclusive no *release* do grupo). Algumas vezes soava como um Egberto Gismonti ressuscitado via Vila Madalena — o bairro paulista que abarca o ultimo reduto pseudo-hippie. Da performance que contou com bailarina e um bailarino, nem se fala.

O desanimo seria quebrado com a entrada do Maria Angelica, que trouxe um rock n'roll tocado com seus e tarra, lembrando as bandas de garagem dos anos 60/70 e, por que nao, 80. Embora nao apresentem nada de excepcional, trata-se de musica feita com conhecimento de causa, ja que a bagagem musical do letrista e vocalista Naporano — tambem critico de musica — nao é de se jogar fora. A platéia aliviada, saudou com urros.

Na sequencia, começaram a preparar o terreno sonoro, que parecia vir do nada. José Augusto Lemos e Angelo Barcellos — devidamente instalados num *kit* de sampler, computador ritmico e sequenciador — do Chance. Aos poucos, Marcia Mont Serrat foi subindo ao palco para soltar sua voz que traz os ecos da laxaria envolta em sedas trançadas por arame farpado. Entre a explosão do DeFalla e a implosão do Chance muito ha em comum. Ou melhor, complementar. Ou seja, a reciclagem e enobrecimento da MPB com o Chance e a prova definitiva de que o rock não morreu, dada pelo DeFalla.

O ponto alto do show ficou por conta dos improvisos em "O Striptease de Mme. X" que a transformaram num exorcismo, tom revelado tanto pelo clima imposto pela musica como pela interpretação de Lemos que começa a aprender a cantar. Parecendo estar no centro de um triângulo branco, ele mandou para o

espaço não apenas a tal Madame X como todas as femeas que vieram apos. E assim, ficaram elas privadas do tradicional "agora goza", ponto crucial da versão original.

Fechando o primeiro dia, o Violeta de Outono entrou subindo o volume dos amplis e mostrando porque sao uma *cult band* em Sao Paulo. A massa sonora detonada pelo trio que contou, ainda, com a participação de Roberto Jackson (programador de teclados e guitarra) — traz um mix perfeito da fina flor do rock dos anos 70 e dos 80, com uma certeza e envolvimento raros, ja que em nenhum momento se ve a imitação pura e simples. Alem disso, o show foi muito bem arrumado com as novas composições, mostrando que o nivel dos rapazes se elevou alem do ja conquistado. Fecharam a noite com chave de ouro.

Sonia Maia

Anarco-Tráfico / Black Future / Fellini

A noite de quinta começou com o rock n'roll da banda Anarco Trafico que se saiu infinitamente melhor ao vivo do que em sua fita demo, perto demais do mainstream. No palco, é *hard rock* invocado, ainda que recheado de letras um tanto ingenuas. O que pareceu mais seguro e cancheiro foi o baixista Dino Vicente (ex-Ira!), embora o guitarrista Sergio Vernarecchia nao tenha deixado por menos. Enquanto André Buck segurava bem as baquetas, mesmo sem tomar a frente, Daniel Godoy mostrava-se pouco dinamico em sua performance rock n'roll. Muita estrada ainda a percorrer.

O show que o Black Future fez logo em seguida foi uma maluquice geral e teve por comando (?) o vocalista Marcio "Satanesio", que berra e se mexe sem parar, uma atuaçao para lá de psicotica, apoiado em letras como a de "Eu Sou o Rio", "... Eu sou o rio de Sergio Malandro ... Eu sou o rio da mediocridade ... Eu sou a Lapa". Entre resvaloes nas poças d'agua e incrediveis pedidos para abaixar o retorno, Satanesio ainda dizia coisas no estilo "Estamos aqui enganando e sendo enganados".

O instrumental, por conta dos tecados perfeitamente barulhentos de Tantao, o baixo de Olmar e a guitarra de Edinho (tambem da banda Kongo) só foi prejudicado pela bateria pré-gravada com som totalmente entupido.

Para fechar esta quinta-feira, um supershow do Fellini, um dos melhores do projeto, completamente animado pelas macacadas do Cadão Volpato (vocal e teclados), e a profissionalissima batucada do internacional percussionista brasileiro *hors concours* Silvano Michelino, convidado especial para o show e para o novo disco, devidamente munido de seu *kit* eletro-acustico.

Entre sambas e rocks, o Fellini destroçou um numero de hits que provavelmente nem eles sabiam que tinham — como a nova "Chico Buarque Song", "Teu Inglês", Samba das Luzes" e a surpresa "LSD" Ricardo Salvagni acariciando seu baixo "numa boa" e Javr, amaciando o aço das cordas de sua guitarra, completam o panorama absolutamente internacional do show de uma banda que poderia tranquilamente disputar o mercado europeu. Cadao, que começou o show com "Boa noite. Nos somos o Capital Inicial" segurou todas com tiradas espertas e distraiu o publico enquanto os musicos se desvencilhavam dos problemas tecnicos de seus instrumen-

CHEGOU VIXEN
A FACE FEMININA DO ROCK

tos. A platéia agradeceu o grande show com urros e saiu satisfeita
Carlos Eduardo Miranda

Soviet American Republic / Vzyadoq Moe / DeFalla

Sexta-feira do terror, onde provavelmente estavam presentes as almas de Edgar Allan Poe, Jim Morrison e do Vampiro de Dusseldorf fazendo a festa acima do palco. O S A R, que abriu as portas do inferno, acabou apenas arrumando a cama para as estrelas embora não deixasse a dever. Rock adolescente, com destaque para a dobradinha das guitarras de Duda Ratt e Tony The Tiger, casamento de riffs de rock'n roll autêntico, invenções e tiques psychobillies. E a presença semi-anárquica de Niki Nixon (vocal) vestido com dois macacões, promovendo um strip ao longo do show até chegar ao modelito original, bermuda e camiseta.

Depois, é a vez do Vzyadoq Moe. Enquanto muitos ficam testando texturas e influências, o Vzyadoq vai direto ao assunto. Música pontuada pelo baixo de nível seco e gravíssimo de Edgard mais a marcação tribal e crua do *kit* de tambores e latas de Marcos e as alucinações e microfonias das guitarras de Marcelo e Fernando. O conjunto sonoro é de uma consistência atroz. Samba contemporâneo "Redenção" — e pop de Terceiro Mundo inimaginavelmente sofisticado, o Vzyadoq Moe só não atinge a perfeição porque seu vocalista Fausto Mathe — eleito com certa justiça um dos melhores letristas de 88 pela crítica — exagera um pouco no tom Ian Curtis de sua interpretação. Cadeira em punho, ar de garoto mal-humorado convence alguns, mas não a todos.

E... Piedade, Senhor! Não fosse a censura da casa tão acirrada, escreveria eu linhas e linhas de pura pornografia para definir a sensação de assistir a um show do DeFalla. Por estas e outras Edu K canta em inglês.

Amplis no máximo, o pequeno dínamo Biba Meira conta um dois, tres e... se as paredes fossem um pouco mais finas, teriam vindo abaixo. Ela **BATE** naqueles tambores com marcação e vontade inigualáveis. Flavio (baixo) tem uma agilidade na mão esquerda que lhe dá o mérito de um dos melhores baixistas do Sul, ao lado de Carlo Pianta (Expresso Oriente e Graforreia Xilarmônica). Castor faz sua guitarra gritar o suficiente e acrescenta mais lenha na fogueira quando deixa a função para Edu K e assume a segunda bateria. Dá para imaginar? Não.

Edu K entra, corre de um lado para outro, pega uma mesa e levanta-a como se fosse um halterofilista, sobe em cima dela, promove o segundo *strip* da noite, que, no fim não acontece — embora vá se despindo ao longo do show até ficar só de jeans e óculos escuros — coloca o sexo junto ao pedestal, homenageia Jim Morrison com um *medley* de "Five to One", pega sua guitarra e continua fazendo tudo isso, tocando com a benção dos deuses. Enfim, nunca alguém poderá dizer que o rock morreu, porque sempre pode aparecer de algum porão, uma banda como esta para converter os infiéis.

Sonia Maia

Fama / Rap Girls / Thaide / Conexão Japeri

Aquela que prometia ser a grande noite foi em parte uma decepção, não fosse a presença marcante do mestre Thaide e seu fiel escudeiro D.J. Hum. Os primeiros a se apresentarem foram os brasilienses do Fama, banda que mistura chavões do funk de Gueto a Jorge Ben — parece até conjunto de baile.

Apesar de tudo, é de se destacar a presença do saxofonista Helinho que se saiu muito bem tanto com seu instrumento quanto na performance de palco. O cantor Mario Salimon que tentava dar uma de bacana arrumadinho, mais parecia com Luiz Ricardo do juri do Silvio Santos, mesmo cantando direitinho, o suficiente para encarar um barzinho.

Em seguida a segunda decepção da noite. Em meio ao universo machista do hip-hop, surge finalmente um grupo feminino, mas que ainda tem a aprender. As meninas Citylee e Sharylaine até que têm carisma embora um pouco nervosas. Tentando animar o público na marra falavam de coisas pra lá de óbvias sobre amor e diversão em inocentes relações adolescentes. Para prejudicar ainda mais seu frágil trabalho têm na imitação de D.J. Marcelo e seus dois puxa-sacos de plantão uma total falta de base para seus raps monocórdicos e repetitivos. Marcelo chega ao cúmulo de usar *scratches* chupados e previamente gravados junto com a bateria. E quando tenta fazer os seus próprios, só saem uns uic-uic fuleiros. Vamos ensaiar, minha gente!

E agora a alegria da noite, com Thaide e D.J. Hum fazendo um som cheio de verdade e malandragem. Thaide é o tipo de cara que

tem um carisma absurdo e consegue, assim, um total entrosamento com a platéia, criando uma animação única na série de shows do *Vira o Disco*

D.J. Hum é um sujeito de habilidade meticulosa, que faz seus *scratches* flutuarem entre a total sutileza e a demência absurda com extrema precisão, só dando algumas vaciladas no solo. Com o pessoal babando e dançando, a noite chegou ao êxtase com a invasão liberada dos dançarinos de rua, que malaram todas com suas piruetas mirabolantes sobre o palco

Mas o mais importante de tudo é que Thaide tem o que dizer e fala como ninguem. Violencia urbana, a policia-bandida, a miseria, a malandragem e a amizade são alguns de seus temas preferidos, e ele sabe coloca-los em ritmo e rima perfeitos

Com todo mundo feliz na platéia, entra a Conexao Japeri, banda de apoio daquele que motivou a maior parte desse público a comparecer ao Sesc e que, ao fim e ao cabo, deixou todo mundo na mao numa tremenda sacanagem — o sobrinho-de-peixe-peixinho-é, Ed Motta

Começaram tocando um muzak de restaurante futurista metido a besta a título de introdução para a garganta de ouro de seu líder superstar. Edinho Mottinha entrou completamente atrapalhado, sem entender o palco quadrado do Sesc, e com o som todo emboiado, ja que nao tinha nem aparecido para passar o som

Arranhou um arremedo da tradicional "Sex Machine", do *Soul Brother Number One* coisa mais do que batida em shows de funk hoje em dia. Só entrou de vez mesmo com o mega-hit "Vamos Dançar" Mandou cortar, sutilmente, a fumaça do palco (muito bem) e falou que aquilo estava mais parecendo um ensaio. Broxou geral! Logo depois arrasou na segunda e ultima musica da noite, "Manuel", mostrando que, apesar de garotinho manhoso e cheio de vontades, é um grande cantor

Manuel foi para o céu e o show para o beleléu Ed Motta se dirigiu para a choperia contigua ao teatro onde prometia fazer um supershow com tudo o que tinha direito e conclamando o publico a invadir o local para uma boa diversao. Legal! So que essa diversao ia custar mais NCZ$ 3,5 para o bolso de quem já tinha empatado três paus para ver seu idolo. *C É M*

Down Beat / O-Kotô / Garganta Profunda

O encerramento do evento num dia de domingo, marcado por grupos meio fora do tom dado pelo *Vira o Disco* até entao, prejudicou seu *grand finale*

Faltaram, vale ressaltar, bandas de hardrock, heavy, punk, trash, que poderiam muito bem ter finalizado esta noite. Ou, ainda, sem menosprezar os estilos presentes no domingo, estes poderiam ter aberto numa terça-feira, já que a coqueluche da noite ficou com o Down Beat, *mais uma* banda de jazz rock. Se alguem pretende enveredar para esse terreno, já desgastado por nomes de alto calibre, só mesmo sendo bom. E eles são

Assim, Binho (teclados), Jairo (sax), Claudio (baixo), Marcelo (bateria e destaque entre todos), Raquel (vocal) e Leandro (guitarra) cumpriram bem a função imposta por seu idealismo — tocaram com conhecimento e deram um show certo e na medida

Em seguida subiu ao palco o O-Kotô, grupo liderado pelo casal Cherry Taketani (voz, shamisen e dança) e André Fonseca (guitarra e kotô). Contribuem, ainda, Vander Galvez (com sua bateria muito requisitada para o tom rock adotado na nova linguagem do O-Kotô) e Nilton Carneiro (destaque nos teclados)

Quando surgiu, o O-Kotô mesclava pop e música do folclore japonês com nobreza e dedicação Nao se sabe por que cargas d'água eles resolveram dar mais *punch* à sua musica. Assim, Cherry assumiu o papel de frente, travestiu-se de *rock singer* — uma função exercida na formação anterior com maior sutileza André, que brilhantemente mostra sua técnica e destreza ao tocar guitarra e kotô ao mesmo tempo, deixou uma interrogação no ar, já que vem de uma boa linhagem do rock paulista — foi guitarrista insubstituível da Patife Band — e tem bom gosto nas composições. A intenção primeira deveria ter sido destilada junto com as novas e, daí, a busca de um equilíbrio. A impressao é que as mudanças foram feitas meio de uma hora para outra, sem muito criterio

Para fechar o evento como um todo, compareceu o Garganta Profunda, do Rio de Janeiro, um coro de uma dúzia de vozes, apoiado por um teclado e, ocasionalmente, um sax. Simpáticos, mas totalmente fora do contexto que pontuou todo o evento, ganharam o mirrado público presente tanto pela vontade com que conduziam seu trabalho como pelo eclético repertório, que incluia desde Bezerra da Silva até Beatles

Sônia Maia

REFLEXU'S

Projeto SP

O escuro vai dando lugar às luzes. Os nove integrantes da Banda Reflexu's entram saudados pelo publico, que, se não era muito, era animado. Aos primeiros sons saídos da percussao, aquele militar de paulistas começa a se sacudir, como se estivesse em Salvador Ou, melhor, como se fossem baianos São Paulo se rendeu à primeira apresentaçao ao vivo da campeã de vendas de sua gravadora no ano de 88. É claro que essa recepção calorosa tem algum débito com a onda de lambada que tomou conta da cidade no ano passado. Mas não é só. Duas explicaçoes se adiantam: por um lado, o fenômeno conhecido como world music — ou global pop como preferem alguns — encontra seus ecos (e muito de sua matéria-prima) por aqui

Por outro lado, a Banda Reflexu's foi a mais bem-sucedida tentativa de envolver numa embalagem pop a música que vem dos blocos afro. Ou seja, a embalagem não só se contenta em não ocultar, ela revela agora sob uma outra ótica. Torna o conteúdo menos "puro", mas ainda não diluído, e, portanto, com um sabor mais palatável para o periodo pós-Carnaval e para as latitudes mais abaixo de Salvador. Deixa para trás, sem esquecer, a tradição do trio elétrico, joga de escanteio a síndrome safadinha A Banda Reflexu's é a única que consegue o amálgama perfeito entre o beat tribal de raiz, o cheiro de reggae, o uso dos instrumentos do rock (teclados, guitarra, baixo); a dança (que é parte importantíssima do gênero). Enfim, é um membro nobre da linhagem dos Olodums, Ara Ketus, Filhos de Ghandi etc

Eles estão prontos para enfrentar o mercado europeu, sem nenhuma dúvida. Uma articulaçao para abrirem uma temporada do Queen, cujo empresário foi cativado pelas apresentações da banda no Canecão, está em andamento, mas eles mereceriam uma porta/ponte melhor. A banda, que já conquistou o Brasil,como prova a maciça aceitação de seu primeiro LP, só falta agora encher os ouvidos dos europeus à cata de novidades do Terceiro Mundo.

Marinês, a excelente vocalista, ficou um pouco prejudicada pela péssima mixagem de voz do Projeto SP No mais, a estréia misturou em doses exatas profissionalismo e animação. A cozinha de Ronaldo, bateria; Abílio e Luis Piruete, percussão; e Washington, o baixista, segurou as quase duas horas de show sem deixar a peteca cair. O teclado de Bira Marques estava um pouco alto em relação aos outros instrumentos mas não interferia a ponto de prejudicar a guitarra de Ninho ou os vocais de Marinês, Julio e Marquinhos. A cada hit do primeiro LP, como "Madagascar Olodum", "A Ladeira do Pelô", "E Lá Vou Eu", a platéia, suada com o calor senegalesco que fazia, reconhecia e dançava com alegria

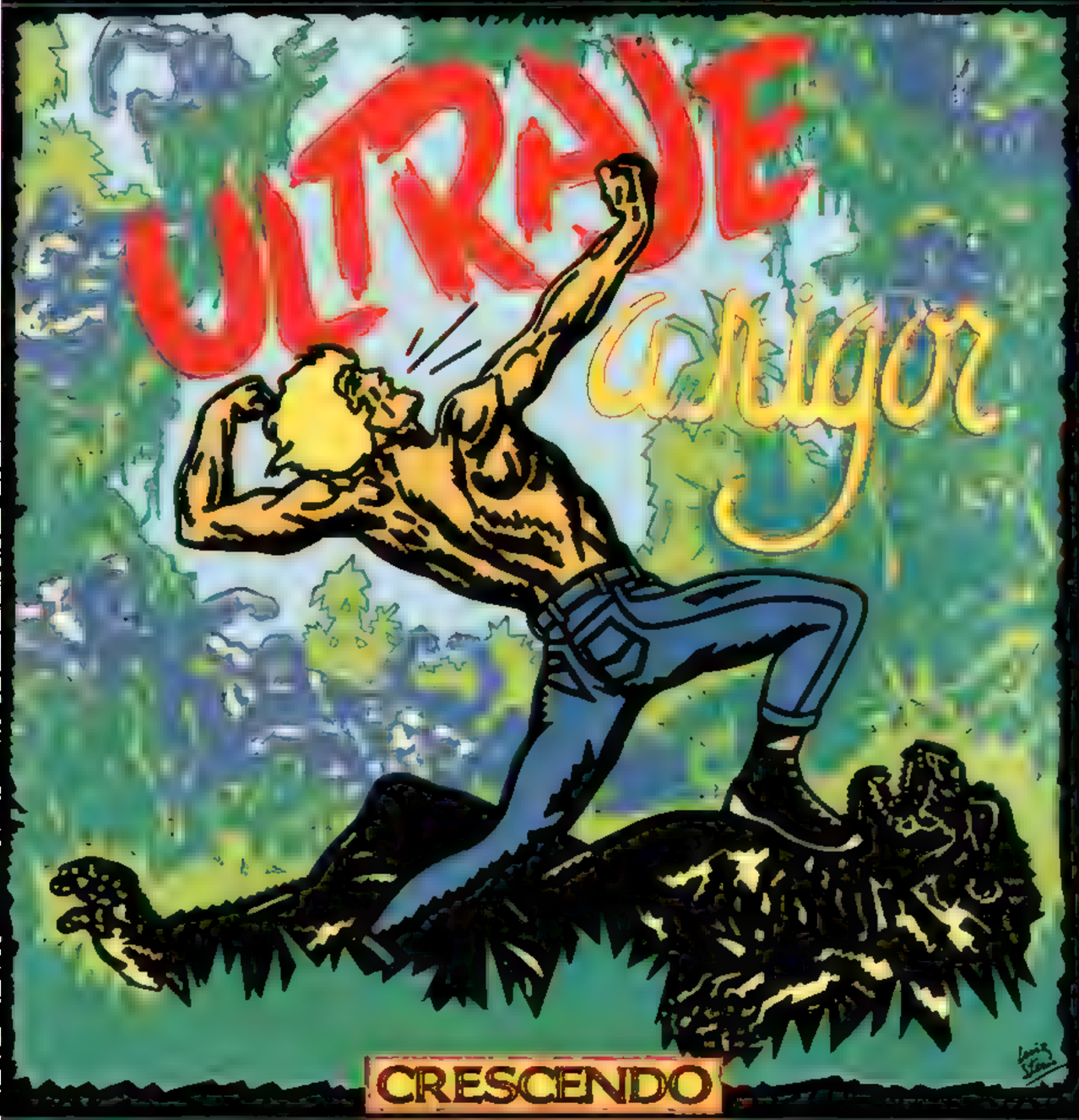
Mila Maluhy/ Azul

A Banda Reflexu's também tocou músicas de seu novo LP, *Serpente Negra*, inclusive a deslocada versao de "Prá Nao Dizer que Não Falei de Flores" de Geraldo Vandré. Foi o ponto baixo do show por duas razões A primeira é que até é compreensivel que esta cançao tenha virado um símbolo — mas *o* símbolo de qualquer intenção politizante ou de libertação já é demais. Em segundo lugar, porque a versão é lenta e quebra o ritmo vigoroso e hipnótico da seqüência das demais musicas

Não teve bis; não precisava. Depois de uma hora e cinqüenta, ninguém conseguia mais dançar

Bia Abramo

A **wea** Orgulhosamente Apresenta:
CRESCENDO, o novo LP do **ULTRAJE A RIGOR.**



COMPRE FILHA DA P_____*

SE QUISER SE NÃO QUISER, F_____-SE*

No K7 contém duas faixas extras e inéditas.

*Censurado pela Revista Bizz

CONTRA-ATAQUE DOS INVASORES EXTRASIDERAIS

Em 86, eles tomaram de assalto o mercado da música pop e arrebataram milhares de adoradores em todo o mundo — especialmente no Brasil, onde seu primeiro LP, *Flaunt It*, alcançou uma vendagem superior à do seu país de origem, a Inglaterra. Dois anos depois, o Sigue Sigue Sputinik está de volta com *Dress For Excess*, cuja turnê de lançamento deve ser iniciada aqui mesmo, no Brasil. Ana Maria Lemos foi até os estúdios da EMI, em Londres, e arrancou do guitarrista Tony James um relato completo das experiências da "quinta geração do rock'n'roll". De quebra, Tony respondeu ainda a perguntas especialmente formuladas pelo *Sputiniks Face the Music in '89*, o fã-clube oficial da banda no Brasil...

BIZZ — *O primeiro disco do SSS [illegible] no Brasil [illegible]*

TONY JAMES — Eu sei, ficamos muito felizes. Não estávamos sabendo de nada e alguém mencionou o fato. Nem sabíamos que nosso disco tinha sido lançado no Brasil. Eu só posso imaginar que as pessoas tenham gostado do visual extravagante do grupo. Dos lugares que gostaríamos de conhecer, o Brasil é sem dúvida o mais empolgante. Já tínhamos visto algo do desfile de carnaval quando ainda estávamos começando. Um amigo nos deu alguns vídeos que havia feito no Brasil. Isso sempre nos influenciou. E estamos querendo ir pro Brasil há tanto tempo.

BIZZ — *O que você acha do primeiro disco [illegible]*

T.J. — Eu penso em termos de como somos ao vivo. Acho que somos uma banda muito mais "guitarreira" do que o disco deixa transparecer. O Giorgio Moroder, apesar de ser um produtor brilhante, mixou demais as guitarras. Foi uma pena, porque a ideia básica do grupo era a de misturar um rock'n'roll selvagem e simplista, de três acordes, com equipamento de alta tecnologia, ou seja, uma se[illegible] com equipamento [illegible] e guitarras enlouquecidas por cima. No disco novo tem muito mais guitarras.

BIZZ — *Como vocês escolheram o Liminha para produzir Dress for Excess?*

T.J. — Por causa do sucesso todo que fizemos lá, resolvemos fazer um disco especial para o Brasil. Tínhamos escrito uma música chamada "Rio Rocks". Estávamos um dia sentados [illegible] esperando o Stock, Aitken e Waterman [illegible] para esta música e então a escrevemos rapidamente. Falei para o Rupert Perry, da EMI inglesa, que seria ótimo se pudéssemos gravar no Brasil ou ter um produtor brasileiro. A gente pensou que ia conseguir uma viagem de graça para o Brasil! [illegible] Então recebemos um telex da EMI do Brasil dizendo que o Liminha estava aqui em Londres fazendo um disco para uma banda, *Titãs*. Fomos conhecê-lo e achamos suas ideias ótimas. Fizemos o disco rapidamente. Não conhecíamos o trabalho do Liminha, mas gostamos dele imediatamente. Ele nos mostrou uma fita com a torcida de futebol gritando "Mengo", que foi parar em "Rio Rocks".

BIZZ — *Por que vocês escolheram Stock*

Aitken e Waterman para produzir uma das musicas do disco?
T.J. — Eles produziram "Success" apenas, que é uma musica que havíamos escrito bem antes. Existe uma outra versão, produzida pelo Liminha. "Success" foi um dos nossos piores pesadelos. Sabe, quando você começa uma banda, você não se vê cometendo os mesmos erros das bandas das quais você ria quando era jovem. Mas, assim que você consegue um hit, vêm todos os excessos, as loucuras... Nós gravamos "Success" umas dez vezes! Estamos tentando lançar todas as centenas de versões que existem. Quanto à escolha de S. A e W... havíamos escrito uma musica bem *disco*, porque gostavamos muito de Frankie Goes to Hollywood na época. Queríamos escrever um cruzamento de "Relax" com "Get it on", do T. Rex. Alguem da gravadora sugeriu que usássemos S. A e W, que eram amigos dele. Isso foi antes de eles ficarem incrivelmente famosos. Na hora eu gostei da ideia, porque achava que Peter Waterman tinha uma atitude irreverente em relação à musica pop, parecida com a minha. Achei que seria bom trabalhar com eles... mas a realidade foi bem diferente — eles não estão acostumados a trabalhar com grupos que tenham ideias próprias, que escrevam suas próprias musicas, muito menos com guitarras. Mas insistimos na coisa e levamos quase dois anos para completar a música. Trabalhavamos um pouco, aí brigavamos com eles, aí voltavamos a trabalhar. Mas, no final das contas, é uma grande musica e a versão produzida por eles é um hit. Porém, tenho certeza de que nunca mais trabalharemos com eles. E tenho certeza de que eles nunca mais trabalhariam com a gente.
BIZZ — *Os dois discos da banda foram feitos em contextos bem diferentes. Na epoca de Flaunt It, o hip-hop e o rap estavam começando a expandir. Agora são movimentos já bem estabelecidos.*
T.J. — Eu odeio hip-hop e rap. Gosto da atitude, mas não tem melodia nenhuma!
BIZZ — *E acid house?*
T.J. — Adoro a seção rítmica. Foi algo que nos lembrou de nós mesmos. Nossa musica também tem aquela "cozinha" eletrônica e pesada, bem repetitiva. Também me lembra do Suicide, uma das nossas influências básicas. E, eu gosto de acid house, mas também não tem melodia, não há "canções".
BIZZ — *E o New Beat belga?*
T.J. — É a mídia procurando desesperadamente por algo novo... para mim soa tudo igual.
BIZZ — *World Music?*
T.J. — É empolgante... mas o que nós gostamos é de rock'n'roll: Elvis Presley, Led Zeppelin, T. Rex e Suicide. E agora as coisas não vão muito bem para o rock'n'roll nas paradas. O Top 20, especialmente neste país, é comprado por crianças de 7 a 10 anos de idade. A percepção que elas tem de estrelas são estrelas de novela ou esses grupos pop realmente fracos. O que temos nas paradas então é uma sucessão de atores/atrizes de novela, e velhas musicas... como esta agora com Gene Pitney ("Something's Gotten Hold of My Heart" com Marc Almond, participação especial de Gene Pitney), ou Tom Jones. Está muito difícil para o rock'n'roll, especialmente o rock rebelde, causar algum impacto nas paradas. Veja o Prince, por exemplo... o artista mais inovador da década — ele não consegue chegar no Top 20, porque crianças pequenas não compram seus discos. Crianças não compram nada que seja "perigoso" ou inovador — elas gostam de coisas que sejam "seguras" e "bo-

Liminha (de camisa listada) e o topetudíssimo guitarrista Neal X dando duro no estúdio

nitinhas", coisas que possam ser vistas nos programas de TV para crianças. A gravadora chega e diz: vocês não podem colocar isso no vídeo, senão nunca vamos conseguir colocá-los num programa infantil. O rock'n'roll está nessa terrível situação. Nos anos 60 e 70 o rock'n'roll rebelde, estiloso, tinha chances de chegar a numero um. Hoje em dia, as chances são remotas... as paradas são controladas por crianças!
BIZZ — *Vocês abandonaram a estratégia de choque de autopromoção, que vocês usaram para o primeiro disco?*
T.J. — Quando começamos, eu estava muito mais interessado em outras coisas do que em musica propriamente dita. É preciso entender, porém, que antes de lançar o primeiro disco havíamos passado 4 ou 5 anos tocando Elvis e ensaiando e fazendo centenas de shows, apesar de a imprensa insistir em dizer que não sabíamos tocar. No começo, havia uma guerra entre nós, a plateia e a imprensa. Era uma verdadeira batalha, a musica era a arma, e todas as canções eram parecidas, porque assim dava para passar de uma para outra sem parar de gritar "Fuck you, fuck you, fuck you"... Era incrivelmente excitante. Eu queria fazer parte de um grupo assim: um grupo de confronto, de rock'n'roll selvagem. Aí quando conseguimos sair na primeira pagina do *News of the World (tabloide inglês sensacionalista)*, foi o ponto culminante. Mas o problema principal de ser um fenomeno pop é que uma das regras é: "para ser um fenomeno pop, o grupo precisa se separar". Chegamos quase a fazer um *Rock'n'Roll Swindle Part II* (alusão ao filme dos Sex Pistols, *A Grande Trapaça do Rock'n'Roll*) *(risos)*. Mas, no final das contas, você tem que fazer musica, fazer sucesso, ganhar dinheiro e então partir para o que você quer. Então, desta vez, vamos nos concentrar na musica, e talvez não sejamos tão extravagantes nem tão arrogantes. Desta vez, é o nascimento dos Sputniks humildes e sérios *(risos)*.
BIZZ — *Então a imagem mudou.*
T.J. — Mudou um pouco. O Martin ainda tem cabelo colorido. Eu não tenho mais cabelo cor-de-rosa, mas pode ser que eu decida tê-lo de novo semana que vem. Quem sabe? Meu estilo de vida mudou desde o primeiro disco. Naquela época nós íamos a *nightclubs* e estávamos sempre no Kensington Market (espécie de mercadão/feira livre de roupas de Londres), e nos vestíamos de acordo com nosso estilo de vida. Agora, em 1989, eu provavelmente irei à ópera, ao balé, lugares diferentes. Eu tenho interesses diferentes. Mas assim que botarmos o pé na estrada novamente, tenho certeza de que voltaremos às nossas fantasias infantis, na linha *Mad Max* e *Blade Runner*. Provavelmente vamos todos piorar! Desta vez, porém, é Yves Saint-Laurent, não Jayne Mansfield... apesar de o Martin ainda se parecer com ela *(risos)*.
BIZZ — *A crítica inglesa deu ao disco novo uma recepção bem fria.*
T.J. — Eles ODIARAM! É o mesmo grupo tocando a mesma musica que conseguiu duas capas na *Melody Maker*, que foi chamado de o grupo mais brilhante, inovador... É assim: que você chega a numero um, todo mundo te odeia. É a política do jornalismo: jornalistas jovens constroem sua reputação montando nas costas de alguma banda nova. Eles escrevem críticas fantásticas sobre a banda, viajam com ela, bebem com ela, ficam amigos. Aí você consegue um numero um... só que seis meses mais tarde, aparece um novo jornalista, que consegue promover uma nova banda de amigos dele, que por acaso te odeiam. Você passa de amado a odiado. É muito simbólico da Grã-Bretanha, aqui as pessoas não gostam de sucesso. Eu sei que todo mundo diz isso, mas é muito verdadeiro. Veja só: no final do ano passado tocamos aqui em Londres. A lotação estava esgotada, tocamos brilhantemente bem, o público enlouqueceu. Os jornais disseram que o show estava vazio, que tocamos mal e que ninguém aplaudiu. Isso realmente prejudica nossa autoconfiança. Mas tudo bem... quando tocamos em outros lugares dá para esquecer. Estamos presos num lugar que nos odeia e não vemos a hora de escapar. Pode acreditar *(suspiro)*.
BIZZ — *O que aconteceu ao projeto do longa-metragem* Sexo, Ação, Violência?
T.J. — *(risos)* Eu me interesso muito mais por cinema e TV do que por musica. A televisão é rock'n'roll em três dimensões em vez de uma. É muito mais excitante, e você não pode separar o aspecto visual do aspecto musical... mas a verdade é que você tem que primeiro fazer a musica e o sucesso, gerar o dinheiro para fazer os filmes. Além disso, por causa da natureza do grupo, muita gente ficou com medo de se envolver... por causa de toda a violência que rodeava o grupo na época. Mas o projeto ainda existe.
BIZZ — *Vocês se autodenominam a quinta geração do rock'n'roll. Quem seria a sexta?*
T.J. — Eu estava pensando nisso outro dia mesmo. Eu pensei: "O que um grupo pode fazer agora? Já tivemos cabelos extravagantes, sapatos extravagantes... já fizemos rock'n'roll *high-tech* e rock'n'roll *low-tech*. O que vão fazer agora? Eu adoraria saber! As bandas parecem estar regredindo. Veja o Guns'n Roses, por exemplo... são uma regressão. O Mission é totalmente *demodé*. Existem todas estas bandas por aí, nenhuma tem ideias novas, nenhuma quebra regra alguma. É uma situação muito triste para o rock'n'roll.
BIZZ — *Você não tem visto nada de interessante aparecendo?*
T.J. — *RoboCop!* *(risos)* É *Aida*, e *A Flauta Mágica*... Acho que a ópera está bem mais interessante que o rock'n'roll. Os desfiles de moda também. É mais difícil entrar num desfile de Jean-Paul Gaultier do que num show do Mission. Moda, arquitetura, televisão... tudo isso é bem mais empolgante do que qualquer disco que eu tenha comprado nos dois últimos anos.
BIZZ — *Onde vocês se colocariam no rock'n'roll? Junto com que bandas?*
T.J. — Gosto de pensar que estamos na tradição dos New York Dolls, Sex Pistols e T. Rex, se você me permite ser tão atrevido *(risos)*.
BIZZ — *Faça uma retrospectiva rápida do punk, desde o Generation X até grupos posteriores.*
T.J. — O punk foi muito excitante. Na época, havia todos aqueles grupos cabeludos e mal-vestidos... como agora, aliás... e o punk veio para explodir tudo isso, acabar de vez com grupos como Pink Floyd, Yes etc. E o que aconteceu? Eles estão todos aí, novamente. É triste. O problema foi que todos os grupos da época punk desapareceram, exceto Siouxsie and the Banshees, de quem nunca gostei. Acho que o Billy Idol continua na tradição de Generation X, mas ele é odiado aqui e amado nos Estados Unidos. Bem, depois do punk, eu pude formar a banda dos meus sonhos.
BIZZ — *Vocês demoraram dois anos para lançar o segundo disco. Por que esse tempo todo?*
T.J. — Se você for ver, levamos cinco anos para fazer o primeiro. E foi um disco tão brilhante, cada detalhe planejado... foi difícil fazer um disco que não fosse uma pálida imitação daquele. E foi difícil escrever musicas parecidas *(risos)*. Temos nosso próprio estúdio e passamos estes dois anos trabalhando sem pa-

Tony James exibe, com visível satisfação, algumas das muitas cartas dos fãs brasileiros

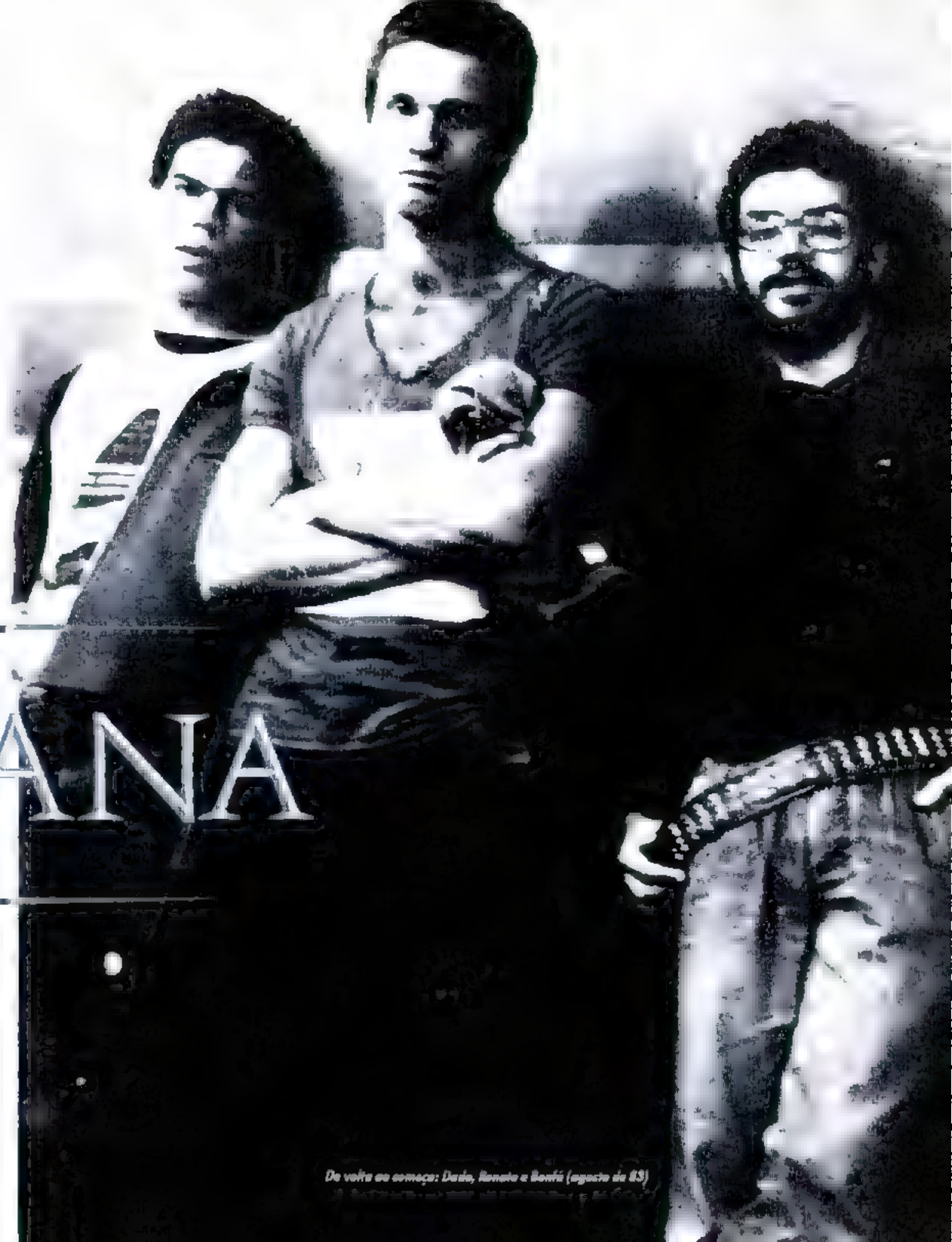
rar. Não consigo imaginar que tenha levado tanto tempo assim, mas levou. Não tenho desculpas *(risos)*.
BIZZ — *Vocês se consideram musicalmente amadurecidos?*
T.J. — Sim, sim. Agora entendemos o gênero de música que fazemos, e a musica está bem mais sofisticada. Mas eu tento não perder aquela atitude ingênua, de molecagem, em relação ao rock. O rock'n'roll tem que ser selvagem e excitante.
BIZZ — *Vocês gostariam de ver sua musica usada para cenas de ação de seriados de TV? Existe esta intenção?*
T.J. — Obviamente, a maioria de nossas músicas reflete nosso interesse pela "designer violence" de filmes *high tech* de ação, que são algo que eu gosto muito. Eu gostaria de ver nossa musica usada para isso. Mas também existe um outro lado do S.S.S., um lado mais lento, como "Dancerama".
BIZZ — *Vocês têm interesses semelhantes em musica etc.?*
T.J. — Não, nós odiamos uns aos outros! *(risos)* A coisa só funciona se todos se odeiam, porque aí você tem cinco personalidades bem diferentes, e a soma das partes é maior que o todo. É uma batalha constante.
BIZZ — *Que papel o computador tem na vida da banda e na sua vida pessoal?*
T.J. — Computadores fazem algo que levava dois minutos levar duas horas... *(risos)* Foram uma grande ajuda para os estúdios, agora você passa muito mais tempo no estúdio do que jamais sonhou. É parte de um complô dos estúdios *(risos)*. Pessoalmente, eu uso o computador para as coisas bem simples, as coisas de sempre. Mas tenho muito interesse por animação gerada por computador, e *design* para capas de discos.
BIZZ — *Vou citar alguns nomes, você dá sua opinião... Jayne Mansfield.*
T.J. — Sempre fomos fascinados por ela, a última das estrelas femininas, exageradas... foi uma grande influência.
BIZZ — *Outras loiras.*
T.J. — As de sempre... Marilyn Monroe e... é, não existem mais aquelas estrelas incrivelmente glamourosas. Nós gostamos do glamour de Hollywood, estilo anos 50.
BIZZ — *T. Rex.*
T.J. — Foi uma influência muito, muito grande.
BIZZ — *Suicide.*
T.J. — Mais uma vez, uma influência enorme, enorme, enorme. Devemos nossa carreira ao Suicide.
BIZZ — *Eddie Cochran.*
T.J. — Gostamos daquela parte... *(canta e ri)*. A puxada de semitom nos influenciou muito. Passamos os primeiros três anos tocando Elvis Presley e Eddie Cochran.
BIZZ — *Shadow Morton.*
T.J. — Gostavamos dele porque tinha feito o disco dos New York Dolls. Mas ele não foi uma figura musicalmente muito importante.
BIZZ — *Ziggy Stardust.*
T.J. — Ziggy Stardust mudou a minha vida quando eu era um adolescente. Sempre gostamos de pensar que somos os filhos bastardos do Ziggy Stardust.
BIZZ — *Skinheads.*
T.J. — Não gosto de skinheads... é o que todos seremos quando o cabelo cair *(risos)*.
BIZZ — *Para terminar, quais os planos da banda para o futuro?*
T.J. — Já escrevemos o terceiro disco, estamos bem adiantados desta vez. E temos planos de trabalhar com TV. Mas por enquanto vamos fazer uma turnê mundial e provavelmente começaremos pela América do Sul. Isso deve ser em maio ou junho. Estamos loucos para tocar no Brasil. Quando estivermos lá, filmaremos um documentário sobre os shows, sobre as loucuras, os excessos. Espere só para ver.

LEGIÃO URBANA

1976 • 1989

DO ABORTO ELÉTRICO AO GLOBO DE OURO

Quando tudo começou em Brasília, Renato, Dado e Bonfá mal poderiam imaginar que eles iriam se tornar o Legião Urbana, uma das bandas mais populares do Brasil. Passados treze anos, às vésperas de lançar *Quatro Estações*, o quarto LP, eles relembram as aventuras e desventuras da época em que Renato tinha vergonha de cantar, Dado rasgava as calças e Bonfá se arrepiava com os primeiros shows punk



Fernando Pacheco

De volta ao começo: Dado, Renato e Bonfá (agosto de 85)

O JARDIM DA INFÂNCIA, AS GRADES DA ADOLESCÊNCIA E AS FLORES DO ROCK'N'ROLL

Bonfá — Bem, o rock começou para mim quando eu era ainda garoto — ouvia Rita Pavone no berço. Aí meus pais me deram uns discos com os sucessos da época. Eu tinha um gravadorzinho e minha primeira ligação foi com a percussão. Meu pai já tinha tocado um de caixa em boate e me ajudou a comprar uma bateria. Meu primeiro disco de rock foi mesmo o do Who *(The Story of the Who*, coletânea de 76). Em Brasília, bem, não lembro. Ah, sim! Uma vez eu estava num festival lá num colégio onde tocaram Blitz e Aborto Elétrico *(abril, 1980)* .. Bateu uma coisa muito forte! Fiquei todo arrepiado!

Renato — *(dando uma de entrevistador)* Por que você acha que se arrepiava?

Bonfá — Pô, cara, eu me amarrava. Não sei se porque eu gostava do som. Era visceral, demais! Aí juntamos eu e alguns amigos que estavam na platéia e: "Vamos formar uma banda?" *(com Victor e André Killer, irmão do Fê, do Capital Inicial. A banda não tinha nome)*

Renato — Vocês não achavam barulhento demais?

Bonfá — Era mais uma coisa de distúrbio adolescente, que você canaliza para a música e assim se identifica. Ou seja, rock, 4 x 4, música que você ouve no carro.

Dado — Sei lá, chega a adolescência e você tem de tomar um partido — senão você vai ouvir música clássica e se tornar um cara bom. É difícil falar sobre isso. Acontece uma virada na tua vida na adolescência — são as drogas, a música e as meninas.

Renato — É mais uma questão de inconformismo. Mas isso é gozado, porque eu lembro que na época da gente as pessoas não ouviam rock.

Dado — Mas tinha John Travolta, os Bee Gees, que bateram também.

Renato — Mas era meio moda. Acabou a moda, sumiu.

Dado — Mas eu acho que o rock era meio moda também.

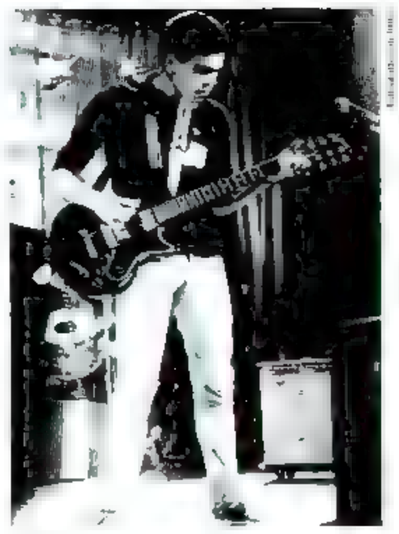
Renato — Mas não sumiu, em termos de comportamento social dos jovens. Depois que acabou a discoteca, o pessoal começou a descobrir o rock. Enquanto a gente estava ouvindo Gang of Four e PIL, eles estavam começando a descobrir Pink Floyd e Led Zeppelin.

BIZZ — *Você chegou a fazer um programa de rádio em 83, em Brasília, não? Você tinha oportunidade de colocar*

Renato — *(cortando)* Nunca!!! Eles me despediram. Era hipertriper careta, um emprego mesmo. Foi assim: tinha um programa de jazz e eu fiquei superanimado porque fui chamado para fazer esse programa. Mesmo o jazz não sendo meu tipo de música, eu ia poder trabalhar, escrever textos... Duas semanas depois o cara veio reclamar comigo: "Olha, Renato, você não entendeu muito bem". Não era um programa de jazz, e sim muzak. Tinha de tocar Ella Fitzgerald, "Summertime" — para o pessoal lá dos ministérios, que chega na hora do almoço em casa, liga o rádio e ouve duas horas de jazz-muzak. Era exatamente o que eu tinha de fazer, aquela coisa horrível! Tudo bem, eu lá dando a biografia do Chet Baker, falando que ele era viciado, e o cara no meu pé: "Não, Renato, menos falatório e mais música". Bem, resolveram me dar outra chance e fizeram um programa dos Beatles. E eu: "Oba! Tá pra mim!". E era um tal de tocar "Revolution" e tudo. E novamente o cara veio falar comigo: "Renato, você não entendeu. E para tocar 'Yesterday', 'Michelle'... essas coisas. Rock paulista, não!" O primeiro bloco que eu fiz era sobre os filmes dos Beatles. Então começava com "Hard Day's Night", depois "Help"... mas eles não deixaram. E aí eu fui despedido. Acho até que nem foi por causa disso. É que eu era meio rebelde, ficava dando muitas sugestões, mudava as listas — eu ia até a discoteca e trocava tudo.

Dado — Brasília é um universo muito pequeno — você acaba conhecendo todo mundo do teu meio, todos os jovens. Havia duas facções: a da MPB — Milton Nascimento, Djavan, Caetano.. — e essa outra, a depravada.

Renato — Entre as pessoas que ouviam rock — gozado, porque são as grandes amizades que eu tenho até hoje —, o elo foi a música. Tenho um grande amigo em Brasília. Outro dia estávamos conversando e eu perguntei: "Como a gente ficou amigo?". E ele me contou que tinha voltado de Paris com uns discos e eu disse: "Oh, discos novos na cidade!". Importados e tal. Aí eu fui lá catar alguns e ficamos amigos. Isso antes mesmo do punk, quando já tinha um pessoal que gostava de rock. Mas era



"Chega a adolescência e você tem que tomar um partido, senão vai ouvir música clássica e se tornar um cara bom. Acontece uma virada na tua vida na adolescência — são as drogas, a música e as meninas" (Brasília, 27/07/83)

uma, duas pessoas. Naquela época eu nunca tinha ouvido Velvet Underground!

Dado — Era sempre alguém que vinha de fora. Brasília tem sempre alguém chegando e indo embora.

Renato — Tanto por ser filho de diplomata como por causa do pessoal das embaixadas.. Agora, começou mesmo porque em Brasília tinha os jornaizinhos — *Melody Maker, New Musical Express* .. — e eu sempre ia. Ganhava minha semana de 50 cruzeiros, cada jornal custava 5 e eu comprava dez — ia, ia e ia .. Ficava procurando entrevista com Led Zeppelin — se bem que na época eu não estava ouvindo Led Zeppelin, e sim Joni Mitchell, Bob Dylan.

BIZZ — *Isso foi quando?*

Renato — De 76 a 78. Eu ouvia muito rock progressivo. Aí o progressivo acabou. É aquela velha história — já falei isso tantas vezes! O Rick Wakeman saiu do Yes, o Robert Fripp acabou com o King Crimson, o Peter Gabriel saiu do Genesis.. Então o Emerson, Lake and Palmer lançou aquele *Works*, que era horrível — não era tão horrível assim —, e foi acabando e não apareceu nada. Comecei a ouvir anos 60 — Beach Boys, Jefferson Airplane, Bob Dylan — e descobri uma porção de coisas que eu não conhecia. Foi quando comecei a ouvir Leonard Cohen, coisas assim. Aí os jornais começaram a falar mal de toda essa gente, chamando-os de hippies velhos e apontando os Pistols. Até hoje eu tenho um *Melody Maker* com um texto sobre uma apresentação dos Pistols, onde um cara levou uma navalhada no olho etc. Isso começou a me interessar, porque eu ficava

curioso: "Quem são? Falam tão bem! Vamos ver o que que é?". Eu tinha um professor de inglês, chamado Ian, que viajava muito na época. Ele foi para a Inglaterra e eu perguntei: "O que está acontecendo lá?" E ele: "Está acontecendo uma coisa com Sex Pistols?!?!?!" Mas ele falou de um jeito que eu pensei: "Nossa! Que coisa horrível!". E eu continuei desenhando minhas guitarrinhas dos Beach Boys... Um tempo depois, lançaram no Brasil a coletânea *Pop Apresenta O Punk Rock*, *Television* (1.º LP, *Marquee Moon*), Clash *(The Clash)* e Eddie and the Hot Rods. Eu já sabia sobre as bandas de cor, mas ainda não tinha conseguido os discos. Um pouco antes disso, outro professor de inglês — ele até se matou em São Paulo .. *(recordando)* quando a gente fica velho é tão horrível! Tem gente que se matou... Bem, ele foi para lá e eu fiz uma lista de discos para ele trazer. Ele até contou uma história gozada. Foi uma tia dele quem tinha ido comprar os discos. Ela era uma dessas velhinhas riquíssimas e ficou horrorizada ao entrar na loja e ter de pedir discos com aqueles nomes *(risos)*... Ele trouxe um livro cor-de-rosa que falava dos primeiros punks, com fotos e tudo. Era daí que eu tirava meus modelos — usava um grampo aqui na boca, outro aqui assim *(aponta uma face do rosto)*. Eu furava de verdade! As pessoas ficavam horrorizadas! E, também, os primeiros singles do Sham 69, produzidos pelo John Cale. Dois minutos de música e eu ouvia o dia inteiro! Bem, aí tinha o Fê *(atual baterista do Capital Inicial)*, que estudava na Cultura Inglesa e também tinha voltado da Inglaterra. Ele era meio hippie — tinha barba, cabelo comprido, mas usava calças rasgadas. Uma coisa híbrida — hippie com punk. É Sex Pistols daqui, Sex Pistols dali .. Até que pintou o dia em que eu estava na Taberna e veio descendo um punk com a namorada dele, um Sid Vicious loiro — era o André Pretorius. Eu cheguei nele e a primeira coisa que eu falei foi: "Você gosta dos Sex Pistols?". E ele: "Sex Pistols! Yeah! Joia!" E começamos a trocar informações. Eu tinha acabado de receber o segundo LP do Clash *(Give Em Enough Rope)* e ele o primeiro compacto do PIL. Isso já devia ser 78. Então, bem "vamos formar uma banda?". "Vamos!". Aí formamos o Aborto Elétrico — ele tocava guitarra e eu baixo. Porque nessa época tinha aquela coisa de "façam sua própria banda". E eu ficava enchendo meu pai para ele me comprar um instrumento. Foi meio difícil, mas eu estava trabalhando e juntei uma grana, ele me ajudou e comprei um baixo.

BIZZ — *Mas essa ideia já era antiga na sua cabeça, não é? E para você, Bonfá e Dado?*

Dado — Não, de jeito nenhum. Não tinha

Já com Renato Rocha, o Billy, em frente à "cozinha do Parkway", onde a Legião ensaiava na época do lançamento do primeiro LP, em 84. Foi Jander Bilaphra, do Plebe Rude quem flagrou o grupo que começava a entrar firme pelas portas do sucesso.

nada a ver. O Renato sim. Ele tinha idealizado até uma editora, que ele criou há dez anos, para seus discos e sua banda.

Renato — É, é antigo. Mas, primeiro, além de não encontrar músicos, os que eu encontrava não sabiam o que era rock ou não gostavam. Eu mesmo não sabia tocar. Fiquei um ano para tirar "Blackbird" dos Beatles. Era muito, muito difícil. Até que apareceram os Pistols, fazendo três acordes e falando: "Olha, vocês podem pegar um instrumento e fazer três acordes". E era isso que a gente fazia. Começamos, eu e o André Pretorius, antes até do Fê entrar, porque a bateria não tinha chegado da Inglaterra. Ficávamos tocando a tarde inteira a mesma música — a dos Slaughter and the Dogs. Imagine uma banda chamada Matança e Seus Cachorros". Era o máximo! A gente adorava! Tinha esses, os Saints, Damned, Buzzcocks, mas o que a gente mais gostava, o mais fácil de tocar, era Ramones. Uma tarde inteira tocando "Now I Wanna Sniff Some Glue"! Parava, voltava, "não é assim, para, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito .. não para, volta!". Fazíamos apenas um lanche e voltávamos. Porque naquela época não tinha muita droga. A gente só pensava nisso: música e banda. E a turminha começou a crescer. Íamos para a Colina, apenas umas três ou quatro pessoas que gostavam de rock: o Fê, o Loro *(também do Capital Inicial, guitarra)* e o Geraldo, do Escola de Escândalo, que era irmão do Loro. E ficávamos o tempo todo conversando sobre a vida, todos com 16/17 anos, falando dos pais, da namorada, tentando conseguir alguma coisa para fazer. Colocávamos o carro dentro da quadra, abríamos as portas e tocávamos ouvindo, ouvindo direto! E grande parte deste material era constituído das melhores coisas. O André Muller *(Plebe Rude)* mandava as fitas da Inglaterra, gravava os programas de John Peel e por essas e outras ouvíamos coisas como Raincoats, Slits... Nem sei mais onde foram parar. Por exemplo: quem tinha o primeiro single do Gang of Four. Fazia as cópias, distribuía e assim foi indo, foi indo, foi indo até que começaram a entrar as meninas para a turma. Foi quando o Sid Vicious morreu, mais ou menos na mesma época em que apareceu o B-52's. '79, acho. As datas eu não sei, mas foi logo que apareceu Police, *two tones*, Specials, Selecter, Madness... As meninas vieram porque essa era uma música que elas podiam dançar. Até então era só Sham 69, aquelas coisas. Eu, por exemplo, dançava batendo a cabeça na parede, pulava, rolava pelo chão .. *(risos)*

Dado — Invadíamos as festinhas, animávamos de verdade. Então, se estava tocando um John Travolta em frances, tirávamos e colocávamos nossas fitas. Para não assustar, começava com Talking Heads.

Renato — É, não ia com Pistols direto.

BIZZ — *Quer dizer, tirando vocês, essa pequena turma, tinha alguma outra que chegou junto porque também era radical, ou porque já estava ouvindo essas bandas? Houve uma identificação ou começou mesmo com vocês?*

Renato — Não, tinha alguns amigos que sacavam porque gostavam de rock. Lembram do Puzi, do Rato? *(perguntando ao Dado e Bonfá)*. Eles eram de outro lugar e, de repente, não se juntaram. Mas eu tinha alguns

LEGIÃO URBANA

amigos que eram punks por natureza e não sabiam de nada. Como o Geová, que depois virou crente e depois desvirou. Um belo dia estamos lá num belo clube — era o *Clube de Imprensa*, um desses que tem em Brasília no setor clubes — e estava tocando um Baby Paul da vida e essa cara estava pogando. A, a gente ficou assim: "Olha, aquele cara é punk! Vamos falar com ele". Qualquer pessoa com alguma identificação, já íamos falar. E tinha muitas histórias assim, como a do Gerusa passando por uma determinadada quadra e, de repente, ouve um Sex Pistols tocando. Então pronto! "Tem *uma* pessoas *uma* pessoas que gosta! Vamos ver quem é!" Fizemos vários amigos assim. Em 79 conhecemos a Valérie — uma francesa — e o Luiz Eduardo numa festa para o Gilberto Gil, onde ele mesmo não apareceu. Estávamos lá, toda a turma e eles dançando tudo quanto é música, até as do Gil. De repente toca "Rock Lobster", do B-52's. Pra quê! Fizemos amizade na hora. Quando fomos ver de perto, ficamos alucinados com seus *badges* (buttons), que eram de verdade. Não havia isso no Brasil, ainda. Fazíamos os nossos com durepox, recortando as figuras das revistas, dos ornaizinhos. Agora, tirando o rock, tinha diversas coisas que faziam com que a gente ficasse junto. Éramos um pouco rebeldes, inconformistas e o rock nos ligava. Mas acredito que muitas daquelas pessoas iriam ser amigas de qualquer forma, por afinidade, por tudo. Acontece que o lance das bandas sedimentou. E é gozado, porque era uma turma tão esdruxula! Cada pessoa escolhia uma banda como a sua favorita e usava o seu *badge*. No começo andava todo mundo punk mesmo, rasgado. A Cris, por exemplo, levava o cachorro dela para passear na coleira e ela portando uma coleira também. Isso em 79 era um escândalo. A gente fazia essas coisas terríveis. Uma vez eu cismei de pintar meu cabelo — fiquei parecendo o anjinho da Mônica. E tinhas as prisões. Fui preso umas duas vezes, porque o pessoal achava que estávamos com drogas. Pixávamos a cidade inteira — letras de músicas, Sex Pistols — apesar de na época não ter pixação grafite. Só no Rio, como o Ce acaba provocando Maremoto.

Bonfá — Pixávamos o A, em forma de Anarquia e o E, dentro, de Aborto Elétrico.

Renato — Ficávamos uma tarde inteira procurando o que fazer.

Dado — Você saía da sua quadra, andava dois quilômetros, chegava num lugar e os caras estavam lá, com bateria, amplificador, baixo, guitarra, em pleno verão de Brasília. Porque Brasília no verão esvazia, não sobra ninguém. Só fica mesmo quem não pode sair. E naquele ano eu tinha repetido no colégio e tinha sido obrigado a ficar. Aí, eu e meu amigo fomos para uma lanchonete, a *Foods* onde o dono emprestava uma tomada e dava sanduíche de graça para quem tocava. Eu fiquei ali do lado, sentado. É o Aborto começou a tocar. Não lembro se eu percebia alguma coisa, mas era uma barulheira infernal. Estava terminando o show — eu lembro direitinho — e o Gutje (*Plebe Rude*) pegou o instrumento para tocar "Romeu e Julieta", que virou "Romeu e Julieta", que coisa mais careta. Vai tomar no c*", alguma coisa assim.

Renato — Ela fazia assim mesmo. "Vai tomar no c*, vai tomar no cu" e apontava para o público. E vinha a tropa de choque, cercava o lugar com cachorros e a gente tentando acabar o Gutje. Tinha muita repressão em Brasília. Até hoje tem, mas nessa época era terrível.

Dado — Mas daí para você começar a pensar que aquilo era uma banda que poderia virar isso ou ser lá o quê... Jamais passava pela tua cabeça. Você ainda era estudante.

Renato — Tem o fato de ser jovem. Toda cidade falava. Eu lembro que a primeira apresentação do Aborto Elétrico foi num pequeno barzinho no Gilberto Salomão (80), onde só se vendia cana — chamava inclusive, *So Cana*. Tinha certas pessoas — gadas nos anos 70 — até mesmo eles — que deram muita força. E a gente era muito entusiasmado. Se encontrássemos alguém para contar a história dos Pistols e o que esse Sid Vicious fazia, como era a história toda. Ou nos mesmos, falando de como era bacana a gente tentar fazer rock n roll, reclamar da vida e tudo. Enfim, se encontrássemos alguém que nos ouvisse, despejávamos tudo. E invariavelmente pintava uma pessoa para dar uma força. Por exemplo, se chegássemos aqui — supunhamos que isso não é um estúdio — e víssemos esse gravador (*aponta o meu*), a gente logo sentava do teu lado, fazia amizade e — Puxa, será que dá para você emprestar esse gravador, porque a gente tem um conjunto, sabe e para ensaiar, precisamos —. Era sempre assim. E nessas a gente acabava descobrindo que o cara — como este do *So Cana* — estaria disposto a deixar a gente fazer uma apresentação no bar dele. Fomos, levamos umas coisas — o Fê com caixinha, febre de 40 graus e, quando terminamos o *set* de cinco músicas, o pessoal reagiu com: "Ehhhhhh! De novo!". Por que brasileiro gosta muito de uma zona. Então dá-lhe zona. Eles não entenderam nada: todo mundo parado, assim, *(faz uma expressão de perplexidade)*. Aí tocamos as cinco músicas de novo e, pelo que eu soube, a cidade inteira falou disso depois. Porque, primeiro, ninguém tinha ouvido falar de um grupo de música chegar e tocar de graça e ainda fazer aquele barulho. E o guitarrista louro, sangrando a guitarra. O Aborto Elétrico era assim — pham!!! E não era rápido — era lento, tipo Pistols. Eu estava ouvindo uma fita outro dia e percebi como era lento: tipo MC5 e Stooges. Aí, o que aconteceu? A cidade começou a falar. Nos colégios de classe média — Objetivo, Elefante Branco, Marista — o comentário era: "Você viu aqueles caras, são maconheiros, blá, blá, blá". Se você fosse meio artístico ia realmente querer saber quem eram aqueles caras. Então, quando tinha outro show, você sentia que a platéia aumentava — os que tinham ido no anterior levavam mais gente.

Dado — No colégio era legal ser amigo dos punks. Então, se alguém te via naquele show de final de semana, um playboy, por exemplo, logo dizia: "Ah, ah".

Renato — Eu imagino o que deve ter acontecido no primeiro dia em que o Dado foi ao colégio portando corajosamente um alfinete! Um alfinete só! Depois rasgou a calça um pouquinho, só um pouquinho.

Dado — Minha mãe usava minhas camisetas para pano de chão. E eu: "Cadê minhas camisas dos Pistols?", E ela: "Aquele trapo?".

Renato — Eu pegava de volta, limpava e vestia de novo. Porque a gente não usava roupa suja — era toda rasgada, mas limpinha.

Bonfá — O que bateu musicalmente para mim — eu lembro direitinho — é que desde garoto, com dez anos, gostava muito do Bill Haley, Little Richard e Beach Boys. Em 80, o irmão do Dinho tinha conseguido o álbum duplo ao vivo dos Ramones (*It's Alive*, 79). Quando ele botou na vitrola e eu ouvi aquilo, nossa! Era uma coisa simples e que bateu na hora. Eles tocavam "Do You Wanna Dance", que eu conhecia só com Johnny Rivers, e provocou uma mudança a nível musical muito grande. Tenho a fita até hoje!

Renato — E gozado, porque as outras coisas assustavam. Damned assustava, Clash assustava, Pistols assustava, Buzzcocks assustava, só Fiction and Romance que não assustava — tocava e todo mundo ia dançar. Mas Ramones foi o elo de ligação — todos gostavam. Mas a turma virou turma mesmo quando o Sid Vicious morreu. No começo eram só cinco ou seis amigos. Tinha um mod na turma, que era o Bernardo William — ele usava roupa de mod e ouvia coisas de mod. Tinha eu, que era fã do PIL, então andava como o Johnny Rotten. Aí, digamos, tinha o André Mu[illegible], que já era fã de outra coisa e usava as roupas de acordo. Isso era muito gozado! As meninas tinham um estilo meio Go-Go's. E o que a gente fazia? Nos encontrávamos toda noite, eu saía da universidade — estudava comunicações (80-81).

Cada um na sua.

Alguns para voz, metais, teclados.
Outros para percussão, cordas.
Mas todos com o mesmo sobrenome.

Le son
MICROPHONES

1) SM-58BK; 2) DP-77; 3) SM-58; 4) SM-58 PLUS; 5) MP-66. Outros modelos profissionais disponíveis. Consulte catálogo nos revendedores LE SON.

OUÇA O PROGRAMA LINGUAGEM SONORA - FM 107,3 BRASIL 2000

UM-NAVE

As primeiras apresentações em São Paulo (2/10/83) foram no Napalm, aquela casa noturna que abrigava punks e pós-punks

Dado — Eu fazia 2º grau.

Renato — Aí nos juntávamos na Colina, colocávamos os carros, comprávamos um garrafão de vinho — foi quando começamos a beber. Antes, uma dosinha de caipirinha e ficava do jeitão. E ficávamos lá, a noite inteira assim. "Como o mundo é belo! Gente, eu adoro vocês!"

Dado — Tinha uma sexta-feira que era de lei — Talking Heads, a noite inteira. De lei mesmo, na época do Dado e Reino Animal.

BIZZ — *Então você já tinha banda? Por que você falou da lanchonete, que ficava lá olhando, mas não fez a ponte até aí?*

Renato — O lance era o seguinte: cada pessoa na turma tinha que fazer algum coisa. Era como uma lei não escrita. Tinha o pessoal das bandas, apareceram os que faziam fotografias, os que ajudavam a fazer camisetas, os que faziam os instrumentos, os dos posters, os que colavam os posters, os que iam na Censura Federal para liberar as apresentações. Quando não faziam nada, perguntávamos: "Qual é a sua função na turma?". "Eu tenho carro". Então, era a pessoa que tinha carro. Tinha os caras que faziam lotó... Mesmo que você fosse da turma e não fizesse nada, imediatamente você queria fazer alguma coisa. E muitas bandas surgiram assim. E depois de ficar tardes e tardes ouvindo e falando sobre música, o passo natural era montar uma banda. É gozado, porque era um híbrido, uma coisa mágica, misturada mesmo. Imagina! Os punks em volta de uma fogueira, fumando e ouvindo música. Teve a fase da benzina, mas descartamos rapidinho. Éramos meio meio burros a bestas, intelectualmente. Aproveitávamos muito o que a cidade tinha... era uma garotada com muita informação, os pais tinham livros em casa, todo mundo classe média alta e punks nos fins de semanas. Mas, como todos os punks, éramos pacíficos. A violência só apareceu com os skinheads. Nós éramos as pessoas mais pacíficas do mundo. E outra, como não tinha o que fazer, e realmente as opções eram poucas, descobrimos muita coisa de graça que as outras pessoas não aproveitavam não sei por que. Por exemplo, na embaixada da França, sempre passavam filmes gratuitos. Renoir, Cocteau... No Instituto Goethe era Fassbinder, Wim Wenders. Não entendíamos nada, mas já que era de graça, então vamos! Uma pessoa que nos ajudou muito foi o Damata, do cineclube da Cultura Inglesa — passava os filmes de rock para a gente, pois não tínhamos o que ver. Vimos vinte mil vezes aquele filme do Led Zeppelin. Ficávamos esperando passar *Monterey Pop* ou então íamos ao Galpão, onde passava *Gimme Shelter*, dos Rolling Stones. Era o encontro dos hippies com os punks. Uma coisa que precisávamos era de pessoas que nos dissessem coisas assim. "Olha, o que vocês fazem é isso, vão em frente e façam etc". Porque a gente só levava na cabeça. Todo mundo reclamava do que fazíamos. E, é claro, é bom ser rebelde, contra tudo etc. Mas é legal quando pinta uma pessoa que te dá uma força. E era só dar alguma coisa para fazermos e a gente fazia. Isso foi uma boa experiência, porque mais tarde, quando precisamos, soubemos como liberar um show na censura, como tirar alvará, como funcionava borderô etc. Usamos muito nas apresentações, na semana de rock brasiliense, A B O., e depois no Alvorada.

BIZZ — *Como foi a semana de Rock Brasiliense? A Legião já existia, não é?*

Dado — O guitarrista tinha saído há um mês e eu entrei.

Renato — Aí aprendeu a tocar.

Dado — Eram as quatro grandes bandas: Plebe Rude, XXX, Capital Inicial e Legião.

Renato — O Aborto já tinha acabado, há muito, muito tempo atrás. Acabou virtualmente quando o André Pretorius foi para a África do Sul servir o exército e matar os negros. Eu passei do baixo para a guitarra — ensinei o Flávio do Capital a tocar baixo e ele entrou na banda. Foi aí que comecei a usar as letras, porque eu tinha vergonha de cantar. E nessa segunda encarnação já apareceu a Blitz, o que facilitava as coisas. Eles tinham um amplificador e nós, outro. Juntávamos os dois, bateria e, com isso, tocávamos em colégio, festinhas, festas de aniversário... até que foi crescendo, crescendo, crescendo e novamente acabou o Aborto Elétrico *(março 82)*. Eu briguei com o Fê por causa da música "Química". Nessa época estávamos supersofisticados, ouvindo sei lá o quê... Joy Division, essas coisas — e eu cheguei com aquela música: "Não saco nada de Química..." e eles: "Pô, Renato, você está atrasado..." Eu já tinha a primeira versão de "Baader-Meinhof Blues", estávamos ouvindo Comsat Angels, Killing Joke, *Metal Box* mesmo. "Pô, você está perdendo seu jeito de fazer música", me dizia ele (Fê). "Essa música é muito ruim". E eu sabia que era boa para caramba. Bem, o Fê estava mais interessado em fazer camisetas. E eu ficava lá, pedindo para ensaiar! Aí eu disse: "Quer saber de uma coisa? Vou sair!" Aí virei o trovador solitário. Abria as apresentações das bandas, tentei algumas vezes em cima de um caminhão. Subia e tocava aquelas musiquinhas: "Dado Viciado", "Eduardo e Mônica" etc. E era gozado, porque todos os punks adoravam. O pessoal da UNB, os outros jovens normais, digamos, detestavam. E eram musiquinhas tão bonitinhas! Não sei como as pessoas não ouviam naquela época. Tava lá o cara cantando sua música, eu chegava com meu violãozinho: tipo... "Poxa, posso tocar também?" Eu era muito inseguro e ninguém queria saber. E eu pensava: "Poxa, eu sei que essas músicas são boas. Um dia eles vão ver!"

BIZZ — *Mas essa coisa de artista solo não te satisfazia muito, não é?*

Renato — Não. Eu queria mesmo era ter uma banda. Eu sempre quis ter uma banda. Aí teve a festa do chapéu do André Muller e lá estava o Bonfá. Uma coisa curiosa é que eu lembro direitinho como conheci o Bonfá, o Fê, mas não lembro como conheci o Dado. O Bonfá tinha saído do SLU por diferenças musicais e eu disse a ele: "Vamos fazer uma banda!" "Vamos!". E nosso plano era assim: fazer um núcleo baixo e bateria e chamar todas as outras pessoas para participar. Porque aí já tinha zilhões de guitarristas — Zeninho, Felipe Seabra, Loro, eu... Mas esse plano não deu certo — não tinha lugar para ensaiar. *Sonia Muta*

NA PRÓXIMA EDIÇÃO CONTINUA A HISTÓRIA DA LEGIÃO URBANA

TRÊS DÉCADAS NA TRINCHEIRA DO KAOS

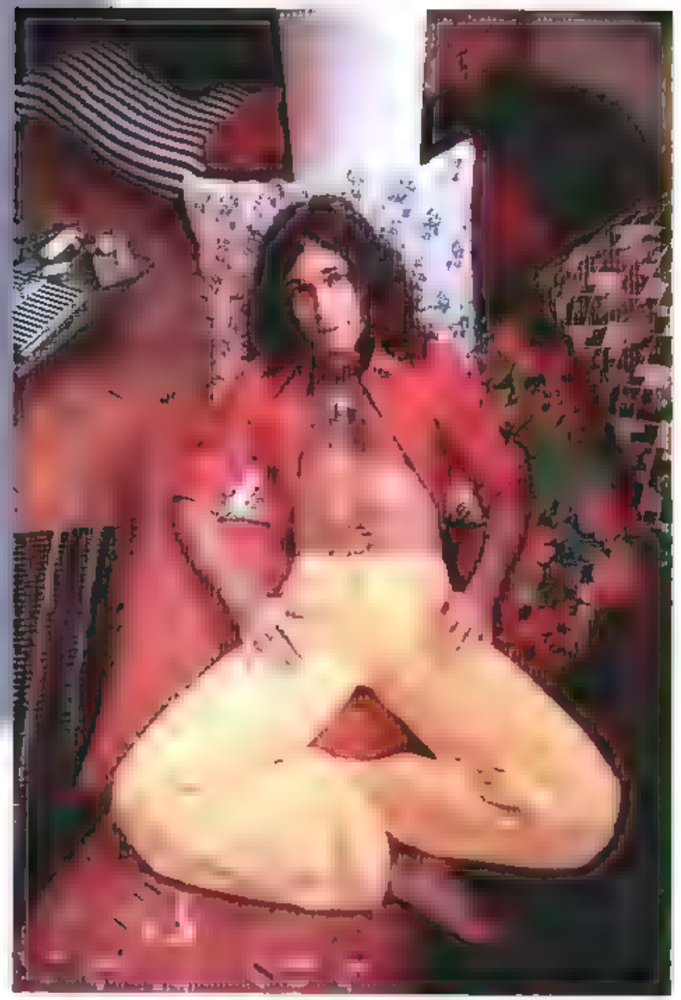
"Ouvir rock, ver a chuva, beijar uns lábios, deitar com uma outra carne na cama e sentir o sexo. (...) Depois tudo se mistura porque na verdade tudo isso existe misturado: o sexo, o rock, a chuva..." Jorge Mautner,
Kaos, Volume I — Deus da Chuva e da Morte (1962)

Eis, caro leitor, um dos discos mais raros da música impopular brasileira. Nem o próprio Jorge Mautner, nem a gravadora que o lançou em 66, possuem uma cópia. Esta, fotografada acima — a única que conseguimos localizar — pertence à coleção de um dos maiores fãs de Mautner, este Quixote do *rock in Brazil* que é Luiz Carlos "Baratos Afins" Calanca. Hoje esquecido, este compacto já era — em 66 — um verdadeiro OVNI sem uma pista de pouso no terreno populista/elitista da MPB da época. Nenhuma surpresa: desde o final dos 50, Jorge Henrique Mautner — nascido a 17/1/41, no Rio de Janeiro, filho de pais alemães — tem sido um visionário de múltiplas expressões e máscaras, um alienígena impossível de ajustar ou enquadrar no chamado "circuito cultural" nativo, por mais força que Gil e Caetano tenham feito para integrá-lo.

Na década em que o rock'n'roll, a pílula anticoncepcional e outras maravilhas contemporâneas começaram a derrubar fronteiras, o Brasil — por incrível que pareça — vivia uma efervescência cultural e política digna do momento. A virada para os 60, então, foi vertiginosa. Na música, 1958 marca a estréia de João Gilberto em disco, o sucesso da parceria Tom & Vinicius, as sementes da Jovem Guarda nas mãos dos irmãos Tony e Cely Campelo. No futebol, a vitória na Copa do Mundo inicia a Era Pelé. Na política, as Ligas Camponesas pressionam pela reforma agrária e o país entra nos 60 com eleições presidenciais marcadas para 3 de outubro e Brasília inaugurada a 21 de abril de 60.

Adolescente, Jorge Mautner vivia pelo menos duas décadas à frente, misto de dandy-flaneur-rocker-cosmopolita, tirando rachas na Rua Augusta, vestido de Jimmy Dean, cantando ao bandolim e ao violino serestas alopradas e — alimentado à base de Nietzsche e existencialismos libertários — desfiando manuscritos fluviais, publicados de 62 a 65: a Trilogia do Kaos (*Deus da Chuva e da Morte*, *Kaos*, *Narciso em Tarde Cinza*) e *Vigarista Jorge*. Dessa mesma época, são músicas como "Olhar Bestial", "O Vampiro" e "Hiroshima-Brasil".

Nesse meio tempo, porém, toda essa agitação foi estrangulada pelo golpe militar, e Mautner — como tantos outros — se auto-exilou, primeiro nos EUA (onde trabalhou de datilógrafo da ONU, lavador de pratos e massagista, até virar secretário do poeta Robert Lowell e compor em parceria com Carla Bley, da vanguarda do jazz nova-iorquino) e depois em Londres, onde iniciou seu contato com Gil e Caetano. Desde sua volta ao Brasil, em 71, foram seis LPs e mais três livros — com um hit solitário na gravação de "Maracatu Atômico" por Gilberto Gil. Quem conversou com ele, dias depois do lançamento do belíssimo *Árvore da Vida*, foi Jean Yves de Neufville



Jorge interpreta, abaixo, seu primeiro romance (62)

BIZZ — *Para começar, que tal você contar como se deu o início de sua carreira, no final dos anos 50? Voltar ao passado te incomoda?*

Jorge Mautner — O meu passado é a parte mais preciosa que eu vejo em mim, porque todas as minhas matrizes de informação e inspiração vêm de lá. Para voltar mais pra trás ainda, isso tem muito a ver com a educação que eu recebi do meu pai. Ele faleceu com 90 anos, era um judeu vienense muito culto, um matemático, um cientista, um filósofo, e vivi cercado pela literatura desde cedo por influência dele. Depois, quando minha mãe se casou pela segunda vez, meu padrasto era professor de violino no Teatro Municipal. Era um alemão naturalizado, falávamos na língua dele e com ele, dos 7 aos 14 anos, aprendi violino. Cresci cercado de muita cultura. Eu tinha verba ilimitada para tudo o que é livro, cinema, teatro, música e revistas: uma cultura universal. Além disso, a década de 50 era rica em explosões, o Brasil estava sendo descoberto. Fui descoberto em 58 pelo poeta Paulo Bonfim, que levou os meus textos para uma revista chamada *Diálogo*. Foram publicados na 13ª edição da revista, que era dirigida por um filósofo incrível, Vicente Ferreira da Silva, de quem Oswald de Andrade dizia que era o único filósofo do Brasil. Causou logo um choque porque os outros autores ali publicados eram todos figuras eminentes do pensamento integralista, da direita brasileira. Ele próprio era heideggeriano e, como tal, tinha sido simpatizante do nazismo. Mas foi um dos raros a compreender toda a influência que recebi de Nietzsche, de Heinrich Heine na literatura, da literatura metafísica. Então fui descoberto por essa revista.

Meu pai sempre me transmitiu uma preocupação, que orienta toda a minha obra, de que o nazismo não foi derrotado, apenas perdeu uma batalha e que a única saída era ser artista ou cientista. O resto não valia a pena. Outra pessoa que foi responsável pela minha educação, que me educou dos 1 a 7 anos, foi minha babá negra — minha mãe, por causa de sequelas da guerra teve uma paralisia e não pôde cuidar de mim — que era uma mulher orixá. Assim também cresci no terreiro. Esses anos serviram para trabalhar a minha cabeça e servir a luta da negritude. Ela sacou, eu era um branco filho da guerra dos brancos. Ao mesmo tempo que eu recebia uma formação do meu pai em física atômica e literatura, esta formação caminhava em paralelo aos tambores do terreiro. Aliás, Jorge Ben, em 1963, quando nos apresentamos num programa da TV Record, havia também Wilson Simonal... No ensaio, Jorge Ben deu um pulo e falou, "Mas o Mautner é totalmente negro! E música negra que ele canta!" Fiquei muito feliz com isso.

Voltando a 58, foi nesse ano que elaborei a síntese de todos esses elementos. Eu pintava, fazia cerâmica, fazia atletismo, tentava me expressar pela música, estudando violino, e literatura. Mas aquilo tudo ainda era muito dividido. Foi num dia de chuva — eu odiava a chuva, muito ligada a São Paulo, para onde eu vim

quando minha mae casou-se novamente e eu fiquei separado da minha mãe negra. Eu ia possivelmente enlouquecer quando consegui, através da arte, fundir, com toda a dor de filho de refugiado de guerra, de varias separações e loucuras, numa síntese tanto a minha linguagem musical, a ligarem oitenta a linguagem poética, numa só. Foi num dia de iluminação. Foi por isso que fiz a música "Iluminação", que eu gravei no final de 58. Também adquiri um estilo literario. Foi tudo ao mesmo tempo. Fantastico. E depois eu li o padre Antonio Vieira. Inclusive o estilo dele tem muito a ver com o que me aconteceu. Eu escrevia muito bem e sabia imitar varios estilos — [illegible] romancistas, os naturalistas, Maupassant, Flaubert, Somerset Maugham, Hemingway — mas nunca era o meu estilo. Nesse dia do estalo, consegui formar [illegible].

BIZZ — *Como você descreveria esse estilo?*

Mautner — [illegible]. Trabalho com frases [illegible] bem complicadas, *a la* Faulkner, ou parece alemão, a língua que aprendi primeiro. Ou ainda meu texto tem uma forma bíblica, parecendo quase [illegible] de crianças, meio arcaico. É um estilo quase que [illegible], porque repete as palavras [illegible].

BIZZ — *Continuando o nosso [illegible]...*

Mautner — Sim, depois de ter meus textos publicados pela revista *Dialogo*, foi editado meu livro *Deus da Chuva e da Morte* e logo em seguida fiquei muito amigo do professor Mario Schemberg, o Aguilar também, e o nosso Partido do Kaos foi dissolvido, as bases foram dispensadas. Muita gente estava inscrita, mas era uma loucura total. Eu me converti ao marxismo-leninismo. Mario Schemberg veio com Heidegger, com budismo zen e taoismo. Nada de dogmatismos marxistas. Ai ele nos conquistou.

BIZZ — *O Kaos era tão [illegible] anarquista?*

Mautner — Era mais anarquista que tudo. Eu tinha uma bandeira vermelha e outra negra no meu quarto. Igualdade e Liberdade eram sempre [illegible] dentro das nossas preocupações. Jean-Paul Sartre também era uma grande influencia. O Kaos era o existencialismo militante.

BIZZ — *Encontrado o seu estilo você escreveu livros e canções. Para você são dois exercícios diferentes ou um completa o outro?*

Mautner — Desde *Deus da Chuva e da Morte*, meu primeiro livro, sou personagem, sou o Jorge que aparece em todas as páginas, sou o cantor de rock e de samba. Eu me metia em conjuntinho de rock e música popular, eu ficava na dúvida entre esses estilos. Minha primeira gravação foi em 63 um compacto da RCA-Victor produzido pelo Oiacy Durval. Eram duas músicas de protesto. [illegible] dade" e "Não, Não, Não". Mas desde de 58 eu me apresentava em pizzarias, era gozadíssimo. Um dia numa pizzaria do Bras, eu fingi que eu era um cantor americano. Aí um cara que tinha estudado na Cultura Inglesa desconfiou e falou: "Não você não é nenhum americano". Eu sustentei e todo o restaurante foi para baixo: "Yes, claro que ele é!" As pessoas queriam que eu fosse americano.

BIZZ — *Desta primeira fase, quais foram os livros que você escreveu?*

Mautner — *Deus da Chuva e da Morte*, (Editora Martins, 63). Nesse mesmo ano de 63, começo a assinar uma coluna diária no jornal *Ultima Hora* de Sao Paulo, dirigido por Samuel Wainer. A coluna chamava-se *Bilhetes e o Caos*. Em 64 sai *Vareta em Tarde Cinza* e *Vigarista Jorge*, que foi o primeiro livro apreendido pelo movimento de 64.

BIZZ — *Você dedicava muito mais tempo à literatura do que a música?*

Mautner — Claro, muito mais. Hoje em dia também. Quem sabe a literatura seja o meu problema *(risos)*.

BIZZ — *Mas a relação das pessoas com a literatura mudou muito de 64 pra cá?*

Mautner — Até 64 havia, desde o metodo de ensino primario, do ginasio à universidade, até na radio e na televisão, uma linguagem que refletia a cultura humanista europeia. Certa vez, em 62, fui entrevistado na TV Record, pelo Silveira Sampaio e durante uma hora falamos de Trotsky, Rimbaud, Lautreamont, do existencialismo de Nietzsche tudo com liberdade total. Isso era um exemplo de como o Brasil, mesmo no plano da comunicação de massa não tinha preconceitos. A cultura era total. Nas aulas de história que eu tinha no ginasio, o professor enhava a regua no peito para mostrar como tal rei, numa [illegible] assassinado, o professor de geografia ligava as suas aulas às de história, o professor de matematica não queria que os teoremas fossem decorados antes de ter explicado a substância de Pitagoras. Isso tudo e muito mais eram entusiasmos e tinha o sentido da cultura de que uma coisa esta ligada com a outra. Essa interligação dos campos da ciencia permeava o Brasil todo. Desde o ginasio estudava-se grego, latim, espanhol, inglês. O pessoal ate gostava da literatura portuguesa, nao ficava com odio dos escritores, de Machado de Assis, Augusto dos Anjos, o professor fazia tudo para seduzir você. A composição e a descrição tinham a maior nota. Isso tudo incentivava a pensar e interconectar a cultura, uma interrelação de coisas vivas e atuantes. Isso repercutia desde o modo de ensino ate o modo de falar, até os criterios dos produtores de televisão. O movimento de 64 foi um golpe de bisturi nessa coisa. Quatro anos antes fizeram um estudo as forças conservadoras brasileiras e o governo dos Estados Unidos — do que o brasileiro queria. E 90% dos brasileiros queria ser socialista como a Cuba de Fidel Castro. Então resolveram fazer o golpe, uma lavagem cerebral nessa massa do continente. Isso foi dito por esses generais, nao sei nem se deve colocar assim. Eles achavam que era aquele metodo de ensino que eu descrevi e esse metodo de falar de Silveira Sampaio, que davam esse tipo de desejo de consciência socialista à população. Então vamos cortar a raiz disseram. Esse foi o segredo da estrategia bolada por Jarbas Passarinho e Carlos Lacerda. O grande crime contra o Brasil. Mexeram na alma e no cerebro com um bisturi. Entao substituiram esse tipo de televisão por outro. "Vamos atomizar toda a informação". Foi-me dito com essa clareza que eu estou lhe dizendo.

Quanto à elite, vocês intelectuais virao nos pedir de joelhos a abertura. Quanto ao ensino, vamos mudar tudo. Essa interrelação cultural, também vamos quebra-la para sempre também na inteligentsia, através de um novo método de ensino." A questão é muito grave, a questão do que vem amanhã, da história do Brasil. E que no mundo se estuda cada vez mais, se informa cada vez mais, se o presidente da França triplicou agora a verba destinada à cultura da França, achando que os franceses estão estudando muito pouco em relação à concorrencia dos outros paises, imagina só! *(risos)*. E aqui a burrice planificada. Essa é a questão principal do Brasil para o futuro. Não é segredo nenhum, se eles destinam apenas 3% do orçamento para a educação e cultura, é para isso mesmo, para continuar assim, para sermos durante o século 21 a mao-de-obra escrava para o mundo. Este é o plano destes

No início dos "70, a mulher [illegible] e a eterna amizade com Nelson Jacobino

Além de cantor, compositor, escritor, Jorge empunha o violino que aprendeu a tocar com o padrasto

Depois do exílio nos E.U.A. e Europa, Jorge lança seu primeiro LP "Para Iluminar a Cidade"

setores

BIZZ — *Aí veio o golpe e você partiu para os Estados Unidos*

Mautner — Soubemos que iria acontecer um mes antes. Saí em outubro,para os Estados Unidos, onde atuei como lavador de pratos, fui trabalhar para um simpósio em Caracas onde estava reunida toda a *intelligentsia* do continente, com exceção de Cuba, dos Estados Unidos e do Canadá. Fui tambem secretario literario de Robert Lowell. Conheci Lillian Hellman, Alfred Kayser e fiquei muito amigo de Paul Goodman, um filósofo, pai da nova esquerda. Dei aula no ginásio americano. Tudo isso durante sete anos. E eu estava quase integrado à sociedade americana, mas sempre com um olho no Brasil. Eu também ganhava a vida fazendo relatórios sobre livros brasileiros numa companhia americana para interessar editoras. Mais da metade da literatura brasileira que eu li foi lá. De 65 a 72, vivi no Village, no Chelsea Hotel. Isso está no livro *Verdes Vales*, de Antonio Bivar, em que ele conta que ficou chocado com os Modigliani e Picasso autenticos que havia nas paredes do meu quarto — não eram meus. Quando fui para Londres, conheci Caetano e Gil. Foi a partir dos nossos papos, das nossas decisões e confabulações que decidi voltar para o Brasil. Eu não ia voltar nao. Nem eles queriam voltar. Estavam com medo. Interessante foi que a esquerda oficial, sem citar nomes, que vai dar rolo — nao queria que voltassem. Fazia questão que ficassem lá para significar bem o martirio. Vim na frente para preparar a vinda deles. Ficaram furiosos comigo. Glauber Rocha disse que eu vinha a mando da CIA. Violeta Arraes tambem entrou na onda.

BIZZ — *E a sua produção nessa fase*

Mautner — Sempre produzo muito. Tenho entre 20 e 30 mil paginas escritas ineditas. Carxoles e carxotes de livros de historia, ficçao, poesia, romance, uma loucura!

BIZZ — Você produzia muito nos Estados Unidos?

Mautner — Lá, eu fiz mais musica. Fui parceiro de Carla Bley. E continuei dando palestras. Os problemas de que falo são universais.

BIZZ — *Como você consegue ficar num país onde a literatura de massa está tao corrente?*

Mautner — O grande calcanhar de Aquiles do Brasil é a falta de ler e escrever da população. Mesmo assim, o brasileiro tem uma percepção fora do comum. Mas nos paises mais cultos as populações não se deixam explorar tanto quanto aqui. E uma loucura, a setima potência industrial do mundo, que recentemente passou o Canada, tem 30 milhoes de crianças abandonadas. Isso é surrealista demais. O problema está no nivel de uma catastrofe mundial. Se continuar esse incendio medonho na Amazonia, o mundo não respira mais. Estamos prestes a sofrer uma intervenção internacional na Amazônia. E tem mais: no nivel interno a situação está tão grave, por causa dos trinta milhoes de crianças abandonadas, que pode se transformar num Khmer Vermelho a qualquer instante, com um salario minimo abaixo do salario do Paraguai e da Bolivia. E tem mais: o Brasil é o unico pais que nao fez a reforma agraria em todo o mundo, com uma so exceção: um colega chamado Africa do Sul, onde os terrenos sao muito menores. Estas sao contradições tao exageradas. O Brasil precisa sair dessa imediatamente pela cultura, pela informaçao, pela socialização e pela democratização verdadeira. Ate os sovieticos e os americanos estao a favor de que isso mude. Estou falando dos departamentos de Estado, não das multinacionais.

BIZZ — *Mas continuam recebendo os pagamentos mensais da dívida brasileira*

Mautner — Exatamente. Gravei "Positivismo" de Noel Rosa em parte porque ele fala do positivismo, que é o lema da nossa bandeira, mas principalmente porque ele fala em divida flutuante. E uma divida totalmente artificial porque o ouro e a prata de Minas Gerais financiaram todo o desenvolvimento industrial do mundo ocidental, segundo a conexão Minas-Lisboa-Londres. São eles que devem para a gente.

No Brasil, segundo a Anistia Internacional, houve muitos mortos por causa de problemas agrarios. Chico Mendes foi apenas o mais ilustre desses combatentes. A situaçao está muito mais perigosa do que parece. As autoridades deveriam rezar para o PT administrar a nação antes que a tempestade da guerra civil aconteça. O PT, que dizem estar na extrema esquerda, está apenas segurando as pontas do pais. O que vem ai é pra lá da imaginação.

BIZZ — *Mudando de assunto: você consegue transportar para as suas músicas essa consciencia aguda dos problemas?*

Mautner - A musica arma esse discurso num instante no palco. Alem disso, tenho influenciado muita gente nas artes, musicos, pintores, poetas, atores. Tenho sido um ativador cultural.

BIZZ — *Hoje o rock é usado como um instrumento poderoso de transmissao de mensagens — show da Anistia, etc. Você situa o seu trabalho no palco nesse nível?*

Mautner — Minha música reflete tudo isso, em situações de ironia, de auto-ironia, ou tragicas. Ainda mais no Brasil, onde as historias não foram contadas: dos indigenas, da negritude. Faço as minhas criticas, mas nunca perco de vista essas maravilhas que esta nação inventou para suportar o pelourinho, as formas mais incriveis de embriaguez, de poesia, de balsamo das dores, de prazeres e cores. A imaginação tem essas riquezas. Este é um pais de imaginarios. Então, apesar de ser tão apocaliptico, sou otimista ao mesmo tempo.

BIZZ — *Num livro você manipula conceitos de maneira acumulada. Numa musica, tem que ser mais simbólico*

Mautner — Claro.

BIZZ — *Como se dá essa passagem?*

Mautner — Primeiro vem a musica. A logica e o raciocinio vem deste impulso da arte. Em primeiro lugar, tenho uma visao intuitiva. Daí posso recortar as coisas em pedacinhos, num artigo, fazer uma associação lógica, decupar numa explicação, num ensaio. É uma crise criativa que irrompe o tempo todo nessa terra em transe, quebrando o que já foi determinado, sempre mostrando que o presente, o instante, é mais importante.

BIZZ — *Você estava descrevendo uma realidade violenta. Agora no seu disco, Arvore da Vida, não senti uma violência formal. Você canta coisas fortes com uma voz muito suave...*

Mautner — É diplomatica, é inteligente, sinuosa, insinuante e sedutora. Ela não é chocante. Quero convencer as pessoas. Sou democratico.

BIZZ — *Como você analisa a repercussao do movimento de 64 na musica popular brasileira?*

Mautner — O Brasil tem grandes escritores — Guimarães Rosa, Jorge de Lima... — mas se comunica mesmo através dos sons. Os jesuitas conseguiram eliminar a antropofagia entre indios brasileiros, nao se sabe como, e introduziram uma linguagem universal brasileira através da musica. Foi através dos cantos dos indigenas, com letras dos jesuitas, que o Brasil se uniu como nação. A maior forma de comunicação foi pela musica. Depois vieram os negros geniais com mais musica ainda. Lembrei! Os jesuitas conseguiram acabar com o canibalismo dos indios pela musica, ensinando os adolescentes a tocar flauta. Mas você tinha perguntado...

BIZZ — *Como você analisa a evolução da musica popular brasileira de 64 pra cá? Como você vê o papel de Jorge Ben, Caetano, Gil nessa evolução?*

Mautner — São filosofos, pensadores, que transmitem informação. Eles são a grande literatura cantada e musicada, como fez Homero em seu tempo. Desde os enredos filosóficos das escolas de samba até a musica sagrada mesmo do candomble, da umbanda e da quimbanda, estamos na Grécia pura. Então a maior expressao cultural no Brasil — me desculpem os literatos e me desculpem os cineastas — é a musica popular. Quantos recados secretos de senzala para senzala ecoaram na forma de tambores? Isto é a História do Brasil. Pega por exemplo a obra do Car-

Acima, com Robertinho do Recife, no MPB Shell (81). Abaixo, a época do terceiro LP, As 1001 Noites de Bagdá (76)

Jorge ao vivo: canções e discursos inesquecíveis

tola, de quem a Som Livre, para redimir os pecados, lançou uma coletânea de algumas gravações entre as mais lindas feitas... ouça o Luiz Melodia. Veja só que poesia. Pega Ary Barroso, quantos literatos da classe média atingiram tanta profundidade? A música brasileira, são grandes romances, contos, novelas, fabulas, mesmo o samba-canção. São histórias. Se você acrescentar a isso toda a música caipira, nossa! Eu falava já em 58 nos meus escritos defendendo este lado, necessário, contra aquela sofisticação da bossa nova, que era, ao meu ver, de um pedantismo.
Veja ainda a importancia de Noel Rosa Wilson Batista, Assis Valente, todos novelistas da alma popular totalmente pasteurizado Começaram a sanear, higienizar, asseptizar. Veja você naquele festival financiado pela família Medina no Rio, teve todas as características do género, até com heavy metal. Aparentemente era a coisa mais violenta. Mas o heavy metal é aquela violencia controlada, ou a violencia do Estado terrorista pasteurizada, nao é a violência da rebelião do individuo, que Jimi Hendrix carregava. É o contrário de Woodstock O heavy metal é uma música infantil. Toda grande arte tem que ter quatro grandes características: a luta pela igualdade, pela liberdade, pela curiosidade e um bálsamo para o sofrimento

No show comemorativo dos vinte anos de carreira do amigo e parceiro Gilberto Gil, em São Paulo (87)

BIZZ — *Isso é o tronco. Mas como você viu a evolução de tudo isso de 64 a 70, de 70 a 80, até hoje?*
Mautner — Ah! Ah! Acompanhando o cinismo do capitalismo selvagem, a decadencia dos costumes, a roubalheira geral e a barbarie crescente, a desinformaçao programada contra as forças ilimitadas e mais fortes do coração da historia da alma, da emoção e da garra corintiana e rubro-negra deste povo. Quando o rock deixou de ser tocado por Jimi Hendrix, Janes Joplin, Caetano e Gil, deixou de ser heróico e revolucionário com Bob Dylan, até Little Richard, que inventou tudo. Quando historicamente nos países em 68 se dá a insurreição anarquista, no mundo inteiro os meios de comunicação se organizaram contra esse perigo A partir daquela data, o rock passou a ser *musica popular brasileira que reunem, segundo você, estas qualidades, na atualidade?*
Mautner — Seguindo a tradição de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, que são os gigantes deste Brasil de Villa-Lobos, a continuação é óbvia, é Caetano e Gil, que, irritando ou não as pessoas, agitaram Depois você teve Milton Nascimento Chico Buarque de Hollanda, Luiz Melodia e trabalhos de certos artistas que exigem mais do que reduzir o mundo a monstros Foi o Lobão que falou que a música popular brasileira tinha se tornado demasiadamente politica Então, os produtores inventaram o tal do rock para anestesiar. Com o passar do tempo este rock, com ele, Lobão, vem caminhando para o anarquismo, os Titas tambem, assim como o Cazuza, ficou de novo perigoso, entao inventaram o brega. Mas acontece que o brega, como a música caipira, é a última possibilidade do ouvinte ter música, melodia, letra, começo meio e fim Uma certa coisa que pode se aproximar da arte, e não uma barulheira total, e efeitologia descartável que invadiu o modismo do consumismo brasileiro Efeito e armação. Se você armar comercialmente bem, pagar bem e for bastante denominador comum, fizer ritmo para a massa, acompanhando o desejo de imbecilização através de letras cretinas... Desejo de debilização mental que é, por exemplo, mostrar o caminho para a turma achar que Jorge Mautner é um horror, é um chato, é um intelectual, e um estrangeiro, é um medonho, porque o certo é "Faloooou binchoooo" Se a idiotização total é o caminho, isto é deliberadamente politico Verbas de milhoes de cruzados novos ou antigos e dolares foram derramados para este fim. Enquanto isso, que coisa triste! 3% para a cultura!
BIZZ — *É "Fantastico*
Mautner — *(rindo)* — Isto é de um radicalismo atroz. Não somos nos os radicais. Sao eles. É de uma precisão impressionante. O interesse do país seria as pessoas começarem a ler e escrever. Não. Desde os programas da Xuxa ate o senhor Paulo Massadas: os que detem os meios de comunicação, Roberto Marinho ou Silvio Santos, a eles devia interessar começar a educar o povo Não Eles imbecilizam metodicamente
BIZZ — *Existe tambem o fator economico. Lançam o gibi da Xuxa porque sabem que vai vender mesmo. Tem publico*
Mautner — Tem enorme publico, o mator. Dez, quinze milhões de pessoas
BIZZ — *Entao é o publico que esta pedindo isso*
Mautner — Eles fazem o publico pedir. Eles tiram tudo das crianças Impedindo-as de ler, escrever, ter acesso à informação real, artistica, ouvir boa música, eles tiram tudo Até comida. Tiram as riquezas da alma. Depois de terem perpetrado este crime abominável, eles condicionam a criança com aquele aparelho nefasto que fica soltando radiaçoes o tempo todo e ficam condicionando as suas mentes 1.º) para ficarem para sempre imbecilizados 2.º) para fornecerem no futuro a mao-de-obra escrava. É um trabalho terrivel, exercido com o máximo demonismo.

BANANARAMA

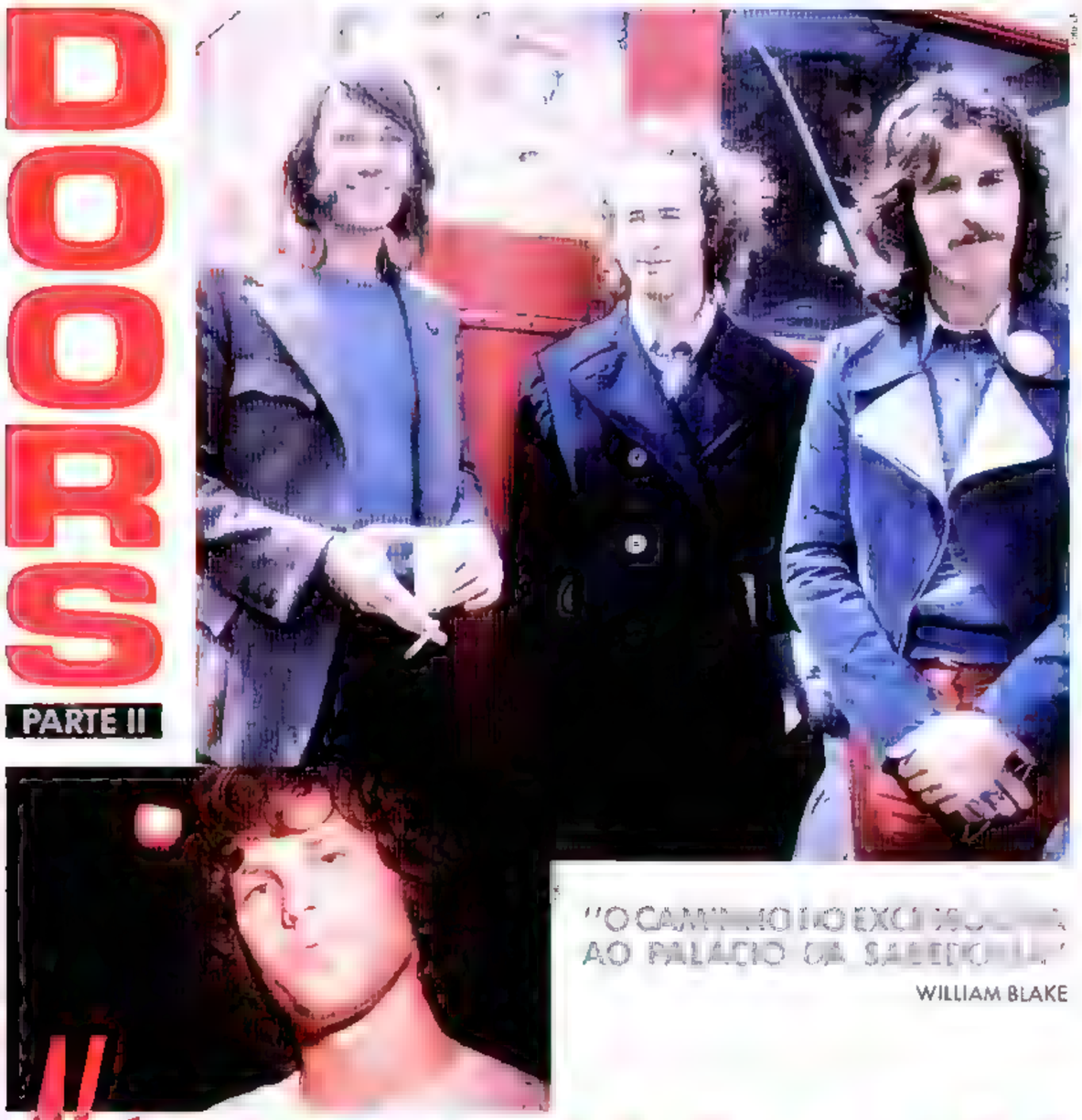
THE GREATEST HITS COLLECTION

Mais de 1 milhão de cópias vendidas na Inglaterra.
Consagração absoluta na Europa.
O LP Greatest Hits do grupo Bananarama
é um fenômeno que acaba de chegar ao Brasil.
O disco traz uma explosiva e inédita do clássico
Help dos Beatles e outros sucessos do Bananarama
como a regravação de **Venus**.

PolyGram

DOORS

PARTE II



"O CAMINHO DO EXCESSO LEVA AO PALÁCIO DA SABEDORIA."

WILLIAM BLAKE

NÓS QUEREMOS O MUNDO E O QUEREMOS JÁ!

Nove músicas próprias e covers para "Back Door Man", do bluesman Willie Dixon e "Alabama Song (Whiskey Bar)", parceria do teatrólogo e poeta alemão Bertolt Brecht com Kurt Weill: este foi o repertório escolhido pelos Doors para constar de seu primeiro álbum. Outras, como "Moonlight Drive" (a primeira canção do grupo, que seria regravada para o LP posterior) chegaram a ser gravadas, mas os Doors e o produtor Paul A. Rotschild decidiram concentrar esforços nestas onze faixas, o suprassumo do material registrado. Deste rol faziam parte: "Light My Fire" (o maior sucesso comercial dos Doors, que apesar de ter sido creditado ao grupo é de autoria quase que exclusiva do guitarrista Robbie Krieger), algumas composições mais antigas como "I Looked at You", "End of the Night" e "Take as It Comes", além de músicas mais elaboradas como "Break and Through", "Soul Kitchen" e, é claro, "The End"

Sem praticamente nenhuma experiência em estúdio — resumida apenas às demos de Jim Morrison, Ray Manzarek e John Densmore junto a outros músicos antes da entrada de Robbie os Doors encontraram na produção de Paul e no trabalho do engenheiro de som Bruce Botnick os perfeitos complementos para transpor sua sonoridade agressiva para o vinil. O álbum foi gravado em quatro canais, pois, apesar de já existirem estúdios de oito desde os anos 50, eles eram raros e estouravam qualquer orçamento na Califórnia de 1966. Mesmo assim, o resultado obtido foi brilhante, na interação dos vocais de Jim com os instrumentos, conseguida com um mínimo de recursos e que logrou contornar sérias dificuldades, como o fato de o grupo não usar baixo, através de *overdubs* dos teclados de Ray. Porém, apesar dos Doors terem feito as bases instrumentais de quase todas as faixas em dois ou três *takes*, o problema maior residia na participação de Jim, quase sempre chapado demais para acrescentar os vocais.

Ainda que não estivesse consumindo drogas em doses enormes como o faria posteriormente, Jim já se mantinha quase sempre bebado e louco de ácido. Isto fez com que várias das sessões de gravação tivessem que ser interrompidas e, dentre as músicas do grupo a de mais angustiante finalização tinha que ser "The End". Jim estava tentando arduamente achar a forma ideal de enquadrar os versos na canção e numa madrugada chegou ao estúdio obcecado por este problema, pôs-se nu e começou a atirar a areia de um cinzeiro e espuma de um extintor de incêndio sobre os instrumentos e equipamentos, sendo retirado de lá pelo produtor Paul. Foi ele que depois descreveu como "um momento mágico" o registro final de "The End", com todas as luzes do estúdio apagadas, exceto pelos indicadores de V.U. da mesa de som e uma vela na cabine de Jim. Apesar de todos os contratempos, o álbum foi gravado em apenas duas semanas, tendo sido necessárias mais cinco para a mixagem. Depois disto, os Doors seguiram para Nova York, onde fizeram algumas apresentações muito bem recebidas, inclusive no famoso clube Ondine's, frequentado por Andy Warhol e o pessoal de seu superatelie Factory, antes de retornarem à L.A. para o lançamento do LP.

The Doors foi editado em janeiro de 1967 e, ao lado de *The Velvet Underground With Nico Produced by Andy Warhol*, que saiu dois meses depois, talvez tenham sido os dois mais impressionantes álbuns de estréia concebidos durante os anos 60. Apesar das concepções sonoras diferentes — enquanto os Doors se pautavam em um instrumental com raízes no jazz e no blues, o Velvet Underground desenvolvia uma sonoridade mais crítica, a cargo das guitarras primitivas de Lou Reed e Sterling Morrison e da viola de John Cale, a abordagem dos temas e o clima de suas canções (especialmente as mais longas) uniam os dois grupos em uma "irmandade" que se opunha frontalmente ao "paz e amor" reinante. Eram como dois corpos alienígenas, mesmo dentro da profusão de *freaks* do famigerado "Verão do Amor" de 1967, tanto na Califórnia como em Nova York. Jim já havia ouvido com entusiasmo o som do Velvet durante a tour do *Exploding Plastic Inevitable* pela Costa Oeste em maio do ano anterior e percebido a afinidade entre o trabalho deles e o que ele iniciava com os Doors. Em meados de 1967, esta aproximação extrapolaria as esferas musicais, com Jim mantendo um rápido e turbulento *affair* amoroso com Nico, a glacial *chanteuse* que acompanhava o Velvet.

Mas houve uma diferença fundamental entre os dois grupos, decorrente da aceitação de seus álbuns: se o "disco da banana" do Velvet foi um fracasso de vendagem cultuado somente por um seleto punhado de admiradores, os Doors viam o segundo *single* retirado do LP — "Light My Fire", lançado em abril — entrar para as *Dez Mais* da *Billboard* no fim de junho e um mês depois alcançar o primeiro lugar. Em agosto, "Light My Fire" havia chegado à marca de um milhão de cópias e o LP *The Doors*, a um milhão de dólares em vendas. Enquanto isto, a partir de alguns shows no eixo L.A.–San Francisco, os Doors empreenderam uma tour nacional de avassalador sucesso, onde começaram a ocorrer os primeiros "pequenos incidentes" com Jim (que em um concerto em Long Island, ameaçou tirar a roupa no palco, para pânico dos donos do local). Ahado a este vertiginoso sucesso, a imagem de rebeldia de Jim à frente dos Doors — descendente direta de ícones como Marlon Brando e James Dean — começava a se projetar nacionalmente por suas aparições em programas de TV como os de Jonathan Winters e Ed Sullivan (es-

te com uma audiência de dez milhões de telespectadores). A mídia atribuía-lhes uma imagem de "resposta americana aos Beatles e aos Stones", e, a partir do fim de 1967, publicações como *Newsweek*, *Time*, *Life* e *Vogue* passariam a dedicar páginas e páginas ao culto de Jim, o "sonho americano". Este *frisson* logo incrementou as vendagens do segundo álbum do grupo, *Strange Days*, lançado em outubro.

Uma nova gama de inovações foi incorporada pelos Doors em sua segunda incursão pelos estúdios: para começar eles tiveram à sua disposição oito canais de gravação, que possibilitavam uma maior liberdade de criação, além de uma instrumentação mais requintada na qual as linhas de baixo, originariamente executadas pelos teclados de Ray, foram substituídas pelas do instrumento de cordas (no caso por Doug Lubahn, o primeiro de uma série de baixistas usados pelos Doors em suas gravações posteriores). Neste contexto experimental surgiram faixas como "Strange Days" (um dos primeiros usos do sintetizador Moog no rock), "Unhappy Girl" (com os inusitados teclados de Ray e o chimbau invertido tocado por John) e, de forma especial, os longos e envolventes climas de "When the Music's Over" (herdeira direta de "The End") e em "Horses Latitudes" (na qual Jim recitava um antigo poema seu sobre uma base de "música concreta", improvisada pelas pessoas presentes no estúdio, batendo garrafas em latas de lixo e cascas de coco nos ladrilhos do chão, entre outros ruídos). Desta feita, todo o material foi assinado pelo grupo e, das dez músicas do disco, duas tinham suas letras compostas pelo guitarrista Robbie: "Love Me Two Times" e "You're Lost Little Girl".

Menos de dois meses depois do lançamento de *Strange Days*, Jim foi retirado do palco por policiais durante uma apresentação em Newhaven, Connecticut, durante a execução de "Back Door Man": ele começara a descrever de forma sarcástica um episódio ocorrido pouco antes nos bastidores, no qual um policial borrifara seu rosto com um *spray* de gás lacrimogêneo. Jim foi autuado por distúrbio da ordem e resistência à prisão, sendo solto sob fiança. No início de 1968, ele estava novamente envolvido de forma pesada com LSD e bebidas, o que no entanto não o impediu de conceber planos cada vez mais audaciosos para o grupo. Dois *singles* — "The Unknown Soldier" e "Hello, I Love You", lançados em março e junho, respectivamente — apenas prenunciavam o que conteria o terceiro disco dos Doors. Na concepção de Jim, seria um álbum duplo, com um dos seus lados dedicado inteiramente à suíte "The Celebration of the Lizard", um longo poema escrito por ele e musicado pelo grupo, no qual reafirmava sua fascinação por répteis (como em alguns versos de "The End") e que lhe valeu a alcunha de Rei Lagarto. Porém, tanto o resto do grupo como o produtor e o engenheiro de som (novamente Paul e Bruce) mostraram-se insatisfeitos com os resultados obtidos não só com "The Celebration..." como também com outras das recentes composições dos Doors, depois de exaustivas sessões de estúdio. A solução foi recorrer a antigas canções do grupo ("Hello, I Love You", "Summer's Almost Gone") e criar novos arranjos (como os vocais à *capella* de "My Wild Love", improvisados no próprio estúdio) para tomar o lugar das faixas rejeitadas. Uma delas, "Waiting for the Sun" (posteriormente regravada no LP *Morrison Hotel*), é que acabaria dando nome ao álbum, a princípio intitulado *American Nights* e depois *The Celebration of the Lizard*, idéia deixada de lado pelo fato de que só um pequeno excerto desta suíte ("Not to Touch the Earth") foi incluído no disco.

Pouco antes do lançamento de *Waiting for the Sun*, os Doors começaram com um show de gala na noite de 5 de julho de 1968 no Hollywood Bowl, a primeira de uma série de excursões concorridas, porém tumultuadas.

Os dias estranhos: sucesso arrebatador, escândalos no palco e ordens de prisão

Depois de tocarem no Texas e no Havaí, eles se apresentaram — junto com The Who — no gigantesco Singer Bowl, em Nova York, em um trágico show durante o qual centenas de pessoas da platéia e policiais ficaram feridos após um grande confronto. Os problemas continuaram na tour européia de três semanas feita pelo grupo na sequência: em contraponto ao espetacular sucesso de sua passagem por Londres, em um dos shows em Frankfurt os Doors tocaram como um trio, com Ray assumindo os vocais, pois Jim teve que ser internado às pressas em um hospital por ter passado um dia inteiro se embebedando e comendo pedaços de haxixe. A sua relação com as drogas não tinha o caráter introspectivo daquele de sua companheira — Pamela Courson, que na época começara a se utilizar de heroína —, mas era uma porta de expansão para a sua personalidade intempestiva, que frequentemente se atirava nos mais incríveis excessos. Mesmo na ribalta, tais excessos às vezes custavam caro a Jim, como em um show no dia 1[illegible] de novembro, em L.A., onde, depois de dirigir provocações à platéia, ele quase foi alvejado por fogos de artifício.

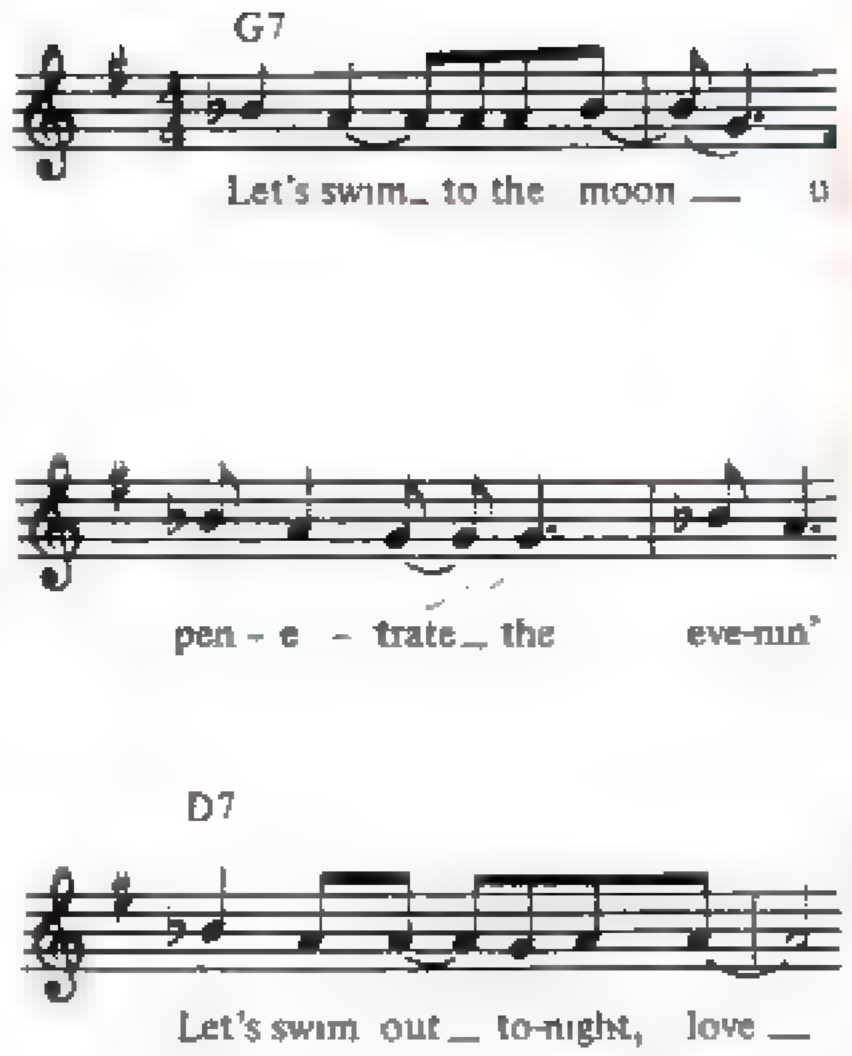
As atitudes incendiárias de Jim no palco fariam dos primeiros meses de 1969 um período capital na história dos Doors. Interessado de longa data no trabalho experimental desenvolvido pelo dramaturgo francês Antonin Artaud, Jim teve oportunidade de participar de um espetáculo de descendentes diretos de Artaud: o Living Theatre de Julian Beck e Judith Molina. A idéia de Jim foi a de aplicar os mesmos métodos chocantes e provocativos para aumentar ainda mais o impacto das apresentações dos Doors. A cristalização deste procedimento deu-se durante um fatídico show em Miami, Flórida. Jim, que há tempos vinha cultivando uma cerrada barba, assumira um ar mefistofélico muito distante de sua imagem de "sonho americano". Naquela noite, depois de insultar insistentemente a platéia com coisas do tipo "vocês são um bando de idiotas fudidos", ele abaixou as calças e simulou estar se masturbando, além de ter insinuado um *fellatio* com o guitarrista Robbie, entre outras amenidades. No dia seguinte, Jim, Ray, John e Robbie, acompanhados de suas respectivas namoradas — Pamela, Dorothy, Julia e Lynn —, partiram para o Caribe em férias, bem a tempo de Jim escapar de uma ordem de prisão expedida contra ele por "comportamento indecente, exibicionismo, linguagem obscena e bebedeira".

O "caso Miami" rendeu um sem-número de especulações sensacionalistas a respeito de Jim. Os Doors começaram a ter uma série de apresentações canceladas e, devido à sua repercussão, a questão acabou chegando até a alçada do FBI. Em 4 de abril, Jim se entregou à Justiça acompanhado de seu advogado, sendo libertado em seguida sob uma fiança de cinco mil dólares. Este seria o primeiro passo de um penoso e interminável processo que duraria mais de dois anos, até ser encerrado pela morte de Jim. Mas os problemas com a lei momentaneamente ficaram para trás, tendo em vista a estréia de um filme (*Feast of Friends*) e a conclusão de outro (*HWY*) — realizados pelos Doors junto a Paul Ferrara, Frank Lisciandro e Babe Hill, antigos colegas de Jim e Ray no departamento de Cinema da UCLA —, e também o lançamento de *The Doors Are Open*, documentário centrado em uma antológica performance do grupo no Roundhouse, em Londres. Foi também com satisfação que, nesta época, Jim viu seu segundo livro de poesias — *The New Creatures*, dedicado a Pamela — ser publicado em edição limitada, assim como o anterior (*The Lords/Notes on Vision*). Mas o júbilo maior ficou por conta dos Doors, quando em junho praticamente haviam terminado as complicadas sessões de gravação de seu quarto LP, que já se estendiam por mais de seis meses.

Com o lançamento de *The Soft Parade*, ficou comprovado que houvera mudanças sensíveis na concepção do grupo. A começar pelos créditos das músicas que, anteriormente sendo coletivos, foram pela primeira vez imputados individualmente e divididos de maneira salomônica entre Jim e Robbie. No plano musical ocorreu uma nítida sofisticação nos arranjos, com o uso ostensivo de cordas e metais, que chegava às raias de descaracterizar a crueza do som do grupo. É claro que ainda se destacavam o brilho de algumas canções de Jim ("Shaman's Blues" e "Wild Child") e Robbie ("Touch Me" e "Runnin' Blue", esta dedicada a Otis Redding), mas no cômputo geral, o resultado ficou aquém das expectativas, com possível exceção para a longa faixa-título composta por Jim, a que mais se aproximava, em termos de criatividade, da produção anterior do grupo. A acolhida de crítica e público foi um tanto reticente, mas mesmo assim — com a polêmica sobre o "caso Miami" parcialmente arrefecida — os Doors conseguiram confirmar vários shows e saíram em uma tour cujo roteiro compreendia desde Toronto, no Canadá, até a Cidade do México, atravessando os EUA. Nos palcos, um Jim de rosto barbeado e um pouco mais contido, o que não impedia que fora dele seu temperamento irascível lhe causasse uma série de pequenos problemas com a lei, pelos mesmos motivos de sempre.

Os planos da gravadora Elektra eram que alguns destes shows fossem gravados para que um disco ao vivo pudesse ser lançado antes do fim do ano, mas o projeto foi vetado pelo grupo, que decidiu se dedicar à preparação do material de um próximo álbum de estúdio. Desta forma, no começo de fevereiro de 1970, foi lançado *Morrison Hotel*, um LP que resgatava uma vitalidade não registrada pelos Doors em estúdio desde *Strange Days*. Pelos dois lados do disco — o primeiro batizado de "Hard Rock Café" e o segundo como "Morrison Hotel" —, transbordava uma energia exuberante, não só nos números mais pesados, como "Roadhouse Blues" (com a gaita de Giovanni Puglièse, também conhecido por John Sebastian) e "You Make Me Real", mas também em pungentes baladas como "Blue Sunday" e "Indian Summer". Isto sem contar a verve poética e a voz de Jim, que voltaram à sua melhor forma. O disco foi bem recebido e logo os Doors voltaram a excursionar, enquanto Jim teve os seus dois primeiros livros de poesias republicados em grande escala pela Simon & Schuster, de Nova York, ao mesmo tempo em que editava em tiragem limitada um terceiro: *An American Prayer*. Por outro lado, a maldita sina dos concertos do grupo cancelados por causa da má reputação de Jim continuava a persistir, agravada pelo impasse gerado pelos constantes adiamentos do "caso Miami" e outros "delitos menores".

Sob estas circunstâncias, Jim decidiu passar algum tempo em Paris, terra de Baudelaire, Rimbaud e outros mentores de seu estilo poético, para manter-se um pouco afastado do cenário do rock e fazer planos para o futuro. Antes, fechou um contrato verbal com a MGM para atuar e participar do roteiro e da



Jim Morrison

Sobre os compassos iniciais de "Moonlight Drive", a capa da edição que reúne os dois primeiros livros de Jim

produção de dois filmes (*The Adept* e *Cork*), projetos que nunca chegou a concretizar. Foi então, que ocorreu um dos acontecimentos mais insólitos da vida imprevisível de Jim: de passagem por Nova York para levar alguns *tapes* ao vivo dos Doors para serem remixados, reencontrou Patricia Kennely, editora do magazine *Jazz & Pop*, que conhecera durante uma entrevista há pouco mais de um ano. De súbito, decidiu se casar com ela antes de embarcar para a Europa, o que se deu em uma excêntrica cerimônia no apartamento gótico-vitoriano de Patricia, seguindo os rituais de feitiçaria de uma seita que ela seguia.

Viajando de Paris para a Espanha e depois para o Marrocos, Jim só retornou a L.A. em julho, pouco antes do lançamento do álbum duplo *Absolutely Live*. Este trazia como novidades as versões ao vivo de músicas até então nunca registradas em vinil, como "Build Me a Woman", "Universal Mind" e "Love Hides" junto a covers inéditas de Bo Diddley ("Who Do You Love") e Willie Dixon ("Close to You"), além da única versão integral editada oficialmente da suíte "The Celebration of the Lizard". Durante os dois meses seguintes, Jim — que deixara crescer a barba novamente — foi convocado para sucessivas audiências no tribunal de Miami, ao mesmo tempo que ficou sabendo que Patricia estava grávida. Para acentuar ainda mais a sua depressão, ele viu a segunda *tour* que os Doors fariam pela Europa ficar reduzida a uma única e desastrosa apresentação no festival da ilha de Wight, em 29 de agosto. Angustiado por esta situação, Jim se afunda novamente no álcool e nas drogas pesadas como a cocaína — que ele começara a consumir com avidez há pouco mais de um ano —, a heroína, na qual iniciara-se por influência de Pamela, antes que uma briga entre ambos a fizesse mudar para Paris.

As coisas só começariam a melhorar no fim do ano, quando Patricia atendeu aos insistentes pedidos de Jim e fez um aborto. Ao mesmo tempo, a Elektra lançava a compilação *13* — apenas com faixas já editadas anteriormente — e dava sinal verde para que os Doors iniciassem as gravações de um novo álbum. Além disso, na data de seu vigésimo-sétimo aniversário (08.12.1970), Jim conseguiu junto à gravadora a cessão de algumas horas de estúdio, as quais dedicou à gravação de trechos de seu livro *An American Prayer* (um material que seria lançado postumamente em 1978 em um LP homônimo, no qual os textos recitados por Jim foram agregados a um fundo musical executado pelos três membros remanescentes do grupo). No início de 1971, as coisas estavam ainda melhores para Jim, com Pamela tendo voltado de Paris para se reconciliar com ele e os Doors embalados com força total na elaboração de *L.A. Woman*. A idéia era fazer um álbum profundamente enraizado no blues, gravando os instrumentos e os vocais ao vivo no estúdio — que no caso era o próprio local de ensaio deles — e com um mínimo de *overdubs*. Para completar o time, eles chamaram Jerry Scheff (ex-baixista da banda de Elvis) e Marc Benno (que participou de algumas faixas como guitarrista-base). Desta forma, foram gravados vários números ligados diretamente à tradição do blues ("Been Down So Long", "Cars Hiss by My Window" e até "Crawling King Snake", de John Lee Hooker) e canções mais próximas do estilo musical dos Doors, como "The Changeling", "L.A. Woman", "L'America" (que fora anteriormente excluída da trilha de *Zabriskie Point*, de Antonioni), além do tempestuoso

...clima de "Riders on the Storm".

Esta última música havia sido a gota d'água na relação — já estremecida desde as gravações de *Morrison Hotel* — dos Doors com o produtor Paul A. Rothschild, que depois de ouvi-la a classificou como "música de coquetel". Na verdade, Paul não tinha em absoluto compartilhado do entusiasmo do grupo em relação aos seus novos trabalhos e retirou-se sumariamente da produção, cabendo ao engenheiro de som Bruce Botnick, associado aos próprios Doors, a tarefa de terminar o LP. Nem mesmo Jim esperou a conclusão das mixagens e, no começo de março, viajou para Paris para encontrar com Pamela, que pouco antes tinha seguido para lá. Um mês depois, o álbum foi lançado e, mesmo alcançando níveis iniciais razoáveis de vendagem, não conseguia decifrar a incógnita em que se transformara o futuro dos Doors. Afinal, este era o último disco previsto pelo contrato com a Elektra e, de seu exílio voluntário em Paris, Jim tinha sérias dúvidas quanto a continuar a sua trajetória de *rock star* ou mergulhar de vez na poesia e na literatura.

Este dilema manteve-se sem solução, com a morte repentina de Jim em 3 de julho. Foi o ponto final de uma existência repleta de todos

Morre o Rei Lagarto: as portas tornam a se fechar

os tipos de excessos, dos mais vitais aos mais letais. Sua companheira Pamela não demoraria a seguir o mesmo caminho, morrendo de *overdose* de heroína menos de três anos depois. Quanto aos outros membros do grupo, a princípio incentivados pelo selo Elektra, tentaram levar adiante a legenda dos Doors tocando como trio, com Ray e Robbie revezando-se nos vocais. Os esforços foram em vão, pois a porta principal já estava fechada. Depois do LP *Other Voices* (lançado em novembro de 1971), onde ainda alguns lampejos de inspiração salvavam-se em meio às fracas composições, o trio ainda cometeu em julho de 1972 o álbum *Full Circle*, um bem-vindo epitáfio para uma carreira tão espetacular como a dos Doors. Era triste, mas verdadeiro: o círculo estava completo. Ascensão, glória e declínio.

Nunca mais, nem como músicos ou produtores, as três "portas" sobreviventes conseguiram repetir a intensidade da chama criativa que envolvia o som do grupo na companhia do Rei Lagarto. Talvez seja por isto que seu trabalho, mesmo duas décadas depois, ainda continue resplandescendo. Afinal, Jim sabia que a música seria a sua única amiga, até o fim.

Celso Pucci

DISCOGRAFIA COMPLETA

THE DOORS
DISCOS OFICIAIS

CS — *"Break on Through"/"End of the Night"* (01/1967); LP — *THE DOORS* (01/1967, editado no Brasil pela Philips em 1968); CS — *"Light My Fire"/"The Crystal Ship"* (04/1967, relançado com *"Love Me Two Times"* do lado B em 04/1971 e [illegible]); [illegible] CS — *"Alabama Song"* [illegible] (1967, apenas em [illegible]); CS — *"People Are Strange"/"Unhappy Girl"* (09/1967); LP — *STRANGE DAYS* (1967, editado no Brasil pela WEA em 19[illegible]); CS — *"Love Me Two Times"/"Moonlight Drive"* (1967); CS — [illegible]; CS — *"Hello, I Love You"* [illegible] (06/1968); LP — *WAITING FOR THE SUN* (07/1968); CS — *"Touch Me"/"Wild Child"* (12/1968, relançado com [illegible] do lado B em 04/1971); CS — *"Wishful, Sinful"/"Who Scared You"* (02/1969); CS — *"Tell All the People"/"Easy Ride"* (05/1969); LP — *THE SOFT PARADE* (07/1969); CS — *"Runnin' Blue"/"Do It"* (08/1969); LP — *MORRISON HOTEL* (02/1970, editado no Brasil pela CBS em 19[illegible] e [illegible] pela WEA em 1986); CS — *"You Make Me Real"/"Roadhouse Blues"* [illegible]; CS — *"You Make Me Real"/"The Spy"* [illegible] (197[illegible], apenas em edição inglesa); CS — *"Roadhouse Blues"/"Blue Sunday"* (06/1970, apenas em edição inglesa); LP(2) — *ABSOLUTELY LIVE* [illegible] (1970, editado no Brasil [illegible] WEA como álbum simples em 19[illegible]) [illegible]; LP — [illegible]; CS — *"Love Her Madly"/"Don't Go No Further"* [illegible] (1971); LP — *L.A. WOMAN* (1971, editado no Brasil pela Phonogram em 197[illegible] e reeditado pela WEA [illegible]); CS — *"Riders on the Storm"/"The Changeling"* (06/1971, relançado com *"Love Her Madly"* do lado B [illegible] 1972 e com *"L.A. Woman"* [illegible] em 03/1976, apenas em edição inglesa); CS — *"Tightrope Ride"/"Variety is the Spice of Life"* (1971); LP — *OTHER VOICES* (1971, editado no Brasil pela Phonogram em 1971); LP(2) — *WEIRD SCENES INSIDE THE GOLD MINE* (coletânea com [illegible]); [illegible] CS — *"Ships w/ Sails"/"In the Eye of the Sun"* (1972, apenas em edição inglesa); LP — *FULL CIRCLE* (1972, editado no Brasil pela Continental em 1972); CS — *"The Mosquito"/"It Slipped My Mind"* (09/1972); CS — [illegible] (1972, apenas em edição inglesa); LP(2) — *THE BEST OF THE DOORS* (coletânea, 08/1973, editado no Brasil pela Continental em 1973 e reeditado pela WEA em 1986); LP — *AN AMERICAN PRAYER* [illegible] (coletânea [illegible]); [illegible] *Roadhouse Blues* [illegible]; CS — *"Roadhouse Blues"* [illegible] (1979, apenas em edição inglesa); LP — *THE DOORS GREATEST HITS* [illegible] (coletânea [illegible]); LP — *ALIVE, SHE CRIED* [illegible] (10/1983, editado no Brasil pela WEA em 1984); CS — [illegible] *Love Me Two Times* [illegible]; LP — *THE DOORS LIVE AT THE HOLLYWOOD BOWL* (ao vivo, 07/1986, editado no Brasil pela WEA em 1987).

(Todos os discos acima foram lançados originalmente pelo selo Elektra.)
(Obs.: Os discos com sinal * [illegible])

DISCOS PIRATAS
LP — *MOONLIGHT DRIVE* [illegible] *LIVE AT THE MATRIX, SAN FRANCISCO)* ou *WEIRD TRIANGLE* (1967, sem selo); LP — *THE LIZARD KING LIVE AT THE ROUNDHOUSE, LONDON* (1968, Roundt); LP(2) — *RESURRECTION* (1968/69, Paris); LP(2) — *CRITIQUE* (1968/69, [illegible]); LP(2) — [illegible] (1965 e 1970, Z1905, [illegible]).

DISCOS SOLO
Ray Manzarek
LP — *THE GOLDEN SCARAB* (1974, Mercury); LP — *THE WHOLE THING STARTED WITH ROCK & ROLL NOW IT'S OUT OF CONTROL* (1974, Mercury); LP — *CARMINA BURANA* (1983, A & M).

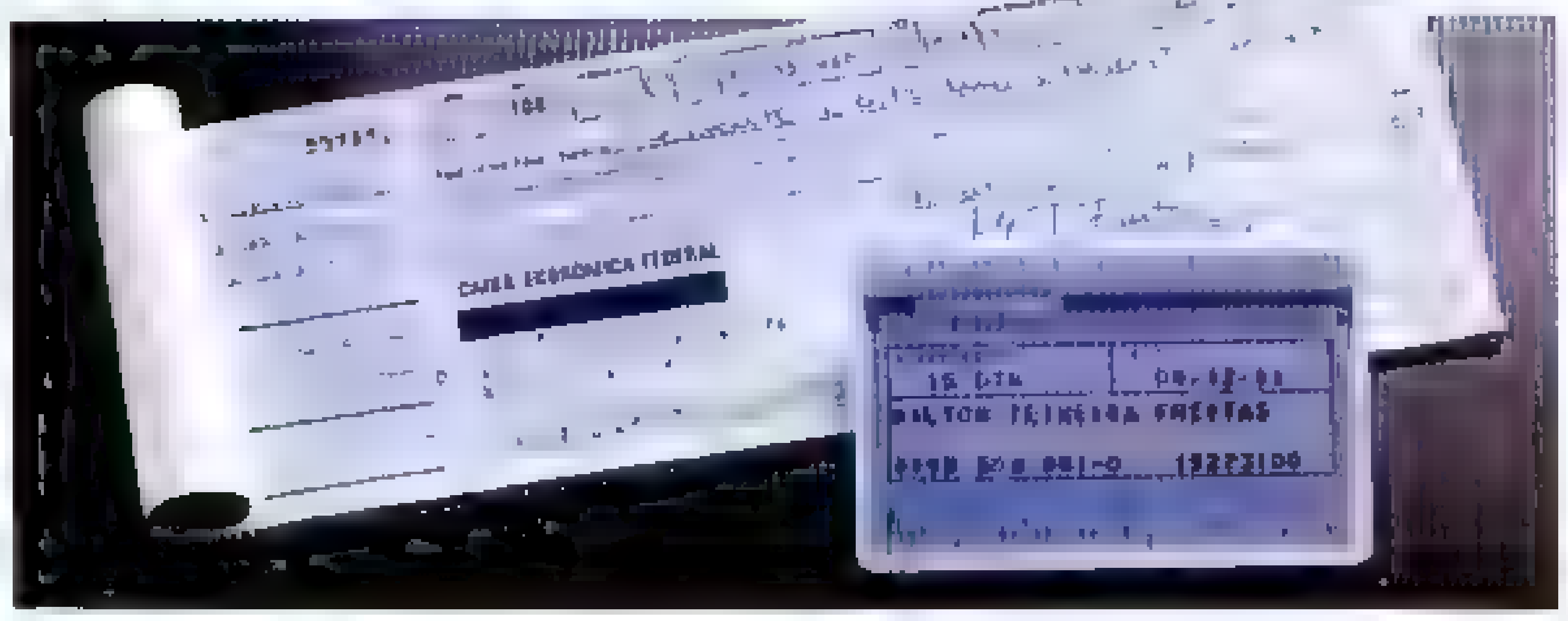
Robbie Krieger
LP — *ROBBIE KRIEGER & FRIENDS* (com John na bat[illegible]) [illegible]; LP — [illegible] (1977, Blue Thumb); LP — [illegible] (1982, [illegible]).

DISCOS DE GRUPOS FORMADOS POR MEMBROS DOS DOORS
LP — [illegible] *BUTTS BAND* [illegible]; LP — [illegible] (1975, Blue Thumb); LP — *NITE CITY* (Nite City, com Ray nos teclados, 1977, 20th Century); LP — *GOLDEN DAYS, DIAMOND NIGHTS* (Nite City, com Ray nos teclados, 1978, selo desconhecido) [illegible]

DISCOS COM PARTICIPAÇÕES DE MEMBROS DOS DOORS
LP — *COMFORTABLE CHAIR* [illegible]; LP — [illegible] *REAL* (Jimi Hendrix com [illegible]); LP — [illegible]; LP — *LOS ANGELES* (X, com Ray [illegible]); LP — [illegible]; [illegible] *Jimi Hendrix* (com Jim [illegible]); LP — *WILD GIFT* (X, com Ray na produção, 1981, Slash); LP — *THE ZIPPERS* (The Zippers, com Ray na produção, 1981, Rhino); LP — [illegible]; LP — [illegible] (quatro faixas, 1982, Rhino); LP — *UNDER THE BIG BLACK SUN* (X, com Ray na produção, 1982, Elektra); LP — [illegible] (1983, Rhino); LP — *MORE* [illegible] (WEA [illegible])

CONVENÇÕES:
LP — Long Playing
LP(2) — Álbum Duplo
CS — Compacto Simples

COM CHEQUE AZUL TODO MUNDO VÊ A COR DO SEU DINHEIRO.



CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL

U2

RATTLE AND HUM

A EPOPÉIA

DA MAIOR BANDA DE ROCK DOS ANOS 80

EM ÁLBUM DUPLO E LONGA METRAGEM

JÁ NO BRASIL

wea

ISLAND

TRACY CHAPMAN

TRACY CHAPMAN O MAIOR FENÔMENO DE 1988...

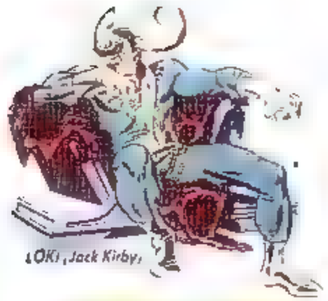
"Agora tem uma cantora aqui que está fazendo um sucesso fantástico. Chama-se Tracy Chapman. É simplesmente... É inesperado, sabe! Ela canta com um violão uma música com um arranjo realmente muito simples. O clip também é muito simples, a música tem uma letra forte. É muito boa, realmente muito boa".

Jornal O GLOBO - 25/09/88 - (Entrevista com ROBERTO CARLOS)

JÁ A VENDA EM DISCO E FITA

wea

ELES SÃO O RIO



Sem dúvida, a grande surpresa de nossa eleição dos* Melhores de 88 *foi a presença maciça do novo pop carioca — principalmente na expressiva votação obtida por duas bandas que fazem de sua geografia natal inspiração de delírios universais. Um outro Rio — às vezes vazado pelo realismo asfalto-morro, outras mítico e mitológico — mas sempre distante do lugar comum, do cartão postal, do ponto turístico. O* Black Future *vem da Lapa, velho centro boêmio, os* Picassos Falsos *vêm da Tijuca — foco de um carioquismo peculiar e específico. No Universo Marvel, por exemplo, o BF balança entre Thor, deus do trovão, e Loki, seu irmão maligno, enquanto para os Picassos Falsos o Bem e o Mal, o Amor e Ódio convergem na figura única de Wolverine. Mas esta é apenas uma face de uma história que precisava ser contada...

Em algum lugar do passado, Caetano Veloso declarou ser Rita Lee a "mais completa tradução" de São Paulo. Mas, como vivemos outros tempos, talvez essa tradução precisasse ser revista e atualizada. E qual seria então a tradução musical do Rio de Janeiro dos dias atuais? O tempo dos barquinhos de Menescal e das "waves" de Tom Jobim, da bossa nova, com certeza não tem (quase) mais nada a ver com a cidade.

Para uma cidade com tantos contrastes, as versões são múltiplas e diversificadas. Desde os sambistas com sua visão de cima, ou melhor, do alto dos morros, cantando o seu Rio dos trens lotados, da falta de emprego, dos preconceitos sociais —, até os roqueiros, com sua visão plana, ou melhor, do asfalto. Curiosamente, as duas visões se entrelaçam: a tal vida bandida impressa diariamente nas manchetes de jornais também serviu de enredo recentemente para Lobão.

Mas, apesar de abrigar milhares de bandas de rock, raríssimas foram as que fizeram uso da fusão "morro-asfalto". Duas delas se aventuraram — com conhecimento de causa ou não — por esses caminhos, radiografando um Rio de Janeiro bem diferente da imagem vendida internacionalmente. As bandas Black Future e Picassos Falsos desprezam o lado "cartão-postal", preferindo andar pelo lado mais selvagem da cidade. O berço nem sempre esplendido de cada uma delas mostra claramente como o meio onde foram geradas e criadas influencia todo o seu trabalho.

* * *

Conhecemos pela Black Future, que desde o início vem misturando elementos do bairro onde surgiu, a lendária e boêmia Lapa, dos cabarés, dos malandros e das prostitutas, hoje cercada de arranha-céus e cedendo lugar aos poucos às modernas construções. Engrossam o coquetel, temas absorvidos de histórias em quadrinhos e de leituras do teatrólogo francês Antonin Artaud.

Os primeiros sinais de vida da banda começaram com experiências de Marcio Bandeira, o popular "Satanésio" (apelido criado pelo baixista da banda. O amar Júnior, baseado num personagem de quadrinhos brasileiro), junto a Carlos Antonio, o "Tantão", e Lui, além de outros amigos.

Essas primeiras experiências eram um namoro com traquitanas eletrônicas, como máquinas de ritmos de primeira geração e pedais, que se misturavam a vozes internacionais captadas de ondas curtas através de um velho rádio-gravador e instrumentos musicais primitivos, como berimbau, cuíca, agogô, e ainda um velho violino que Tantão comprara num brechó e estava aprendendo na marra.

Paralelamente às pesquisas musicais, Tantão e Lui também se aventuravam pelas artes plásticas. Por isso, os primeiros e poucos shows desta fase — em que se chamavam Divisão Anti-Panzer — misturavam performances, artes plásticas e música. Num deles, enquanto o grupo tocava, Lui ficava de costas para a platéia e ia se pintando. Ao fim do curto ato, ele se virava, transformado numa tela viva e multicolorida.

Como Lui sempre foi avesso à exposição pública (para os que não sabem, ele é o mesmo que foi capa e nome do segundo LP dos Paralamas, *O Passo do Lui*), preferiu ficar com seus pincéis e passou a acompanhar o trabalho dos amigos de perto, mas fora do palco. Foi aí que surgiu realmente o Black Future, em outubro de 1984, num show estranhíssimo no então "templo da juventude dourada", a danceteria Mamão com Açúcar, abrindo para João Penca & Seus Miquinhos Amestrados. Ficou claro, desde a caótica primeira apresentação, que a Black Future seria uma banda sem meios-termos, do tipo "ame-a ou deteste-a".

Entre apresentações cada vez mais barulhentas, houve uma lendária no Let It Be Bar em Copacabana, que contou até mesmo com a presença do saxofonista dos B-52's — que se apresentava no Rock in Rio —, onde a tal "no-wave" novaiorquina foi demonstrada na prática. Fora o caos sonoro armado por eles, o Black Future é certamente um dos poucos grupos no mundo onde o cantor principal (e responsável pelas letras), Marcio Bandeira, chega em alguns shows a chorar enquanto desfia seus pesadelos artaudianos, entre céu e inferno, Thor e Loki.

A relação da banda com o meio em que vive, a Lapa, é de namoro e amizade. Afinal, conhecem cada curva da rua do Riachuelo, apelidada de rua Mapple em referência a um episódio da série *Twilight Zone Além da Imaginação* — por acaso, eleito como o melhor pelos fãs —, "Incidente em Mapple Street". Eles simplesmente decodificam o que o meio lhes apresenta e, seguindo o método artaudiano, passam a arte para a vida e a vida para a arte, transformando-as numa coisa só, como explica Satanésio:

"É o batuque do candomblé e umbanda, os travestis se cortando, tudo o que nos vimos acontecer ali na nossa esquina. Somos a trilha sonora do Rio. Não só da Lapa, do Rio em geral. A gente também curte o Baixo Leblon, o Borel, o Gotham City. E mesmo 'Eu sou o Rio' sendo um samba, é um samba feito pelo Black Future."

* * *

Além de trilha do Rio *noir*, o BF é também a trilha do fim. Não no estilo Nostradamus. Não um fim absoluto. Cada pessoa tem sua visão do fim — o Black Future só fornece a banda de áudio e parte do texto. Sonoramente, eles evoluem de acordo com o caminhar

CASSO ... MALSOS ...

CENTRO

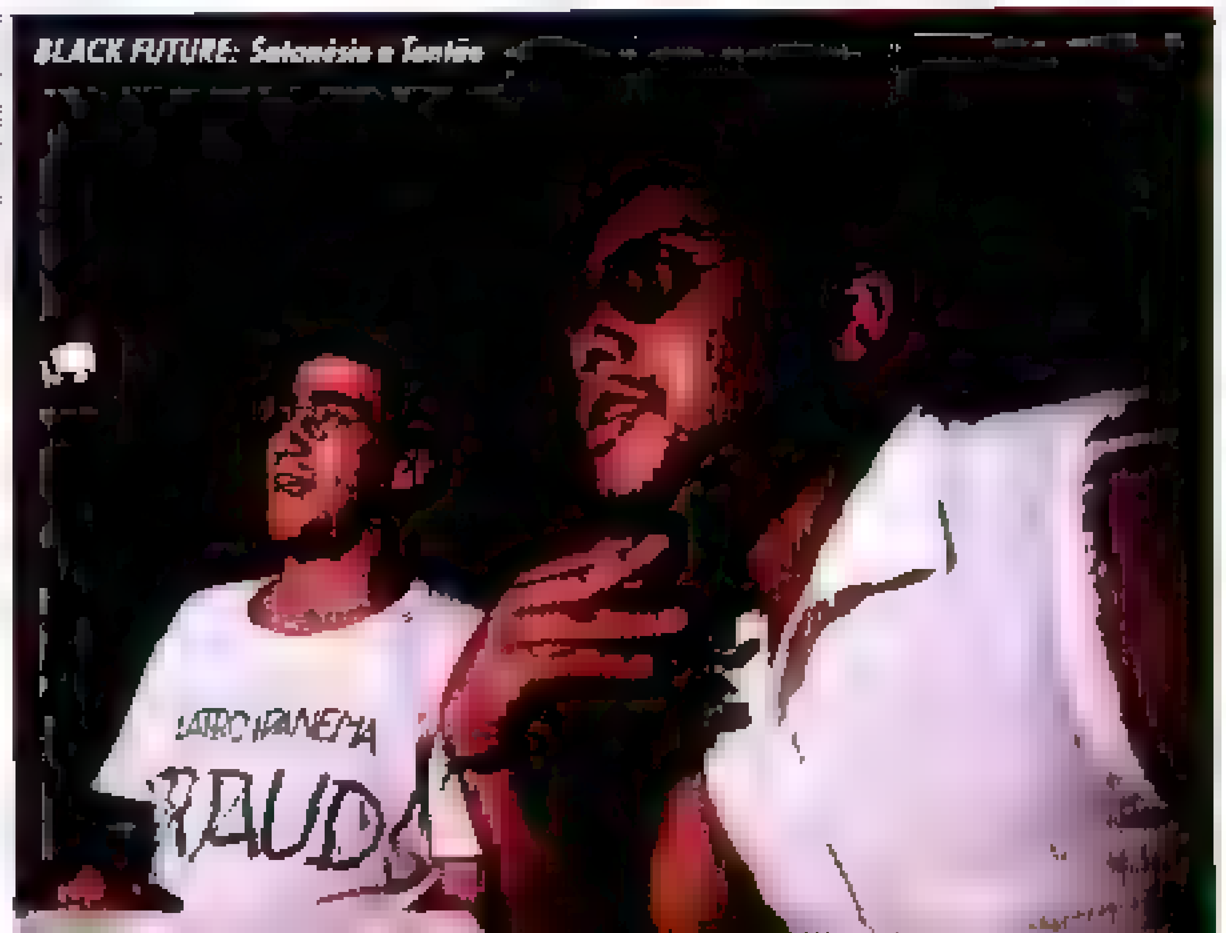
O centro da cidade nunca foi conhecido como lançador de estilos, até que o movimento punk aportou lá. O bairro de Fátima e a Cinelândia, no começo desta década, serviram de *point* para punks locais e de outras plagas que vinham tocar na cidade. A casa de Satanésio — que antes de descobrir Artaud era um ferrenho fã dos Dead Kennedys e exímio em *divers* durante shows no Circo Voador — e casas de amigos vizinhos serviam de pousada, local de reuniões e ensaios de diversos grupos punks, como Coquetel Molotov, Desespero, Desordeiros, Eutanásia. O "Contingente da Rua do Riachuelo", assim como o Bromley inglês, revelou muita gente boa, que hoje atua em diversas áreas que não apenas musicais.

NORTE

Se Copacabana foi o berço da bossa nova, coube a Tijuca ser a mãe da modernínha e pra-frentex Jovem Guarda, a primeira forte manifestação rock brasileira. Na rua do Matoso, nas cercanias da casa onde hoje mora Ed Motta, seu tio Tim Maia, Erasmo Carlos, Carlos Imperial e Roberto Carlos se conheceram e começaram a articular o movimento que ganhou o país através do programa homônimo que a TV Record de São Paulo transmitia para todo o Brasil. A temática da Jovem Guarda era a completa negação de tudo o que acontecia então. Atualmente, a zona norte vive uma nova efervescência, com inúmeras bandas de rock brotando da Tijuca, e de outros bairros tradicionais como Méier, Madureira e Lins. Ed Motta & Conexão Japeri vão além, falando dos subúrbios em geral com seus funks suingantes; e, na Baixada Fluminense, um ativo circuito de bandas de reggae movimentam lugares como Nova Iguaçu, Caxias e São João de Meriti, mesclando a ideologia rasta com a realidade violenta que os cerca. Mas isso é papo para outro dia.

SUL

No final dos anos 50, inspirada pelo jazz americano, nascia a bossa nova, a partir de encontros musicais no apartamento de Nara Leão, em Copacabana — frequentado por nomes como Tom Jobim, Carlos Lyra e Vinícius de Moraes. Bastava um banquinho e um violão, já que a inspiração vinha da vida à beira-mar naquele Rio dos Bons Tempos. A zona sul, desde então, só voltou a ser animada musicalmente com a proliferação das bandas de rock da geração 80: Fausto Fawcett & Os Robôs Efêmeros, com sua óperas quilométricas sobre a Copacabana final de século; a banda *two-tone* Kongo, trazendo o linguajar praiano em canções como "Biquíni Defunto" e "Latinha"; o psycho-sexo-a-bily da banda Big Trep (nome família do Grande Trepada) em "Surf Drácula", o inclassificável Urge, registrando ruas engarrafadas e o calor incendiário; e o estilo "roxy" do Brasil Palace, resgatando a imagem do Rio elegante nos anos 50 em versos como "Copacabana não engana mais ninguém"



BLACK FUTURE: Satanésio e Tantão

A TOPOGRAFIA DO RIO
JÁ VIU NASCER ENTRE AS ZONAS NORTE,
SUL E CENTRO, DIVERSOS ESTILOS
MUSICAIS. AQUI, UM PEQUENO MAPA
DOS MAIS IMPORTANTES.

Ilustração: LUIZ GUSTAVO

dos equipamentos eletrônicos usados (a maior parte emprestado), e adicionam outros ruídos com o que cair nas mãos.

Os "instrumentos" dominados por Marcio são Frank Miller, Artaud, Edgar Allan Poe e recentemente, Decio Pignatari. Tantão nem toca mais o velho violino, para não se aborrecer. "Ele dava muito *tilt* nos shows. Aliás, um karma que acompanha os shows da banda são os problemas na aparelhagem de som.

Ambos largaram tudo para se dedicar ao grupo. Marcio terminou o segundo grau e deixou um curso de eletrônica, e Tantão o emprego de desenhista num estaleiro. Mesmo cansados por estarem há quatro anos na estrada e não acontecer nada, o BF é para eles um estilo de vida.

Os outros "blacks", Olmar e Edinho (guitarrista que também atua no Kongo) funcionam em relação à dupla principal como um

choque de matéria e antimatéria.

* * *

Se o Black Future é uma versão low-tech daquele Rio mostrado pelo cineasta Nelson Pereira dos Santos em filmes como *Rio 40 Graus* e *Rio Zona Norte*, os Picassos Falsos, aparentemente — através das letras de Humberto F. —, funcionam no estilo crônica, como as feitas por João do Rio, destilando seu humor satírico no início do século. Os quatro Picassos — além de Humberto (voz e letras), Luiz Gustavo (guitarra), Luiz Henrique (baixo) e Abilio (bateria) — são "cariocas da gema". Há 24 anos moram na Tijuca — com exceção de Abilio, que passou os quatro primeiros anos de sua vida no bairro da Glória.

Para Humberto, esse é o tipo de informação que acaba influenciando por vias diferentes. Tenho uma relação muito mais pura com esta realidade. Eu lia e ouvia coisas, mas na prática eu as conhecia aqui, saindo para as ruas, tendo o morro do Borel ao lado. Esse contato direto com coisas e pessoas aqui acaba interferindo diretamente no que a gente faz." Já Gustavo observa certas características especiais do tijucano: "Costuma ser individualista, reacionário e ter alto poder aquisitivo. A Tijuca não se parece com nenhum outro bairro". Luiz Henrique, também conhecido por Minhoca, acredita num clima de solidariedade. "Somos roqueiros. Existe uma tradição heavy vinda dos antigos fãs do Rush. Os que gostam de música costumam se reunir na loja de discos Sub-Som (que bancou a primeira fita demo deles). A Tijuca é meio provinciana e meio cosmopolita. E ainda há aquela estória de que quem mora aqui é filho de milico com normalista."

Na verdade, eles tiveram educações semelhantes e, como tantas outras bandas, acabaram se conhecendo no colégio. Os interesses musicais pintaram por essa época. Luiz Henrique começou pelo que seu irmão mais velho (fã incondicional de Led Zeppelin) ouvia, e foi descobrindo Who, Police, Clash e Jam. Antes de pegar no baixo, passou pelo violão. Luiz Gustavo, ainda garoto, acompanhava o tio com sua equipe de som, "Módulo Magnético", nos anos 70. Desde então elegia seus preferidos: James Brown e Marvin Gaye. Em 78 desviou sua rota para Salvador, onde um primo mais velho o apresentou a Zeppelin, Johnny Winter, a Cor do Som, indo parar no pop vigente onde Steely Dan era apreciado. Um amigo incentivou-o a tocar violão. "Foi no dia 7 de agosto de 81 que tive minha primeira aula. Foi tão importante que até hoje lembro a data certa." Laços afetivos e/ou familiares também interferiram na formação musical de Abilio, que aprendeu um pouco de piano em 75, porque seu primo tinha um em casa. Não dá muito tempo. "Eu queria tocar qualquer instrumento. Como achavam que não tinha muito jeito com cordas, optei pela bateria, julgando que fosse mais fácil. Hoje já não penso assim." Sempre ouviu muito Genesis e Chico Buarque, passando depois pelo disco music, mas permanecendo fiel ao rock e à MPB.

Aliás, os três simpatizavam com o som disco — assim como a maioria dos adolescentes dessa geração. Embora contasse com a frieza de alguns, a febre das discotecas não passou despercebida. Como ficavam localizadas na zona Sul, em qualquer playground tijucano se improvisava uma. "Bastava um equipamento de som estéreo e luzes de fabricação caseira piscando", atestam os rapazes.

Enquanto os outros caíam nos embalos de sábado à noite, Humberto se ocupava escrevendo contos e poesias e já dedilhava um violão sem muita convicção. Junto com o amigo Cabral — outro que abominava tais festinhas — colocava sua cabeça para delirar ao som de Crosby, Stills, Nash & Young, Rainbow e Deep Purple. "Ouvir esse tipo de som funcionava como uma fuga existencial". Em 80, o disco de Gilberto Gil ao vivo em Montreux foi decisivo para marcar seu interesse posterior por Caetano e Luiz Melodia. "Outro fato importante para mim foi o aparecimento do rádio Fluminense, que chegou para tirar o atraso. Foi quando ouvi o Echo & The Bunnymen e tomei conhecimento das bandas pós-punk.

Lá pelo ano de 83, Luiz Henrique, Gustavo e Abilio faziam suas primeira apresentações sob o nome de Eletroforese — nome tirado de uma aula de química. Os ensaios se alternavam na casa de um e de outro, até que o nível de decibéis cedeu a pressões familiares. A solução foi a casa de Armando, onde vários outros se reuniam para levar um som — entre eles, integrantes do Conexão Japeri, Eterno Grito, Jet Deduh e Dose de Bassa. Algo como o apartamento de Nara Leão na época do nascimento dos grandes nomes da bossa nova, ainda que numa comparação grosseira.

O Eletroforese tocava covers de Zeppelin, Who, Barão Vermelho e Paralamas, além de composições próprias. Nessa época, Humberto chegou a ser indicado para vocalista e letrista — mas Gustavo o considerava "muito MPB". E foi justamente por diferenças estéticas que a banda se separou. Luiz Henrique abraçou o punk e formou o Nos na Garganta. Gustavo e Abilio juntaram-se finalmente a Humberto e mais o baixista Caica, dando origem à banda O Verso. Gustavo conta que o entrosamente foi perfeito; logo no primeiro ensaio saíram três música — uma delas "Olhos Mudos", gravada no primeiro LP.

Humberto: "O cruzamento em que nós três nos encontramos é exatamente o do rock com MPB. Buscamos um entendimento mais completo do que seja música brasileira. O Pixinguinha, por exemplo, fazia jazz e era música

O fim da crise de identidade.

O CHEQUE-OURO DO BANCO DO BRASIL transmite a quem o recebe toda confiança e credibilidade. Isso porque só quem realmente se destaca possui o Cheque-Ouro.
Mas, e você, que é filho dessa pessoa? Você também é muito especial, merece a mesma confiança e o mesmo tratamento. Mas não é isso o que acontece. Aqueles olhares desconfiados, ter que mostrar a carteira de identidade, esperar um telefonema sempre que paga com cheque, tudo isso é muito chato.
O BANCO DO BRASIL tem uma novidade para você que ainda não tem Cheque-Ouro: o CHEQUE-OURO FAMÍLIA.
Basta seu pai indicar você para o gerente, e pronto. Seu cheque vai ser aceito na mesma hora, e você vai poder sacar dinheiro a qualquer hora do dia ou da noite através do Caixa-Ouro.
Vai ser o fim da crise de identidade.

CHEQUE-OURO. Reflete quem você é.

BANCO DO BRASIL

brasileira

Em 85, O Verso percorria bares e espaços alternativos. No ano seguinte, gravavam uma fita demo com outro baixista, Ze Henrique, da banda Brasil Palace — cujo vocalista e compositor, Alvin L., cedeu também o título de uma de suas criações para o atual nome da banda: Picassos Falsos. Alvim produziu ainda a demo que emplacaria de uma só vez três musicas na Fluminense FM até então maldita". Arranjaram um empresario que tratou logo de colocá-los no mapa. A tal fita chegou às mãos de José Emilio Rondeau — que, afinal, os conduziu à gravadora, onde produziu o primeiro LP do grupo. Um caminho mais curto do que a maioria das bandas — porem, por mera casualidade. Humberto ressalta que não tinham nenhuma relaçao com as "as pessoas do meio", que ele considera a elite cultural da zona sul. Diz isso sem rancor, apenas como uma questao geográfica.

Tudo aconteceu mais rapido do que pensavam e o choque de intenções entre a bandae a gravadora foi inevitável. O fato é ate comum em se tratando de primeiras experiências. Gustavo comenta os resultados. "Com este primeiro trabalho flertamos com o sucesso e o fracasso ao mesmo tempo. A musica "Carne e Osso" chegou a tocar nas radios e até pensamos que algo fosse acontecer — possivelmente, chegar ao mainstream". Humberto completa: " Queríamos fazer um trabalho mais pensado, que fosse resultado do que realmente nos interessa, com um som nosso, personalizado. Gravamos o primeiro LP com o repertório que já tinhamos, nao paramos para compor. Tanto que musicas como "Retinas", "Marlene" e "Supercarioca" já eram da epoca do lançamento do primeiro disco.

Vale lembrar que neste primeiro trabalho encontramos indícios do universo *supercarioca*: homenagens presentes nas musicas incidentais de Ismael Silva, Francisco Alves, Carlos Imperial e Tim Maia. Ritmos e citações na sintomatica "Ultimos Carnavais" ("O carnaval nem parece que já passou por aqui, o carnaval será que ainda faz todo mundo sorrir / Agora eu sei que a grande festa está na minha cabeça..."). *Supercarioca*, o segundo LP, teve seu nome inspirado na musica Magrelinha", de Luiz Melodia — morador do Estácio que tambem retratou seu habitat em canções como "Estácio Holly Estácio", "Estácio Eu e Você", "O morro não Engana", "A Voz do Morro", e "Juventude Transviada". Humberto defende o disco como um todo, diferenciando o lado um como uma busca dentro de uma realidade fragmentada, onde valores são destruidos. O segundo lado é a volta à realidade, onde os valores aparecem agora mistificados de outra maneira. Vejo o Rio como um espelho do que acontece no pais. O brasileiro mesmo está no morro, sem vinculos com nenhuma patria. Convivemos com esse lado exótico e absurdo. Gosto dessa realidade, de vivenciá-la. Nesse disco, ponho minhas idéias em jogo".

Em algumas letras isso nem foi intencional, e sim devido às circunstancias na qual a cidade se encontrava. É o caso de "Rio de Janeiro", que surgiu na época das tempestades: "Quando ferve o sol desaba a chuva / A cidade cai desmonta com a chuva / atingindo dias de paz só durante o temporal ..." O mes de fevereiro e sua festa maxima, o carnaval, merecem destaque na maioria das canções. Quem poderia imaginar que o herói Wolverine, um dos integrantes dos X-men (personagens dos quadrinhos Marvel) fosse passar por um folhao na música batizada com seu nome! Ate a angustia do personagem se perde na passarela do samba.

Quando as reverências/referências cariocas não estão explicitadas nos versos, encontram-se diluidas musicalmente, seja na homenagem a Noel Rosa — com a incidental "Ultimo Desejo" —, nos ritmos como samba, e baiao, ou ainda no uso do pandeiro. Tudo isso entrosado com o rock dos anos 60, de acentuação psicodélica, guitarras *à la* Hendrix — incluindo até a incidental "Third Stone from the Sun", no meio da belissima "Bolero" —, e o resgate do efeito "cry baby", mais conhecido como "wah wah", tipico daqueles

tempos.

As influências da *terra brasilis* aparecem via Jorge Ben, na música "Rio de Janeiro", onde o refrao sugere ainda um flerte com Mutantes. O mesmo Jorge Ben, nos idos anos 60, cometeu o bem-sucedido "debito" de arrombar o samba com sua guitarra eletrica. Seu pioneirismo lhe valeu a segregaçao por parte dos sambistas que tomaram essa experiencia como "coisa de branco". Por sua parte, os "brancos" não abraçaram a causa. A letra de "Chiclete com Banana" (de Gordurinha e Almir Castilho), gravada, entre outros, por Gilberto Gil no LP *Expresso 2222*, já anunciava um possivel "samba-rock, meu irmão":

"So ponho bepop no meu samba/Quando o Tio Sam pegar no tamborim/ .. /Eu vou misturar Miami com Copacabana/Chiclete com Banana/ . ./E o samba-rock, meu irmão"

* * *

Transgredindo essa proposta, os alquimistas do Black Future detonam o seu "samba-noise", onde o *under hit* "Eu Sou o Rio" é seu principal expoente. Chiclete com ácido. A galeria de personagens citadas ao longo da musica inclui Madame Satã (mítico marginal da Lapa), Zé do Queijo (lider comunitário da favela da Rocinha, assassinado), Zé Keti (sambista dos anos 50/60), Sergio Maltandro (um ex-tipico carioca, hoje transformado em caricatura de si proprio), Joaozinho Trinta (carnavalesco da Beija-Flor que glamourizou a escola com seu luxo), os travestis da notória Galeria Alaska, os trombadinhas e outros tipos de variadas épocas que de algum modo compõem os elementos que dao forma ao supercarioca. A cadencia do samba se mixa a toques industrialistas, *trash*, formando um novo genero. Por outro lado, "No Nights", de temática quase semelhante a "Eu Sou o Rio", no quesito citaçoes, fala — numa letra em falso ingles e toques funk — da vida noturna entre copos de álcool e perambulações por inferninhos.

Outra vertente do trabalho poético-desesperado de Marcio Bandeira alude à decadência dos seres e do ambiente. E a tal trilha sonora do fim citada por ele, presente em "Cartas do Absurdo", "Teatro do Horror", "Bem Depois" e "Sinfonia para um Morto" (esta, uma especie de leitura tupiniquim para "Bela Lugosi's Dead", do Bauhaus) — que, embora não mencionem diretamente a cidade, estao relacionadas com seus aspectos decadentes e marginais.

Num paralelo entre o Black e o Picassos figuram alguns denominadores comuns — a narrativa fragmentada no estilo HQ, tipos excentricos, situações singulares e fatos do cotidiano carioca. O próprio *design* de cada grupo remete a tais caracteristicas. As capas dos LPs servem como exemplo. A começar pela do Black, embora muitos pensem que os dois encapuçados pintados sejam os protagonistas da banda — Marcio e Tantão —, a verdade é nebulosa. O Lui inspira-se em fotos de jornais particularmente d'*O Dia* — equivalente ao paulista *Noticias Populares* —, especialista em ocorrências policiais e fatos do mundo cao que rolam na periferia do Rio. O *mondo cane* desta vez trouxe a história de dois pivetes que assaltaram um supermercado, e, ao serem detidos, camuflaram seus rostos com sacos de compras. Lui transformou esse flagrante do cotidiano em um dos quadros da exposiçao que fez com Tantao em 1985. A identificação foi imediata e acabou virando capa do disco. Mantendo a mesma concepção gráfica, Lui reproduziu na contra-capa os Arcos da Lapa.

Mais carioca que isso, só a *supercarioca* dos Picassos. A referencia geografica é quase a mesma, uma foto de Santa Teresa, bairro próximo ao centro da cidade. Descendo a ladeira (descubra-os), os quatro minusculos componentes da banda se integram à paisagem em primeiro plano. O efeito ficaria ainda mais notavel se a capa fosse dupla, já que a contra-capa é a continuação dessa mesma e unica foto, que beira os 180 graus e dá uma ideia dos altos e baixos que compõem a topografia do Rio.

Lorena Calabria/Tom Leão

SUCESSO ABSOLUTO
EM TODO O BRASIL!
ORLOFF
VODKA APRESENTA:
TOUR 89
ENGENHEIROS DO HAWAII
ABRIL
DIA 13 QUINTA FEIRA
BAURU
DIA 14 SEXTA FEIRA
LIMEIRA
DIA 15 SÁBADO
SANTOS
DIA 16 DOMINGO
VINHEDO
DIA 20 QUINTA FEIRA
CAMPINAS
DIA 21 SEXTA FEIRA
RIBEIRÃO PRETO
DIA 22 SÁBADO
GUARULHOS
SANTO ANDRÉ
APOIO: REVISTA BIZZ
REALIZAÇÃO: LOTTON
TELECHECK COMPRE O DISCO

CABRA-CEGA

ED MOTTA

Desde a mais tenra idade, Ed cultiva o salutar costume de comprar discos. Suas primeiras aquisições — quando tinha entre 11 e 12 anos — foram **Led Zeppelin 4,** *Houses of the Holy,* **Earth Wind & Fire** ao vivo e o duplo de **Donna Summer,** *Bad Girls*

Diz não saber o número certo de exemplares, pois nunca se preocupou em contá-los. É garantido que possui a discografia completa de Led Zeppelin, **Jeff Beck,** Earth Wind & Fire, **Beatles, Stones, Johnny Winter, Deep Purple** e **Black Sabbath.** Suas preferências recaem em dois gêneros: rock dos anos 60, como **Kinks, Animals Hendrix** e **Yardbirds** e o soul music, destacando **Aretha Franklyn, Marvin Gaye** e ainda **Steve Wonder.**

Dos nacionais, poucos passam **Tim Maia, Barão Vermelho, Cassiano, Cláudio Zoli** e ele próprio! De 80 pra cá, quase nada chamou sua atenção, a não ser **Terence Trent D'Arby,** a moçada do *charm* e alguma coisa de hip hop. Entre 87 e 88 Ed colocou seu talento de DJ em algumas festas no boate Manjazin, em Copacabana, onde rolou muito reggae e dub com **Augustus Pablo, Scientist** e **Clint Eastwood.**

Wilson Pickett "Soul Dance Number Three"

"É soul, né? Wilson Pickett, lógico. Só pode ser. Quem faz *Haaaa*... Wilson Pickett é da pesada, isso aqui é um balão! Nego não ataca esse som mesmo no Brasil. Nunca fez e nem vai fazer. Olha só as guitarras (*imita*). É simples pra caramba mas, ao mesmo tempo, é superarranjado. É o Wilson Pickett? Tenho quase certeza. Eu adoro ele. Não sei o nome da música."

Thaide "Homens da Lei"

"Isso é nacional, né? Deve ser nacional.(*risos quando entra o vocal*) Só podia ser. Senti pelo nível de gravação. Mas é legal. É o Thaide, né? Pô, o baixo tá pesado!!! Bem gravado. Isso é disco? Thaide, gente boa. Já abriram shows da gente. Conheço a voz dele de longe."

Bobby Womack "Where Do We Go from Here"

"Começou bem mesmo. Harmonia... Essas coisas são as mais difíceis. Guitarrinha George Benson... Bonito pra caramba. Eu curto essa onda assim (*imita*). Soul é mais difícil para reconhecer a voz. Nego confunde Wilson Pickett, Otis Redding e Joe Tex. Os três têm a voz muito parecida... Tem uma onda meio Solomon Burke. Vai ver que é. Não, não é não. Da galera nova acho que não é. É uma onda meio 70. Tem um *slap* no baixo que eu não gosto. A progressão é bonita pra caramba (*improvisa em cima*). Com cantor black americano, não tem essa de dizer que canta bem. Todos cantam pra caramba. No Brasil, nego não canta, aí dizem 'esse canta bem'. Nessa música aí, até o cara canta à pampa... Isso é tudo que eu sempre quis fazer. Não cheguei lá, mas... Acho que é a composição. Tem horas e horas só de firulas (*canta junto e improvisa vocais*)".

Bezerra da Silva "Saudação às Favelas"

"Que é que é isso? Não curto, não. Não sei nem quem é, é sacanagem botar pra mim. Zeca Pagodinho? Acho até legal, é importante. É tudo igual, as melodias são iguais. Não sei quem é, não curto e tal. Se eu disser que gosto vou estar mentindo."

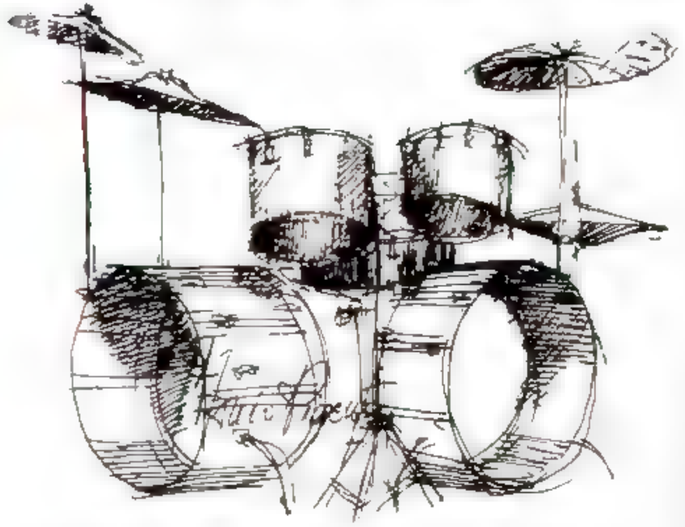
Funkadelic "Biological Speculation"

"Humnnn... Ih, a guitarra... Pô, as vozes tão longe... Legal, a onda. Bem escolhido. Talking Heads, sei lá... A percussão está estranha, muito emboladinho... Tem branco cantando nesse coro aí(*risos*). A conga está muito alta. A percussão está alta demais. Não sei quem é. Não vou chutar. De repente, até conheço. Achei legal. A segunda parte não é muito legal. A harmonia vai para um caminho estranho."

Bohannon "The Groove Machine"

"As guitarras são pesadas. Canta bem a mulher. Ou então é falsete... Será o que? Undisputed ou B.T. Express... não, não é. Que tem mulher cantando... Skyy? Não é. Mas que guitarra pesada!!! Essa voz é familiar. Sei lá, Betty Wright? Não. Isso é lance de grupo, não é solo. Até agora só adivinhei dois..."

2º ENCONTRO BRASILEIRO DE BATERISTAS



No dia 12/04/89, será realizada a apresentação dos 20 finalistas do concurso no SESC - Fábrica da Pompéia - Rua Clélia, 93 - às 20:00 hs. Um juri formado pelos melhores bateristas profissionais selecionará os vencedores.

Relação dos 20 finalistas

1 - Maurício José L. Chiappetta - Recife **PE**
2 - Douglas Gonçalves Los Casas Jr. - São Paulo **SP**
3 - Bruno Aires Teixeira - Rio de Janeiro **RJ**
4 - Leonardo Castro Freitas - Porto Alegre **RS**
5 - Alexandre Tamiete Coutinho - Belo Horizonte **MG**
6 - Samuel da Silva Correia - São Paulo **SP**
7 - Sandro Casso de Oliveira - São Paulo **SP**
8 - Rogerio V. Jardim - Goiânia **GO**
9 - Valdair R. Bacchin - Sta. Bárbara D'Oeste **SP**
10 - Roggero Chiarinelli Filho - Piracicaba **SP**
11 - Edgard Teixeira - São Paulo **SP**
12 - José Cintra Baptista - Santos **SP**
13 - Marcelo Maluf - Sta. Bárbara D'Oeste **SP**
14 - Marcio Deni Pontes - Campinas **SP**
15 - Pedro Ivo Martins - Campinas **SP**
16 - Ronaldo Palleze Sanchez - Guarulhos **SP**
17 - Marcos Britto - Brasília **DF**
18 - Ricardo Lázzaro - São Paulo **SP**
19 - Ricardo de Alcântara Estreavl - Sao Paulo **SP**
20 - Marcio Marques Varela - Santos **SP**

Programação do Evento

Dia 12/04/89 - a partir das 20:00 hs.
Abertura: DRUM & CIA.
WILLIAM CARAN / AMILSON GODOY
Finalíssima do Concurso Nacional
Canja dos Jurados
Premiação dos vencedores

Dia 13/04/89 - a partir das 20:00 hs.
AZAEL RODRIGUES e GRUPO "Z"
NETINHO e convidados
TNT
ATMOSPHERA
ZONA SUL
ZÉ EDUARDO NAZARIO e convidados

Dia 14/04/89 - a partir das 20:00 hs
Conjunto Percursionista de Câmera do Conservatório de Tatuí - Regente: JAVIER CALVINO
LAURO LELLIS e ROYAL JAZZ BAND
DUDA NEVES, BATERIA E BANDA
BOB WAYTT QUARTET
Maestro CHIQUINHO DE MORAES e EDUARDO LEMOS

Dia 15/04/89 - a partir das 20:00 hs.
Grupo de percurssão do Instituto de Arte - UNESP- Dir. JOHN BOUDLER / CARLOS STASI
KALI
FILÓ, BIZU e convidados
SERGIO HINDS e FLAVIO PIMENTA
CHARLES GAVIN (Titãs), GEL FERNANDES (Rádio Taxi e Rita Lee) e convidados

Dia 16/04/89 - a partir das 20:00 hs.
JOÃO PARAIBA e convidados
Grupo HEART BREAKERS
CLAUDIA JUNG
DINHO GONÇALVES
BANDA 440
TONY OSANAH e convidados

Realização

DRUM
Rua Edson, 96
Brooklin - CEP 04618
São Paulo - SP
Tel. (011) 533-7721

Apoio Cultural

BIZZ

SESC FÁBRICA DA POMPÉIA CENTRO DE LAZER

FM 97
97.7 MHz

CHEGOU GRID MODELO 89.

Entra no circuito a mais completa revista de automobilismo.

O que era bom ficou melhor ainda. Grid, a sua revista-poster da Fórmula 1, agora é a mais completa revista brasileira de automobilismo, com coberturas das principais categorias automobilísticas no Brasil e no mundo. E ainda, reportagens técnicas, perfis dos grandes ídolos, histórias das competições, bastidores, curiosidades... Na edição N.º 1 você vai conhecer todos os detalhes da temporada 89 de Fórmula 1, uma reportagem especial sobre a volta dos motores aspirados, a abertura do Campeonato Brasileiro de Marcas, do Mundial de Rali e muitas outras atrações. Não perca esta grande largada!

Nas bancas dia 14/3/89

GRÁTIS: Poster Calendário do Automobilismo 89 — Nova Edição do Anuário da Fórmula 1

DISCOS

JACK THE TAB

INTO THE DRAGON — Bomb the Bass / WANTED — Yazz / JACK THE TAB — Vários (Stilleto/BMG- Ariola)

Chegou a hora de rachar o bico! A hora de comemorar o lançamento dos três primeiros discos de *acid house* no Brasil. A hora de acordar, para aqueles que ainda não entenderam que os sons dos anos 90 passam obrigatoriamente pelas pistas de dança. A hora de dar um basta a todas as múmias do rock, das *garage bands* aos patéticos metaleiros. *Achhhhh* neles!

"The Only Way Is Up", "O único jeito é pra cima", canta Yazz, apontando para as direções em que explode o seu rosto de estrela. Nascida Yasmin Evans, em 1960, de pai jamaicano e mãe inglesa, ela abandonou os estúdios aos 15 para ser atriz, onde ficou marcada para sempre nas veias e na voz pelo *soul* da Tamla Motown. Um ataque e uma ginga que repercutem em quase todas as faixas de *Wanted*. Na produção, seus descobridores, Matt Black e Jonathan Moore, do Coldcut, e os Beatmasters, entre outros. Por cima, as letras são esperas e politizadas ("Where Has All the Love Gone", "Stand Up for Your Love Rights"), o que é inédito no universo da *dance music*. Se o rap revelou a exacerbação do ego de seus criadores, a *acid house*, pelo contrário, viu os seus autores sumirem por trás de um semi-anonimato mais comodo. Tim Simenon, disc-jóquei londrino de 20 anos, inventou um grupo que não existe, Bomb The Bass, para fazer a síntese entre os mais violentos rompantes de hip hop junto com as alucinações sonoras (Beat Dis, Megamast, em duas versões) e as colagens de "On the Cut" enlouquecem.

Quanto ao veterano Genesis P. Orridge, 45 anos, apóstolo do rock industrial com os grupos Throbbing Gristle e Psychic TV, ele está feliz da vida por ter encontrado os ritmos e os *beats* para aplicar as suas experimentações sonoplásticas. Jack The Tab (que significa "injetar LSD na veia") é uma coletânea que reúne grupos fictícios, onde Orridge se vale de amostras dos mais diversos sons, "chupados" do rock psicodélico dos anos 60 até a *house* de Chicago, para continuar seu trabalho de subversão do rock. Um disco de "azedo house".

Jean-Yves de Neufville

GREATEST HITS — Steely Dan (WEA)

No início, eles eram seis: Donald Fagen (teclados, vocais), Walter Becker (baixo, vocais) Denny Dias e Jeff "Skunk" Baxter (guitarras), Dave Palmer (vocais) e Jim Hodder (bateria) Denominando-se Steely Dan — numa alusão ao falo de borracha que fazia a festa do personagem A.J., no romance *The Naked Lunch*, de William Burroughs —, eles seriam peças essenciais para a definição do padrão *MOR* no rock tranquilo dos anos 70, junto aos Eagles, ao Three Dog Night e aos Doobie Brothers

Esta coletânea dupla, lançada originalmente em 1978 pela ABC, exemplifica bem aqueles que eram os maiores méritos do Dan: a habilidade na construção melódica, belas harmonias vocais, textos irônicos e virtuosismo sob controle. Englobando os cinco primeiros LPs da banda, além de incluir alguns temas inéditos, como "Here in the Western World", o álbum abre com o melhor do LP *Can't Buy a Thrill*, de 1972; as faixas "Do it Again" (esta, um sucesso inclusive no Brasil, era um curioso *crossover* mambo-pop, cuja letra de puro humor negro narrava as desventuras de um suicida fracassado) e "Reeling in the Years". A partir do LP *Countdown to Ecstasy* (1973), com a defecção de Dave Palmer para o obscuro Big Wha-Koo, o Steely Dan iria se concentrar mais ao redor do duo Fagen/Becker Ainda que não tivesse proporcionado nenhum *hit*, o disco trouxe músicas interessantes, como a pulsante "Bodhisattva" e o *swing-frapé* de "My Old School" Já contando com vários *sessionmen*, *Pretzel Logic* (1974) reintroduziu o grupo nas paradas via a pseudo-bossa-nova "Rikki, Don't Loose that Number". Pouco depois, seria a vez de Baxter e Hodder desertarem.

Para a gravação de *Kate Lied* (1975) — eleito pelo *staff* da revista *Rolling Stone* como um dos cem melhores álbuns dos últimos 25 anos — o Steely Dan assumiria de vez a condição de projeto de estúdio, reunindo-se desde então apenas para o estritamente necessário. Dele, foram pinçadas "Black Friday", "Bad Sneakers" e "Doctor Wu". *The Royal Scam* (1976) marcou a saída de Dias e trouxe o derradeiro êxito desta compilação: "Haitian Divorce". O Dan se arrastaria até 1980, mas então já não tinha mais nada a dizer *Arthur G. Couto Duarte*

DELICATE SOUND OF THUNDER — Pink Floyd /PROFILES — Mason + Fenn (CBS)

Os fãs mais tradicionais têm torcido o nariz para os últimos trabalhos do Floyd, principalmente aqueles sem Roger Waters. Mas as vendagens e o prestígio junto ao público continuam enormes, como comprova a última tour gigantesca do grupo, assistida por milhões Foi dela que nasceu este álbum duplo — oficialmente o Floyd só tinha um dos LPs do *Ummagumma* (1969), gravado ao vivo — que, não se pode negar, é interessante no que tange à reaudição dos maiores sucessos do grupo. Temos então os "hinos históricos do Floyd so ouvidos anteriormente em puratarus — e assim desfilam "One of These Days", "Money", "Time", "Wish You Were Here" e "Shine on You Crazy Diamond", entre outros. Para suprir a ausência de Waters, o trio remanescente convocou uma eficiente banda de apoio e o resultado foi que, mesmo com a música do Floyd já não sendo a mesma dos bons tempos, ao fechar-se os olhos ainda dá para dar uma viajadinha.

Por outro lado, aproveitando-se deste embalo, é lançado aqui, o segundo pulo solo do baterra Nick Mason, que desta feita se juntou a Rick Fenn (ex-10cc). Ambos gravaram a maioria dos instrumentos, mas também contaram com o competente apoio do sax de Mel Collins em três faixas e dos vocais de Danny Peyronnel (ex-UFO) em "Israel" e de Dave Gilmour, na insossa 'Lie for a Lie Como possíveis destaques ficam a faixa-título e "Malta", que lembram as atmosferas do Floyd, enquanto o rótulo de *new age* cabeira bem em "Rhoda ' e 'At the End of the Day ' *L.R*

VIEW FROM THE HOUSE — Kim Carnes (WEA)

Ela já tropeçou demais Já foi excessivamente catalogada como a versão feminina de Rod Stewart Pactuou com alguns excessos do Império da Descartabilidade ', mas surpreendentemente reapareceu *still alive and well* neste seu novo LP Um trabalho despojado, no qual optou pelas raízes primárias do country e do rock, selecionando composições de John Prine, Even Stevens e Frank Miller, além da versão de "Willie and the Hand Jive", de Johnny Otis e a sensível e delicada "Blood from the Bandit" de sua autoria. *F.N*

SEE THE LIGHT — The Jeff Healey Band (BMG-Ariola)

O guitarrista canadense Jeff Healey é cego e toca sentado, com o instrumento apoiado em suas pernas. Este inusitado modo de execução aliado a sua perfeição técnica, fizeram de Healey uma sensação no meio musical, o que não se confirmou neste LP de estreia de sua banda. Na maioria das faixas o que se ouve é a guitarra de Healey diluída em composições pobres e arranjos convencionais *à la* Robert Cray, com honrosas exceções para a instrumental "Nice Problem to Have", a *hendrixiana* faixa-título e as covers de Blue Jean Blues", do ZZ Top e "Hideaway", de Freddie King. Só estas quatro músicas valem o LP *C P*

VOCE NAO PRECISA ENTENDER — Capital Inicial (PolyGram)

O que havia sido insinuado no disco anterior, tornou-se agora uma radical constatação, o tecnofunk do Capital é de uma indigência à toda prova, só fazendo dançar possíveis mortos-vivos de uma dancetéria de filme de terror É mais do que sabido que nove entre dez brancos não possuem o *feeling* necessário para fazer um bom funk (isto sem nenhuma conotação racista, muito pelo contrário). O Capital não foge a regra, apesar da boa produção deste terceiro LP onde destacam-se" os teclados brochantes e os metais mal-utilizados, a pobreza das letras (até "Ficção Científica", de Renato Russo, perdeu sua força no arranjo do grupo) e as interpretações chorosas e afetadas de Dinho.

É...não dá para entender mesmo. *B B*

PEACE IN OUR TIME — Big Country (PolyGram)

Em seu quarto LP, o Big Country enveredou perigosamente pela trilha do pop descartável Não que o grupo tenha perdido completamente a sua personalidade a guitarra pesada do também vocalista Stuart Adamson ainda está lá, e as baladas têm aquele sabor folk característico da banda. Só que está tudo diluído em refrões fáceis, crescendos previsíveis e corinhos intragáveis, na melhor tradição Tears for Fears.

O pior está no lado B, em baladinhas melosas como "In This Place" ou libelos pacifistas como a faixa-título, *M.A.G*

PEOPLE — Hothouse Flowers PolyGram)

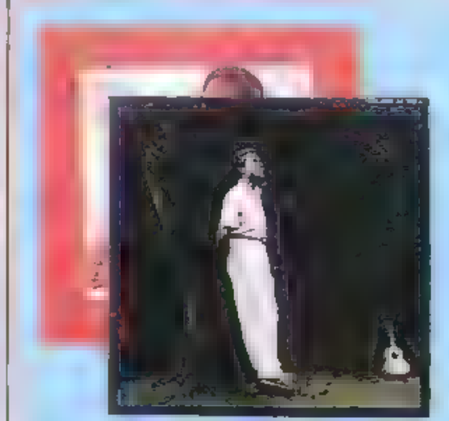
Ao lado do That Petrol Emotion e dos Pogues, o quinteto Hothouse Flowers compõe atualmente a linha de frente do cenário irlandês. À frente de um elástico mix *folk-soul-gospel-rock*, posta-se o cantor Liam Ó Maonlaí, cuja voz rouca e poesia telúrica imediatamente nos remetem à música de seu conterrâneo Van Morrison. Outros ecos também podem evocar o misticismo atávico dos Waterboys, os tons campestres de The Band, ou a entrega de Bruce Springsteen. Mas o que realmente importa é que raras vezes um LP de estreia conseguiu mostrar tamanho candor, vigor e unidade

O carro-chefe é a pungente "Don't Go" (um réquiem ao melhor amigo de Ó Maonlaí), mas a cinematográfica Ballad of Katie a reflexiva "The Older We Get' e o incendiário hino 'Feet on the Ground ostentam o mesmo talhe dos clássicos do rock'n'roll *A G C D*

POP ART — Transvision Vamp (WEA)

Emergente da *blonde-fever* britânica — movimento que moldou a new wave radical em fragâncias dos *sixties* tomando o Blondie como grupo modelo — ao lado do Flatmates, Daring Buds, Primitives, o quinteto de Brighton, pontificando pela ultrasexy *platinum blonde* Wendy James, ocupa o setor mais *popster* destes ícones adolescentes.

Pop Art é um sensual liquidificador de paixões à primeira vista que recolhem elementos dos *girl-groups*, new wave, *space rock*, tecnopopismos,*bubblegum* e esparsas gli-



VINTE ANOS DE SAMBA — Martinho da Vila / EU CANTO SAMBA — Paulinho da Viola (BMG-Ariola)

Finalmente tocados pela mão de Santa Luzia, os chamados "roqueiros brasileiros" estão começando a perceber o potencial oculto do samba — ou abraçado ansiosamente pelos que desejam preservá-lo em formol folclórico, ou relegado a um preconceituoso limbo entre a música "séria ' e a música de massa Já na quarta-feira de cinzas, ele praticamente some da mídia, baixada a poeira da onda de "pagode", cujo ápice ocorreu na virada 86/87.

Essa fornada sambista da BMG — o primeiro LP de Paulinho em *cinco* anos, mais uma retrospectiva/coletânea de Martinho numa caixa com *cinco* discos — é obrigatória tanto para os amantes fiéis da Conexão África-Brasil (sem escalas!) como para quem está começando a sintonizar sua antena nessa frequência A primeira impressão, atravessando-se o pacote que cobre os vinte anos (67/68 — 87/88) de gravações do bamba da Vila Isabel, é a revelação do *hitmaker* Coletado, compilado e antologico, Martinho — que começou renovando o samba-enredo — exibe um colar de preciosidades pop (no sentido mais radiofônico e menos anodino possível) que se espalha pelo partido-alto jongo, pagode etc., mantendo seu estilo vocal único e inconfundível e explorado ao máximo pela colaboração constante de Rildo Hora, um dos maiores produtores e arranjadores que este país já conheceu Além disso, as gravações dos anos 70 em diante — quando começam suas viagens à África, onde é ídolo Popular — colocam-no, junto ao igualmente genial Nei Lopes como um verdadeiro Indiana Jones da cultura negra brasileira

Já Paulinho da Viola, seu contemporâneo, bamba *cool* da Portela, e ele mesmo seu próprio Rildo Hora Amamentado a base de Pixinguinha, Paulinho está para Cartola como João Gilberto está para Caymmi O herdeiro que não destrói o discípulo que não supera, mas complementa o mestre Sua prolongada ausência dos estúdios aliçou uma saudade do tamanho do Brasil, manifesta em covers/homenagens como as de Macalé ("Samba Infinito" e "Vela no Breu") e dos Ambitious Lovers ("Para Não Contrariar Você"). *Eu Canto Samba* não deixa por menos. Um disco sublime, absoluto. *José Augusto Lemos*

BIG TIME — Tom Waits (WEA)

Primeiro ponto: é indispensável que alguém da densidade poética de Waits tenha em seus discos encartes com as letras. E o resto: este registro é o que sobrou do filme/concerto *Big Time*, do diretor Chris Blum (esperem sentados, não deverá passar aqui, talvez em festivais), onde couberam 22 músicas. São músicas de *Swordfishtrombones* (83, inédito aqui), *Rain Dogs* (86) e *Frank Wild Years* (87)

Waits está num tênue fio entre o verdadeiro *clochard*, ou *clown*, e um pastiche de si mesmo, vendendo a imagem do cantor perambulante de garganta arranhada pela vida, tabaco e bourbon, tudo em grande quantidade Faz lembrar que o cosmopolitismo estético de seu trabalho o liga, para muitos, a outro *cult*, o da literatura *beat*, que transposta para os anos 80 nos verões tropicais resultou em outro intragável pastiche. Aquela coisa do *cult*

Sobram belas melodias, como as de "Cold Cold Ground" e "Ram Dogs" e um acompanhamento que, sabiamente debochado, é feito de pequenas e bem arquitetadas cacofonias

E eu termino pensando: será que eu gostei? *J.E.M*

NUBIA AXUM ETIÓPIA — Banda Reggae Olodum (Continental)

Apesar da palavra "reggae" ter sido acrescida ao nome da banda, este disco não é apenas mais um "ioiô" para turista branco se esfregar em sambaterra.

A Olodum vai direto ao assunto: ou seja, às origens do samba, reggae e ritmos negros em geral. Em seu segundo LP, a banda segue em sua linha de se utilizar só de percussão e vocais, exceto nas faixas "Etiópia Mundo Negro" (que conta com um sax) e "Olodum Ritmos" (apenas percussão). A banda resistiu à possível tentação de usar guitarras e transformar músicas como "Ranavakona" e "Influências Egípcias" em lambadinhas comerciais no padrão "Banda Reflexus". E vai logo avisando na faixa "A Banda do Pelô", que prefere um som que "não tem rock doido, só levada de quintal". Só mais um detalhe: a CBS possui em seus arquivos um LP similar a este, *Orquestra Afro-Brasileira*, de 1968, que bem que mereceria uma reedição. *A.M.Jr.*

B.B. KING — KING OF THE BLUES : 1989 — B.B. King (WEA)

Se Riley B. King ainda pode se arrogar o epíteto de "rei dos blues" em 1989 é um ponto a se discutir. Mas a julgar pelo material contido neste seu mais recente LP, tão ilustre cetro já repousa em mãos alheias. É certo que King e sua companheira Lucille tornaram-se uma importante página da história do blues, tanto pelo refinamento de seus solos como pela própria assimilação de outros estilos — como o soul e o funk — empreendida pelo guitarrista durante sua extensa e gloriosa carreira.

O problema é que neste álbum esta interação de gêneros diversos — que deveria fluir naturalmente — soa terrivelmente forçada, em arranjos que são uma verdadeira *overdose* de bateria, baixo e teclados programados, onde mesmo o famoso som das seis cordas prateadas de Lucille quase desaparece.

Não faltam convidados ilustres — como os lendários músicos/produtores Steve Cropper e Al Kooper e até mesmo Mick Fleetwood e Stevie Nicks (do Fleetwood Mac) —, que todavia não conseguem resgatar a coroa ainda pretendida por King. Aqui o rei não está nu, mas encoberto pelo som das *drum machines*. *C.P.*

FOLLOW THE LEADER — Eric B. & Rakim (WEA)

Eles não vieram do *wild side* nova-iorquino. Na verdade, Eric B. & Rakim são milionários e adoram mostrar seus medalhões de ouro à audiência. Seu primeiro LP, *Paid in Full*, foi uma apologia do vil metal, cheio de dólares jogados pela contracapa e declarações a respeito das coisas que "movem o mundo". O disco era também uma coleção única de batidas hipnóticas, obtidas graças a uma predileção por linhas de baixo gravíssimas e *beats* lentas, secas, pesadas, fulminantes. Nada mais ubíquo do que a voz seca de Rakim, estalando "Pump Up the Volume" na caixa de som. A frase — "chupada" da canção "I Know You Got Soul" — se tornou a máxima favorita dos DJs londrinos e, por decorrência, de centenas de remixes e improvisações de pistas de dança. O M.A.R.R/S colocou a palavra de ordem no topo das *charts* e o duo de DJs Coldcut a transpôs para a música "Paid in Ful", remixada entre grunhos de Ofra Haza.

Como o LP anterior, *Follow the Leader* tira seu título do *hit single*. "Saco minha arma e começo a apertar uma Magnum como um microfone, assassinando MC's", diz a letra da faixa título sobre a base plana, típica de suas canções. Eric insere ruídos de trilhas de velhos seriados de TV e filmes B. Melodias conhecidas, mas não identificáveis, que se confundem no túnel sônico cimentado pelos *scratches*. As canções são realizadas com os efeitos mais óbvios, embora incrivelmente criativos. Em "Eric B. Never Scared", por exemplo, as inserções de trechos de velhos funks ocorrem em rotação acelerada, enquanto que na faixa seguinte — "Just a Beat" — a voz de Rakim está gravada em rotação muito lenta. No primeiro momento, quando entra apenas o rap, a impressão é de que a faixa foi gravada em 45 rpm. Os metais "chupados", porém, estão registrados em velocidade normal. O resultado é chapante. Eric B. ainda flerta com alguns compassos de jazz em "To the Listeners" — música que se repete no final do LP em versão instrumental, com o nome de "Beats for the Listeners" —, executando metais com um *sampler* e incendiando *scratches* barulhentos em "No Competition". Com sua voz, Rakim sublinha o recado: não há competição à altura da dupla. Ao que tudo indica, parece que eles vão continuar se

NEGOTIATIONS AND LOVE SONGS, 1971-1986 — Paul Simon (WEA)

Tempos atrás, Paul Simon declarou à imprensa que muitos artistas só alcançavam a plenitude criativa depois que chegavam na casa dos 30. A afirmação é discutível, mas no caso do cantor (Simon completou trinta anos em 1971, ano-base desta compilação), o tempo realmente ficou a seu favor.

Livre das amarras que a parceria com Garfunkel lhe impunha, suas canções passaram a incorporar elementos do folclore latino e africano além do jazz e do reggae. Do lado das letras, a vivência pessoal ascendeu ao primeiro plano, alternando lufadas de um otimismo quase ingênuo ao abafamento da desilusão amorosa. Parte deste percurso recapitula-se aqui, todo da totalidade dos *hit singles* (à exceção de "Take Me to the Mardi Gras, de 1973) até o flerte pan-cultural do polêmico "Graceland". *A.G.C.D.*

CAPINAN, O VIRAMUNDO (21 ANOS DE TROPICALISMO) — Vários (SBK)

Esta coletânea reúne dez parcerias do poeta e atual secretário da Cultura da Bahia, apresentando uma perfeita tradução de seu ecletismo nas empreitadas musicais. A cada faixa, a boa veia poética de Capinan ganha vida musical em estilos tão diversos como o samba ("Coração Imprudente", com Paulinho da Viola), toada ("Ponteio", com Edu Lobo e Marília Medalha), *lamnidad* ("Soy Loco por Ti, América", com Gilberto Gil) e rock ("Gotham City", com Camisa de Vênus), entre outros. *H.B.*

SO GOOD — Mica Paris (WEA)

Mica Paris, londrina de pai jamaicano e mãe cubana, tinha tudo para estourar com este álbum de estréia. Uma voz capaz de rivalizar com a de muitas *ladies* do soul, um espectro de músicos de primeiro nível e um exército de produtores às suas ordens. Tinha.

Apesar dos esforços de Courtney Pine no sax, Pete Wingfield nos teclados, Paul Powell, baixista do Style Council, e do cantor soul Paul Johnson em "Words Into Action", *So Good* falha pelo lado convencional de suas dez composições e pelos clichês em que caem os arranjos.

Nem soul, nem jazz, nem pop, este disco vai se transformando num enjoativo xarope, que vai fazer as delícias dos programadores de muzak para motéis. *J.Y.N.*

SEVEN YEAR ITCH — Etta James (WEA)

Em toda a minha vida de leitor de qualquer coisa sobre música que caísse em minhas mãos, nunca me choquei tanto diante de um coquetel molotov de racismo, ignorância e imbecilidade cega/surda/muda como num comentário sobre esse mesmo disco, num jornal carioca, assinado por um tal Sr. Raffaelli.

Etta James surgiu nos anos 50, descoberta por um haluarte do rhythm n' blues — Johnny Otis — e gravou ainda adolescente uma série de *hits* para selos-clássicos como o Chess de Chicago — e mantém sua carreira até hoje, livrando-se da dependência da heroína para isso. Os shows de Etta — primeiro no Festival de Jazz de SP (1978), depois no 150 Night Club (1987) — estão entre os que mais me

Faísca que a alma dividida entre o sagrado (*gospel*) e o profano (*blues*) solta e nos ilumina pela vida toda. Neste petardo suarento, oscilando entre o safado e o angustiado, há ainda a guitarra de Steve Cropper — sua importância não cabe nesta coluna, pertence à história do selo Stax. Informe-se, Sr. Raffaelli!!! *J.A.L.*

POR DIFERENTES CAMINHOS (HERMETO SOLO) — Hermeto Pascoal (Som da Gente)

O primeiro álbum de Hermeto registrado exclusivamente em piano so-

lo expõe de maneira clara as duas posturas que o "Campeão" mantém embutidas em sua música. De um lado, um respeito reverente pelas qualidades líricas de uma melodia já existente. Do outro, a autorização para extrapolar as intenções originais de qualquer tema.

Isso quase fica delimitado entre os dois discos que compõe o álbum. Sua admiração frente a obra alheia se concentra no segundo LP, todo de covers. O que ele faz é ler nas entrelinhas da partitura, idealizando o tema, enfatizando-o por associações que acentuam suas qualidades. "São Paulo", de Alvarenga e Ranchinho é o exemplo mais radical: Hermeto vai encontrando uma marcha clássica dentro da homenagem simples que a dupla fez à cidade. Quando revê sua própria criação ou mostra novo material, Hermeto parece querer esgotar em um LP tanto as possibilidades do instrumento, quanto sua habilidade de tecladista. "Can", "Fale Mais um Pouquinho" e "Sintetizando de Verdade" dão o exemplo. O disco valoriza a obra de Hermeto. *M.S.*

THE SINGLES — Depeche Mode (WEA)

Uma das grandes febres dos anos 80 tem sido a *tecno-dance-music*, que — representada por *gay bands* como Communards, Pet Shop Boys e Depeche Mode — indiretamente gerou ondas como *balearic music*, *acid*, *deep house* e afins. Com o lançamento desta antologia do Depeche, cuja edição nacional traz como bônus a versão tecno de "Route 66" (tornada hino dos *assholes* locais) e omite as faixas "Somebody" e "The Meaning of Love" da edição americana, sua soberania *pop star* está lacrada.

Criado em 1980 por Martin Gore, Andy Fletcher e Vince Clark, o grupo rapidamente abandonou as guitarras e o baixo para se dedicar exclusivamente às teclas. O vocalista David Gahan completou o time e, após três compactos e um LP, Vince deixou a banda. No final de 1982, após mais três *singles* e o LP *A Broken Frame*, o tecladista Alan Wilder é incorporado. Até este período, o som do Depeche caracterizou-se por um tecno-popismo ortodoxo, com maleáveis melodias. Hoje, com 23 compactos (semcontar as *extended versions*) e seis LPs, o grupo é um dos mais evoluídos do universo do *high tech*, abusando luxuosamente de *fairlights*, *samplers* e sintetizadores. Porém, enquanto antologia, o LP em questão — com a exceção de "Route 66" — enfoca o grupo só até setembro de 1985, época em que saiu o compacto *It's Called Heart*. Além do inexplicável atraso de cinco anos, a edição nacional também não vem com a capa dupla original. Detalhes à parte, *The Singles* é uma boa compilação que representa desde o tecno-primitivismo dos primeiros *singles* (com "Dreaming of Me", "New Life", "Just Can't Get Enough" e "See You") até sua fase mais revolucionária, espelhada nos LPs *Construction Time Again* (1983) e *Some Great Reward* (1984). Nesta altura, o grupo enveredou pelos atalhos pós-industriais numa leitura popíssima e particular. Deste período, estão incluídas algumas de suas composições mais viscerais — como "People Are People", "Master and Servant" e "Blasphemous Rumours" — nas quais o quarteto adotou uma visão crítica e amarga perante os abusos nas hierarquias sociais. Esta síntese de catorze faixas é capaz de exalar aquele frescor pop e inteligência que tornaram-se marcas registradas das bonequinhas do Depeche Mode. *Fernando Naporano*

NEW JERSEY — Bon Jovi (Poly-Gram)

Com todos os seus LPs vendendo horrores — o anterior, *Slippery When Wet*, com nove milhões de cópias só nos EUA — o Bon Jovi lançou este disco apenas com a intenção de continuar sua "gloriosa" trajetória. Com temas sobre a adolescência ("Homebound Train", "Blood on Blood") e romances ("Living in the Sin", "Lay Your Hands on Me"), a banda faz um hard rock eficiente, porém banal, quando não descamba para o pagode descarado (como em "I'll Be There For You", idêntica a "I Shall Be Released", de Bob Dylan). *L.R.*

ZONA FRANCA

Entre os grandes grupos do novo rock americano de caráter alternativo, o quarteto **Sonic Youth** ocupa um lugar primordial. Nascido em 1984, já gravaram cinco LPs (um deles sob o *alterego* de Ciccone Youth).

O duplo **DAYDREAM NATION** (Blast First) — apontado entre os melhores álbuns do ano de 1988 pelos tablóides ingleses e americanos — é a síntese de uma *guitar band* que levou o rock'n'roll a extremos e não ficou satisfeita. Buscando seu equilíbrio, divagou por paisagens de *garage band*, *no wave* e experimentalismos diversos. O resultado é definitivamente um dos melhores da década de 80.

Natural de Seattle, o quinteto **Greenriver**, em seu primeiro LP, **REHAB DOLL** (Sub Pop), demonstrou ser uma das melhores opções do underground americano. Contando com o apoio moral de Kim Gordon, do Sonic Youth (que inclusive geme em uma das faixas, "Swallow My Pride"), o grupo recria numa linguagem personalíssima as mais ultrajantes e viscerais atmosferas dos anos 70. O melhor padrão de *psychodelic metal* instaurado nas esferas contemporâneas. Nunca o heavy foi tão inteligente e o psicodelismo tão permeável.

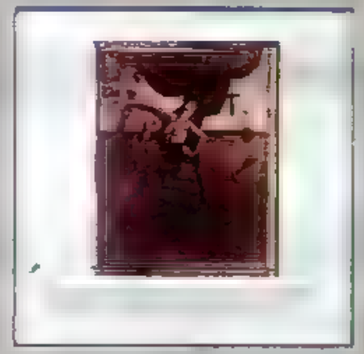
Levando a psicodelia a ilimitadas passagens de devassidão e loucura, o **Loop**, em seu segundo LP — **FADE OUT** (Chapter 2) —, prova ser uma das bandas mais transtornadas da Inglaterra hoje em dia.

Também seguindo o mesmo gênero do Loop e empunhando suas guitarras enchar cadas de *feedback* e distorção, o **Spaceman 3** desbunda pela *trash-neo-psychodelia* em **PERFORMANCE** (Glass).

Fernando Naporano

Editadas pela Profile — gravadora independente especializada em hip hop, com sede em Nova York —, **BEST OF HOUSE MUSIC** e **GOTTA HAVE HOUSE** são autênticas bíblias para os amadores do gênero e dos estilos que engendrou. Cada um desses álbuns duplos reúne doze compactos de doze polegadas — a forma predileta de gravar dos disc-joques de Chicago e Nova York —, com destaque para "Do It Properly", dos **2 Puerto Ricans, a Blackman and a Dominican** no primeiro álbum e "Can You Party", do **Royal House** de Todd Terry no segundo.

Jean-Yves de Neufville



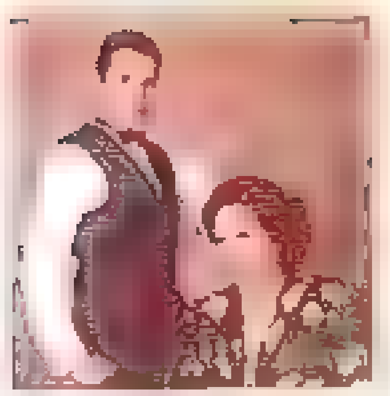
SURFER ROSA (4AD), o segundo LP dos **Pixies** e anfetamina prensada em vinil. O melhor álbum de 1988 segundo a *Melody Maker*. Seu swing é feito dos ruídos de guitarra mais simples: distorção e microfonia. A cada minuto, fazem a agulha vibrar entre uma bruma de calma e a demência maníaca. Algumas letras são cantadas em espanhol; "Gigantic" — o *hit single* na voz de Mrs. John Murphy — é um vulcão pop, uma balada que soa como se o Sonic Youth executasse uma canção das Shangri-Las. Sublime.

Marcel Plasse

RÁPIDO & RASTEIRO

Moçada, este mês está jogo duro. As honrosas exceções (e tem) ficam para o final. **Lulu Santos,** que andou por aí rodando a baiana, precisava saber que não é apenas com **AMOR À ARTE** (BMG-Ariola) que se logra alcançá-la. Aliás, quem é mesmo dinossauro do rock, hem, Lulu? E por falar em baiana, é necessário separar o dendê bom do rançoso. O segundo LP de **Cid Guerreiro** (BMG-Ariola) pertence à última categoria: subproduto de Luiz Caldas sem o mínimo charme. Puro oportunismo do compositor de "Ilariê". **LARANJA MECÂNICA** (Continental) está entre os dois: trio elétrico "nordestinizado" e afinado com a onda de samba-reggae. Já **Gerônimo** é dendê de qualidade superior, aquele que não pesa na sua moqueca. Seu quinto LP (Continental) é uma enciclopédia de ritmos afros em todas as suas traduções. Coisa fina ⊗ Da Bahia para o Rio. **UM CANTO FORTE** (Continental) é **Gera,** um filho espiritual de Martinho da Vila, tentando (e conseguindo) demonstrar que um puxador da Vila Isabel tem potência pra resistir no vinil. Próxima parada, Avenida Tiradentes: **SAMBAS DE ENREDO DAS ESCOLAS DE SAMBA DO GRUPO 1 DE SÃO PAULO** (Continental). Com esse título quilométrico, precisa dizer mais? ⊗ E não é que também a França produz ninfetas cantantes? Ela se chama **Vanessa Paradis** e seu LP, **M & J** (PolyGram). Nossa similar nacional, Angélica, canta seu hit "Joe le Taxi", transformado aqui por seus produtores em "Vou de Táxi", e, além disso, vai na mesma vertente "ingenuidade insinuante". Coisa de pervertido ⊗ Mocinhos, mas não muito, são **Mel & Kim**. **F.L.M.** (Stiletto) é sucesso garantido em shopping centers, mas não faz feio em pistas de dança. Aí tem dedo de Stock, Aitken & Waterman ⊗ **O RITMO DOS ANOS DOURADOS** (Brasidisc) é uma coletânea do período entre o final dos anos 50 e o começo dos 60 que ficou com aquela aura... Mas o disco é bom e foge do convencional: tem **Yardbirds, Carl Perkins, Beach Boys...** Sucesso garantido em festas para quem está completando mais de 30 ⊗ **Maurice Jarre** assina duas trilhas: **LUAR SOBRE PARADOR** (WEA) e **FATAL ATTRACTION** (Aldisc/Eldorado). A primeira é um pastiche de latinidades suspeitas, a segunda é intragável como o filme. **KOYAANISQATSI** (WEA), de **Philip Glass,** consegue ser muito mais interessante que o filme, o que não é exatamente um grande elogio ⊗ Seção "uma noite na ópera" junta duas "pérolas" em **BARCELONA** (PolyGram): **Freddie Mercury** e **Montserrat Caballé** (esta última, uma cantora lírica catalã) ⊗ **SUPERTRAMP LIVE' 88** e **KASHMIR** (Aldisc/Eldorado), do grupo homônimo, são dois LPs que demonstram esforços sobre-humanos destas respectivas bandas para conspurcar o seu pálido parentesco com o rock ⊗ **(AN EVENING WITH) LOUIS ARMSTRONG** (Alldisc/Eldorado) bem que poderia prestar esta homenagem a Satchmo com uma capa mais caprichadinha, que traz um selo "informando" que o álbum simples, é duplo.

Bia Abramo



DISCOS

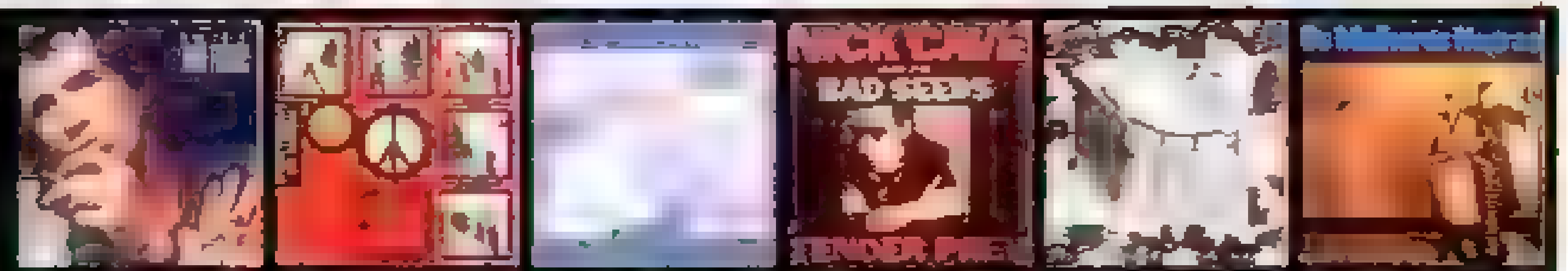
COMPACT DISC COMPACT DISC COMPACT DISC COMPACT DISC COMPACT

Enquanto para alguns músicos brasileiros já se tornam numerosos os títulos disponíveis em CD, para outros este registro de suas obras só agora começa a aparecer no mercado de forma esparsa. O exemplo se configura nos lançamentos de **CLUBE DA ESQUINA 2** (EMI-Odeon) e **MILTONS** (CBS), de **Milton Nascimento,** quando comparados à coletânea **OS GRANDES SUCESSOS DE ALCEU VALENÇA** (PolyGram). Se no caso de Milton seu álbum duplo de 1978 e seu LP mais recente vêm se somar a outros quatro editados (fora duas coletâneas), o primeiro CD de Alceu traz apenas uma compilação parcial de seu trabalho. Na área da música instrumental, há o lançamento de **SAMAMBAIA** (EMI-Odeon), disco de 1981 do tecladista **César Camargo Mariano** em duo com o violonista **Hélio Delmiro** e a trilha composta pelo *dire strait* **Mark Knopfler** para o filme **LOCAL HERO** (PolyGram), enquanto o rock brasileiro comparece com **O PASSO DO LUI,** segundo LP dos **Paralamas.**

Celso Pucci

GRAVADORAS INDEPENDENTES

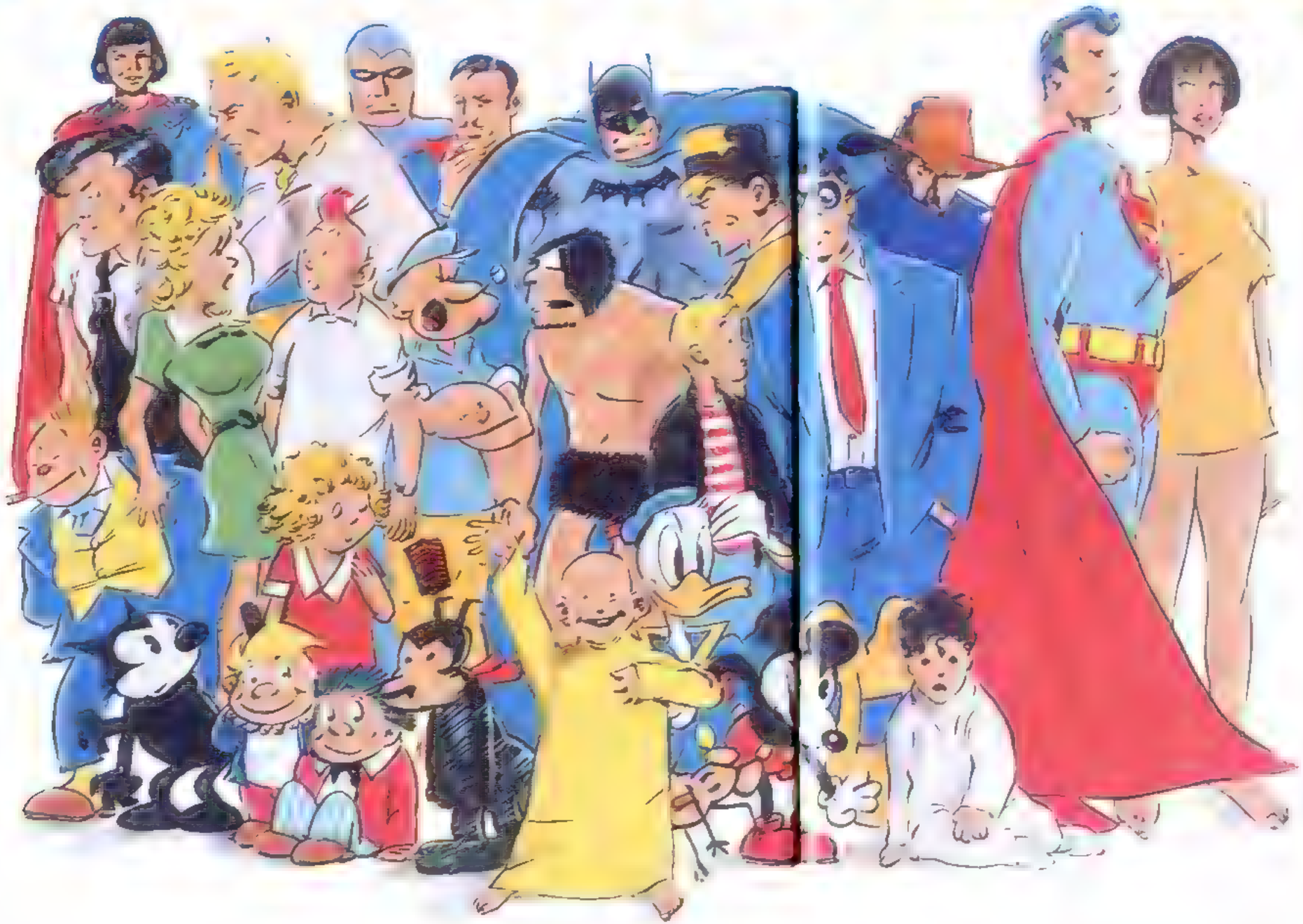
BOLSA DE DISCOS



	TALK IS CHEAP Keith Richards Virgin/BMG-Ariola	[illegible] Fingerfingers Plug/BMG-Ariola	[illegible] Maria Angélica Vinil Urbano	TENDER PREY Nick Cave and the Bad Seeds Stiletto	DEFALLA Plug/BMG-Ariola)	MÚSICA E CIÊNCIA Os Mulheres Negras WEA
Arthur G. Couto Duarte Rádio Liberdade BH	Bom	Fraco	Ótimo	Ótimo	Bom	•
Bia Abramo Bizz	Bom	Fraco	Ótimo	Ótimo	Interessante	•
Fernando Naporano O Estado de São Paulo	Bom	•	•	Bom	Razoável	Fraco
Hagamenon Brito A Tarde, Salvador, BA	Interessante	Ótimo	Razoável	•	Ótimo	Ótimo
José Roberto Mahr Novas Tendências	•	•	Interessante	Ótimo	Bom	Bom
Kid Vinil Rádio e TV Cultura	Ótimo	Interessante	Bom	Ótimo	Interessante	Ótimo
Leopoldo Rey 97 FM Santo André SP	Bom	Bom	Interessante	Bom	Bom	Bom
Marcos Smirkoff Folha de São Paulo	Razoável	Razoável	Razoável	Bom	Interessante	Bom
Tarik de Souza Jornal do Brasil RJ	Bom	Ótimo	Interessante	Ótimo	Interessante	Bom
Celso Pucci Bizz	Bom	Fraco	Bom	Bom	Razoável	Fraco

Ótimo
Bom
Interessante
Razoável
Fraco

A HISTÓRIA DOS QUADRINHOS



(1895-1938)

Cometa Halley, socialistas, luz elétrica, jazz, cinema, telefone... Nesse mundo de mudanças vertiginosas e invenções assombrosas da virada do século nascia, nas páginas de um jornal, uma nova forma de expressão

1895/1929

Em 1895, Richard Felton Outcault desenhava uma página no suplemento dominical colorido do jornal *New York World*, chamada Down Hogan's Alley. A página introduziu Yellow Kid, o primeiro personagem famoso das histórias em quadrinhos, que celebrizaria seu roupão amarelo até nos palcos da Broadway. Em 1904, as histórias de Yellow kid foram compiladas e deram origem a revista em quadrinhos.

Antes do Kid, os quadrinhos eram rudimentares. Little Bears and Tigers (1892) de Jimmy Swinnerton, considerado por muitos o verdadeiro pai do gênero, não usava sequência de quadros nem diálogos com balões. O fato é que Yellow Kid mostrou que quadrinhos vendiam jornais. E os artistas passaram a ter seus passes disputados pelos grandes rivais da imprensa, William Randolph Hearst, proprietário do *New York Journal*, não só contratou os melhores desenhistas da época, inclusive Outcault, como providenciou o segundo sucesso histórico dos quadrinhos. Hearst sugeriu a Rudolph Dirks, então com 20 anos, que adaptasse as aventuras de *Max und Moritz* para o seu jornal. Surgiam os Katzenjammer Kids, mais conhecidos como Os Sobrinhos do Capitão, dois endiabrados pirralhos que adoravam atormentar a família.

As primeiras tiras (*strips*) eram cheias de personagens infantis. Além dos citados, havia entre os mais famosos, Little Nemo, que vivia no mundo dos sonhos e A Aninha (Little Orphan Annie), a órfã boazinha de Harold Gray. Mas também havia muitos bichinhos humanizados como Maud de Frederick Burr Opper, o brilhante Krazy Kat de Herriman e seu sucessor, o gato Felix de Pat Sullivan, que lidavam com o humor em sua forma mais pura, ao contrário dos personagens tirados dos cartoons cinematográficos, que encenavam sempre o mesmo sketch, pequenos Davis do reino animal invariavelmente levando a vantagem sobre seus maiores e mais fortes antagonistas. Os Três Porquinhos e o Lobo Mau, de Disney, começaram a tradição, continuada por Tom e Jerry, Pernalonga, Pica-Pau e inúmeros outros.

O bichinho mais famoso, Mickey, chegou aos jornais em 1930. Seu maior concorrente, o Pato Donald, em 1938. Em muitas partes do globo (incluindo o Brasil) é o gentioso pato que lidera em popularidade. O mérito é de Carl Barks, o artista que desenhou os primeiros quadrinhos das revistas Uncle Scrooge (Tio Patinhas) e Walt Disney's Comics and Stories. Ainda hoje, suas sempre reprisadas histórias de caça a tesouros perdidos inspiram novas aventuras, como Duck Tales. O charme do "tipo azarado" foi outro fator de sucesso de Donald. O azarado era uma categoria de personagem popular no início dos quadrinhos,

Os Sobrinhos do Capitão são inspirados em *Max und Moritz*, onde Wilhelm Busch já misturava poemas infantis com desenhos ilustrativos. Rudolph Dirks adaptou as histórias de dois garotos levados da breca e desenvolveu a técnica de contar uma história a partir de sequências narrativas (os quadrinhos) e do uso dos balões.

Yellow Kid, o risonho garotinho oriental de camisola amarela de Richard Felton Outcault, foi o primeiro que reuniu as características que passaram a definir a história em quadrinhos: um elenco regular de personagens em histórias com continuação, um tema comum e texto integrado à imagem, que mais tarde se desenvolveu em balões com legendas.

descendente de Happy Hooligan (1899, de Opper), Mutt (que fazia dupla com Jeff) e Dagwood (o marido de Blondie).

A criação de uma rede de distribuição nacional (Syndication) causou o primeiro grande impacto nos quadrinhos. Os personagens de maior identificação pertenciam à classe média baixa e ignoravam a era do jazz — a exceção de Polly, da tira Positive Polly (mais tarde Polly and Her Pals) de Cliff Sterrett, que despertava temores em seus pais devido a seus vestidos escandalosos e estilo coquete. Pafúncio (Bringing Up Father) de George McManus, foi a tira mais bem sucedida do período, centrando seu argumento na guerra doméstica entre um casal novo-rico. Foi McManus, aliás, quem criou a primeira tira familiar, The Newlyweds, responsável pela temática predominante nas primeiras décadas, a crise entre a bela esposa atarefada e o bom marido vagabundo — tema levado à perfeição por Chic Young nas tiras de Blondie.

As primeiras tiras de quadrinhos eram cômicas e caricatas e por isso foram chamadas de *comics*, nome que persistiu mesmo quando seu conteúdo se abriu para o campo da aventura e dos problemas sociais. Os quadrinhos de humor (*funnies*) reinaram até os anos 30. Contudo, a partir do *crack* da economia americana, até mesmo personagens de traço caricato como Ferdinando (L'il Abner), de A. Capp, passaram a temperar o humor tradicional com um estilo satírico grotesco. Mas a principal guinada dos *comics*, que passaram a refletir a necessidade de fuga da crise do período entre-guerras, foi o surgimento das tiras de aventura e dos super-heróis. Foi um marinheiro introduzido por Elzie Segar na série Thimble Theatre (1924) quem fez a transição. Popeye foi o primeiro super-herói dos quadrinhos, adquirindo super-força ao ingerir espinafre.

1929/1938

1929-1938. A era das tiras de aventura começou, de fato, com Tarzan e Buck Rogers, publicados, por coincidência, no mesmo dia (7 de Janeiro de 1929). As primeiras tiras de Tarzan foram adaptadas do livro *Tarzan dos Macacos* de Edgar Rice Burroughs, de 1914. Harold Foster, o autor da adaptação, desenvolveu uma técnica romanceada em suas ilustrações, substituindo os balões convencionais por legendas. A idéia foi especialmente feliz por resolver um problema peculiar: Tarzan, de acordo com o conceito original de Burrougs, não falava nenhuma linguagem específica. Após Foster, o melhor artista de Tarzan foi Burne Hogarth, responsável pela transformação do Homem-Macaco em um super-herói selvagem.

Buck Rogers foi o primeiro herói espacial. Boa parte dos conceitos de suas tiras, de autoria de Phil Nowlan e Dick Calkins, eram baseados em escritores como Jules Verne e H. G. Wells. O próprio tema das histórias, um astronauta do século XX que despertava cinco séculos no futuro, possuía relação direta com *A Máquina do Tempo* de Wells. Suas aventuras ainda mostraram o primeiro pouso na Lua, mísseis, lasers, televisores, robôs e, numa sequência de 1939, seis anos antes de Hiroshima, uma descrição da bomba atômica. Buck Rogers também foi a primeira novela radiofônica adaptada dos *comics* (1932) e o personagem da primeira revista em quadrinhos mensal dos E.U.A., Famous Funnies (1933).

O filão aberto por Buck Rogers foi seguido por Brick Bradford, outro viajante do tempo, criado por William Ritt e Clarence Gray em 1933. Graças a seu "Balão do Tempo", o herói vivia aventuras que se desenrolavam tanto na pré-história como no futuro distante. A idéia colou até mesmo no *funnie* Brucutu (Alley Oop) de V. T. Hamlin, também de 33. Em 1939, Brucutu e sua namorada Ula (Dola) foram desmaterializados em sua época pré-histórica, graças a uma engenhoca do tempo, e transportados para o século XX. Mas nenhum personagem de ficção foi tão famoso quanto Flash Gordon.

O herói, criado por Alex Raymond em 1934, foi a outro planeta, salvou a terra da distruição e ainda lutou ao lado dos americanos na Segunda Guerra Mundial. Flash Gordon foi também a primeira aventura dos quadrinhos adaptada para o cinema (em 1936). Alex Raymond era o artista mais criativo de seu tempo. No mesmo dia em que Flash Gordon foi publicado, ele lançou Jim das Selvas (Jungle Jim), em aventuras transcorridas no Sudoeste Asiático. Ao lado da bela Lil e de seu companheiro hindu, Kolu, Jim Bradley disputava o público de Tarzan com o único rival à altura da arte de seu autor: Hal Foster.

As selvas também foram exploradas pela editora Fiction House, especialmente nas páginas da revista Jumbo Comics, lançada em 1939 e adaptada do maior sucesso da editora, as Jungle Stories dos anos 20. Jumbo Comics apresentava aventuras de vários personagens, entre eles Hawk, criado por Will Eisner, e Sheena, uma garota perdida na selva. A loira de maiô tigrado, inventada por W. Morgan Thomas, foi a primeira heroína das revistas em quadrinhos. Em 1942, essa versão feminina de Tarzan ganhou revista própria.

A King Features, a editora mais poderosa da época, também tinha a sua *jungle strip*. Na verdade, o Fantasma (The Phantom), uma criação de Lee Falk e Ray Moore em 1936, era mais do que uma simples história de selva. O Fantasma era um justiceiro mascarado, um dos primeiros heróis uniformizados, que cumpria o juramento de um ancestral do século XVI, combatendo o mal nas selvas. Seus auxiliares eram os terríveis pigmeus Bandar, os únicos, além de sua namorada, (e posteriormente esposa) Diana Palmer, que conheciam a localização da caverna da Caveira, seu lar, e os segredos de sua origem. Para os malfeitores, entretanto, o Fantasma era uma lenda, "o espírito que anda", um imortal com mais de quatrocentos anos de idade, que deixava em suas vítimas a marca da caveira. As histórias de Tim e Tom (Tim Tyler's Luck), de Lyman Young (irmão de Chic Young, autor de Blondie) também chegaram às selvas da África. Entretanto, a tira começou como uma aventura de aviação, vertente inspirada

Nos anos 30, a violência das ruas inspirava os quadrinhos

no vôo de Charles Lindenbergh através do Atlântico, em 1927. O herói mais popular entre inúmeras tiras de aviação dos anos 30 era Ace Drummond, de Eddie Rickenbacker e Clavton Knight. O western também habitava as tiras. Os principais "mocinhos" dos quadrinhos eram o Rei da Polícia Montada (1935) de Zane Gray, Red Ryder (1938) de Fred Harman e Zorro (The Lone Ramger, 1939), adaptação da mais popular série radiofônica de todos os tempos. Havia aventuras realmente exóticas, como as vividas na China por Terry e os Piratas, de Milton Caniff, as inúmeras voltas ao mundo de Tintin, o personagem de quadrinhos mais popular da Europa, criado por Hergé, aliás George Remis, num jornal de Bruxelas, Bélgica, em 1929. Mas o grande filão das tiras dos anos 30 foi mesmo a realidade das ruas, transformada em manchetes graças à onda de violência que varreu os EUA durante a Lei Seca.

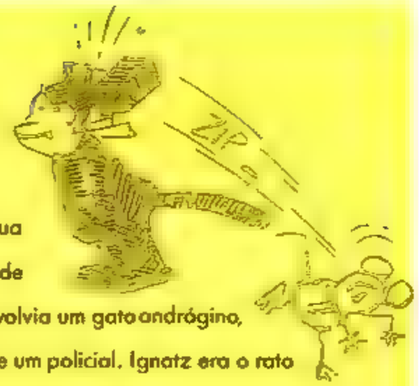
A primeira tira policial séria foi desenhada por Chester Gold em 1931. Dick Tracy atuava em Chicago, o principal reduto do gangsterismo.

Esportes, nutrição, aeróbica, moda, ginástica e gente bonita.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

Ferdinando (L'il Abner) é um caipirão que foi cacado até ao altar por Violeta (Daisy Mae), uma loirinha ingênua e deliciosa nas medidas de Marilyn Monroe. John Steinbeck chegou a considerar suas desventuras o melhor exemplo de sátira de seu tempo. Seu maior clássico foi a saga dos Schmoos (Os tipos bizarros inventados por Al Capp eram inúmeros), criaturinhas amáveis que, infelizmente, se reproduziam tao rápido que ameacavam arruinar a economia.



Krazy Kat foi precursor dos quadrinhos underground. Sua ultrajante farsa de amor e ódio envolvia um gato andrógino, um rato sádico e um policial. Ignatz era o rato com uma missão: acertar Kat com um tijolo. O gato, porém, amava loucamente o rato e via em cada tijolo um missil de amor. George Herriman criou esse comic classico em 1911 e morreu com ele em 1944. A tira não teve seqüência — seu apelo nao era popular Entre os ávidos admiradores de Krazy Kat encontravam-se o poeta e.e.cummings e o Presidente Wilson

As aventuras de **Little Nemo**, iniciadas em 1905, duravam uma página, tempo suficiente para o menino sonhar e cair da cama. O traço de Winsor Mccay possuía uma perspectiva única, que transformava as duas dimensões dos quadrinhos num plano infinito. Sua fantasia onírica antecipou o surrealismo, bombardeando o papel com rococos, *sets* bizantinos e detalhamento obsessivo.

mo, na época dominada por Al Capone. Seus inimigos eram grotescos, deformados como o crime. Por isso, Dick Tracy entrava em ação derrubando portas a tiros de metralhadoras e esparramando sangue em quantidade liberal.

O mais *noir* dos detetives dos quadrinhos foi Red Barry, criado por Will Gould em 1934 para disputar o concurso que daria um desenhista ao agente secreto X-9, de Dashiell Hammett. O cuivo Barry era um irlandes durão, convicto de que a lei deveria se opor ao crime com metodos tão violentos quanto fossem necessarios. Sua vida foi curta, infelizmente. Seis anos após sua estréia, a censura interna da King Features exigiu uma reformulação do personagem, que deveria renunciar à violência e ter o conteudo moral de suas histórias alterado. Gould encerrou a carreira.

Alex Raymond, o primeiro desenhista do detetive do FBI conhecido como agente secreto X-9 por ironia, acabou redefinindo o perfil aspero dos detetives dos quadrinhos. Ao contrário dos tipos dos anos 30, Rip Kirby (no Brasil, Nick Holmes), que Raymond trouxe ao mundo em 1946, era um intelectual sofisticado, burgues, que amava musica classica bebia moderadamente, jogava xadrez e golfe e até usava óculos.

O tema "heroi detetive" ainda se prestaria a variações como a de Charlie Chan, o detetive chinês, Mandrake, o detetive magico, os mascarados Spirit e Sombra e o super-detetive Batman, entre os mais famosos.

A grande contribuição das tiras de aventura — na verdade, foi uma nova concepçao de desenho, que exigia conhecimento da anatomia, perspectiva, luz, sombra e uma acurada busca de autenticidade em todos os detalhes — O Príncipe Valente de Hal Foster foi o apice. Os enredos das tiras, porém, não eram nobreza. Já existiam em *pulp* revistas baratas com historias curtas estreladas por um mesmo personagem. Doc Savage, criado por Lesser Dent, foi o primeiro heroi a se denominar "super-homem". O Sombra de Maxwell Grant, por sua vez, foi a grande influencia de Batman. Quando os dois se encontraram em 1972, Batman admitiu: "Nunca disse a ninguem, mas você foi minha maior inspiração! Será uma honra apertar sua mao". Doc Sage e o Sombra, personagens dos *pulps*, viraram quadrinhos quando sua editora, Street e Smith, decidiu entrar no boom dos *comics* nos anos 40.

NÃO PERCAM OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS

SÓ ENTRE NÓS

Na próxima edição, BIZZ vai dar um flexdisc exclusivo do DURAN DURAN. É uma gravação ao vivo da música "TOO LATE, MARLENE", do disco "BIG THING". Esta versão não existe no mercado.
Aguarde este lançamento exclusivo de BIZZ para você

S. S. SPUTNIK

RIO ROCKS

(James/Degville/Whitmore)

Well, girls will be boys and boys will be girls
it's a mixed up muddled up shook up world
well, some like it hot and some like it cool
well, like it or not, this is what you got
a space age party that's never gonna stop

(refrão)

Aaah aah, Rio rocks — it's a city in shock
yeah, Rio rocks...

On Ipanema beach, we got two girls each
and everyone you meet, they're rockin' to the beat
let's get crazy, let's strip in the street
'cos some like it hot and some like it cool
well, like it or not this is what you got
a space age party that's never gonna stop

(refrão 2 x)

So let's get high (3 x)
on a free supply
what a crystal champagne rock'n'roll way to die...

(refrão 3 x)

O RIO CAI NO ROCK

Bem, garotas hão de ser garotos e garotos serão garotas
*é um mundo confuso, bagunçado, estremecido **
bem, uns gostam quente e outros gostam geladinho
bem, goste ou não, isto é o que você tem
uma festa da era espacial que nunca vai terminar

(refrão)

Aaah aah, o Rio cai no rock — é uma cidade em choque
yeah, o Rio cai no rock...

Na praia de Ipanema, nós temos duas garotas cada
e todo mundo que a gente encontra já caiu no embalo do rock
vamos enlouquecer, arrancar a roupa na rua
pois uns gostam quente e outros gostam geladinho
bem, goste ou não, isto é o que você tem
uma festa da era espacial que nunca vai terminar

(refrão 2 x)

Por isso vamos despirocar e alucinar
com um abastecimento grátis
que maneira mais champanhe cristalina
de se ter uma morte rock'n'roll...

(refrão 3 x)

** Estes dois primeiros versos são citações de um dos maiores e mais proféticos clássicos do rock inglês: "Lola", dos Kinks.*

AS LETRAS DOS SUCESSOS QUE VOCÊ CURTE AGORA ESTÃO

TODO MÊS NAS BANCAS.

LETRAS TRADUZIDAS

BIZZ ESPECIAL

EDITORA AZUL

CARTAS

ROCK BRASIL 89

Achei muito interessante a geral que a Sônia Maia deu no rock brasileiro na edição de Janeiro de 89 da revista. Só gostaria de lembrar que faltou comentar a situação da imprensa musical no Brasil, que não é nada boa. Já começamos o ano de pé esquerdo com o fim da *Somtrês* (uma companheira mais antiga de vocês) justo quando ela completava dez anos de estrada. (...) Quanto à resposta que a Sônia deu aos "abelhudos", estou com ela: já chega de tanta frescura... se as coisas continuarem como estão, vamos chegar ao final dos anos 90 ainda discutindo se o rock brasileiro tem futuro ou não. Além disso, ao contrário do que pensa a senhora Paula Toller, quanto mais concessões você faz aos donos da mídia, menos liberdade vai ter para fazer aquilo que gosta, pois este esquema já está viciado e, quando se entra nele, dificilmente o artista escapa da decadência, ainda mais em um país como o Brasil, onde o profissionalismo não existe e as gravadoras preferem investir mais em armações do que em artistas que poderiam gerar os mesmos lucros a médio ou longo prazo fazendo música (rock, pop, jazz... o que for) de boa qualidade. É chato ter que discutir isso todo começo de ano e descobrir que o que precisamos são sempre as mesmas coisas: rádios com boa programação, espaço para novos talentos, gente mais inspirada nas gravadoras, bons produtores... mas vamos em frente porque para trás ninguém quer voltar. **Alfonso Moscato, Curitiba — PR**

Li a matéria "Rock Brasil 89, Olho Por Olho, Dente por Dente" e achei excelente. As declarações dos roqueiros são verdadeiras pérolas. Só que eles cometem um gravíssimo engano ao atacar a música pop. O ponto não é o rock resistir e vencer o pop. O essencial é que do pop saia alguma coisa realmente forte, capaz de derrubar o rock por terra, como este fez com as *big bands*. Alguma coisa com *feeling* (ah! se o Kraftwerk não fosse uma ilha!). O único a perceber esta necessidade foi o Renato Russo, líder de uma banda acusada de pouca originalidade. Pois eu digo: já não se pode tocar rock e ser original ao mesmo tempo. Os últimos a conseguir esta proeza foram os Smiths. O rock não morreu. Está só velho e cansado. Os discos que estão aí são eternos. Não tenham medo da velhice, roqueiros, ela é poética. E aí vão os anos 80, uma longa década de transição. Pra onde vão os caminhos do pop? Quem vai roubar o trono? O próprio rock anseia por isso.

P.S. — Abaixo o Lulu Santos. **Antônio José (Tom) Furtado — Araraquara — SP**

Ao folhear a BIZZ de Janeiro/89 deparei-me com os comentários de Roberto Rodrigues e a resposta de Sônia Maia a ele. Consultei a edição 39 (Novembro de 88), reli a crítica de Sônia Maia e, antes de tudo, gostaria de parabenizá-la pela matéria.

Lulu Santos — que pouco tempo atrás se dizia roqueiro, conquistando milhares de fãs banhado em velhos clichês do comercialismo — agora diz que procura novos rumos porque o rock já deu o que tinha que dar. Tem que ter muita cara de pau para dar um depoimento desses. Como já disseram, ele se acha o maior, pisando em todos os mitos que lhe ensinaram o que era rock'n'roll. Quanto ao Roberto Rodrigues: 1) Se ele conhece rock brasileiro, pergunte a ele sobre o Violeta de Outono ou mesmo o Harry; 2) Se ele realmente se acha um fã fiel, diga para ele prestar mais atenção no que seu ídolo diz antes de tomar qualquer posição. Finalizando, acho que o Clemente dos Inocentes se manifestou muito bem. Lulu Santos realmente cuspiu no prato que comeu. **Westei Meula Vianna, São Paulo — SP**

Um fantasma ronda a redação da Revista BIZZ e não é o fantasma do comunismo. Pelo contrário, parece ser o fantasma do capitalismo selvagem. Na edição de Janeiro de 89, nós, "leitores", fomos brindados com uma interessante matéria sobre o "Rock Brasil 89". Falou-se muito, criticou-se, opinou-se idem, aliás, muita gente falou besteira, e ficou tudo naquele clima de vamos-renovar-as-esperanças-nesse-ano-que-começa. Todo mundo, é claro, com as melhores das intenções! Mas como vovó já dizia: "de boas intenções o inferno está lotado". (...) É compreensível o fato de uma (boa) parte do público leitor da BIZZ ser muito mal (in)formado, e que eles escolham A-has e George Michaels como "melhores do ano". Mas dar informações picadinhas, mastigadinhas, e facilmente digeríveis para o público *não* cria uma consciência crítica, pelo contrário, acomoda e vicia um público (digamos "massa") facilmente manobrável por essa mafiosa mídia "pós-moderna". Só que meter o pau não basta. (...) Vocês falaram sobre isso na última edição, mas *agora?!* Depois de três anos de Revista BIZZ, agora vocês resolvem falar um pouco a respeito! Agora é muito tarde, porra! Vocês deveriam ser muito mais obstinados! Deveriam ter denunciado essa máfia toda que controla as gravadoras. Deveriam falar de mídia, multinacionais do disco, marketing, merchandising, armação, jabaculê, falcatruas em FMs, programações viciadas, etc etc etc (...).

A BIZZ, queiram ou não, é a única revista de pop-rock que sobrevive nos dias de hoje, é formadora de opinião e, por isso, tem uma enorme responsabilidade. (...) Sobre a matéria supra-citada — "Rock Brasil 89" — eu queria aproveitar a deixa para meter o pau no Edgard Scandurra, quando ele pega o pop como bode expiatório, responsabilizando-o por todas as mazelas de que padece o rock hoje em dia. Um absurdo! (...) Existem bons e maus conjuntos dentro do pop assim como existem bons e maus conjuntos de rock. (...) Tenho a impressão que o Edgard Scandurra prega o anacronismo. Existem roqueiros que acreditam que quanto mais se assimila uma "volta às raízes" do rock, mais autêntico o rock é. Quanto mais reacionário e anacrônico, melhor. Grupos como o Barão Vermelho, Golpe de Estado e, por vezes, o Ira! (que pena) têm essa mentalidade. (...) Esse culto raivoso do passado talvez seja mais um sintoma da grande crise criativa em que está mergulhada a cultura nos últimos anos. (...) Me lembrei do mais pedante crítico da BIZZ, o polêmico senhor Pepe Escobar. Pepe Escobar é um especialista em fazer citações. Cita tal filme, tal livro, etc, num estilo totalmente fragmentado, ou melhor, estilhaçado, enfim irritante, afetado e de pouca confiança. Pepe Escobar é um sub-Paulo Francis pós-moderno... **Josué da Silva Júnior, São Bernardo do Campo — SP**

Concordamos perfeitamente com seu raciocínio e sua revolta contra a máfia da mídia. Mas a BIZZ não ficou calada por três anos, como você afirma. Denúncias feitas por BIZZ ao capitalismo selvagem que vem corroendo nossa produção cultural aparecem na edição 31/fevereiro de 88, na matéria entitulada "O Futuro do Rock Brasil". Ainda em 88, na edição de Novembro (BIZZ 40), o próprio Pepe Escobar se encarregou de fazer tais denúncias, na matéria "A Decadança do Pop Inglês". Nunca é tarde demais, Josué.

CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

Hi! Sou uma garota japonesa de 18 anos e desejo me corresponder com jovens brasileiros com idade entre 15 e 20 anos. Eu gosto de ler, escrever cartas, escrever contos e ouvir música pop. Escrevam logo, por favor! **Sachiyo Hotta, 704-6,1,3, Namiki, Tokorozawa-shi, Saitama, 359 — Japan**

Tenho 16 anos e adoro o Brasil. Quero fazer novas amizades com garotos e garotas que curtam leitura, música, dança e cinema. Falo inglês, espanhol e algo de português. Prometo responder. **Irene Mayans, Calle 21, 2118, La Plata, 1900, Buenos Aires — Argentina.**

Gostaria imensamente de me corresponder com toda a juventude simpática do Brasil. Sou angolano e tenho 24 anos. Escrevam! **Alencar João Álvaro da Costa Gaspar. Bairro Matines de Kifangondo, r. 16, casa 17-A, Luanda — Angola.**

Gostaria de me corresponder com pessoas que curtam Smiths, Sting, Brian Eno e muitos outros! **Daniel Bartholomew Ferraz, A/C da Sra. Cristina Martins, Caixa Postal 1070, Lobito — Angola.**

FÃS-CLUBES

Engenheiros do Hawaii *Fã-Clube n.º 1 — Longe Demais das Capitais*. Fabiano Buzanelo, r. Jenival Fortes, 850, Paranavaí — PR

Hojerizah A/C Newton Telles Costa Travessa Agrense, 28/ 1002, CEP 22050, Rio de Janeiro — RJ.

Sigue Sigue Sputnik *Sputniks Face the Music In'89*. Caixa Postal 146, CEP 09400, Ribeirão Pires — SP

Talking Heads *Talking Heads Maniacs Fã-Clube* r. Cândido Botelho, 30 CEP 17200, Jaú — SP

U2 Radar — Fanzine do grupo U2 Caixa Postal 1445, CEP 40001, Salvador — BA

COMPLETANDO COLEÇÕES

Compro as edições de BIZZ números Zero, 01, 03, 04, 05, 06, 08, 10 e 11. **Christine Thanatique — Av. Rui Barbosa, 460/1501, CEP 22250, Rio de Janeiro — RJ**

Gostaria de me corresponder com pessoas que queiram vender os números 01, 02, 03, e 04 de BIZZ. **Haroldo Garcia Júnior. — R. Eng.º Rebouças, 2196, CEP 80320, Curitiba — PR**

Compro as edições de BIZZ do número Zero ao 34, Revista-Poster 17-A (U2), todas as edições de Letras Traduzidas e Ídolos do Rock. **Cibele Meinerz — Américo Vespúcio, 1111, apt.º 302, CEP 90450, Porto Alegre — RS**

Gostaria de comprar as edições de BIZZ números 08 e 21, as únicas que faltam para completar minha coleção. **Paulo Henrique Martins Costa — R. Corinto, 351, CEP 30210, Belo Horizonte — MG**

DESFAZENDO COLEÇÕES

Vendo as edições de BIZZ do número 01 ao 34, com exceção do número 15. Quem comprar todas leva também outras dez revistas, entre Letras Traduzidas e Especiais. **Marcos Roberto da Silva — R. Rodrigo Silva L3, QD, F., CEP 25500, São João do Meriti — RJ**

Vendo edições de BIZZ números 03, 04 e do número 10 ao 40 em ótimo estado. **Eduardo Garcia — R. Rosângela D. de Oliveira, 01, CEP 06230, Osasco — SP**

Vendo edição de BIZZ número 39 e Revista-Poster número 20-A (Cure). **Nanci de A. Leite — R. Antonio de Moura Andrade, 68, CEP 08210, São Paulo — SP**

Aviso aos Assinantes

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Abril-Assinaturas, rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, utilize estes telefones:

SÃO PAULO	Tel. (011) 823-9222 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RIO DE JANEIRO	Tel. (021) 295-5544 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RECIFE	Tel. (081) 224-0655 - Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h
SALVADOR	Tel. (071) 247-1022 - Das 8h às 12h e das 14h às 18h
BELO HORIZONTE	Tel. (031) 275-2255 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
PORTO ALEGRE	Tel. (0512) 33-9034 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
BRASÍLIA	Tel. (061) 226-6963 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
CURITIBA	Tel. (041) 263-3013 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo, coloque-o num envelope e envie-o para

EDITORA ABRIL ASSINATURAS

rua do Curtume, 769, CEP 05065, Lapa, São Paulo - SP.

BIZZ 45

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço de 6 a 8 semanas após recebermos seu pedido.

Novo endereço

Bairro

Cidade

CEP

Estado

Telefone

Entrega

Roteiro

recorte aqui

SOFT MACHINE
THIRD (1970)

A saga do Soft Machine iniciou-se por volta de 1961, ao redor da Simon Langton School, em Canterbury, no norte da Inglaterra. Lá, um grupo de estudantes das mais diversas áreas costumava reunir-se nos fins de semana para ouvir as novidades do jazz (Coltrane, Mingus, Coleman) e discutir suas predileções nos campos das artes plásticas (Jackson Pollock, Mark Rothko), literatura (todos os *beats*) e música contemporânea (Stockhausen e Luigi Nono principalmente).

Entre os papos, a turma tocava informalmente, dando o nome de Wilde Flowers à flutuante formação que, segundo a lenda, mudava a cada semana. Entre os mais assíduos dessas *jams* estavam Mike Ratledge (teclados), Robert Wyatt (bateria, voz) e Kevin Ayers (baixo, voz). Certa noite, um amigo os apresentaria ao guitarrista Daevid Allen, um *freak* australiano que por sua vez os iniciou na técnica dos *tape-loops* (que ele desenvolvera originalmente com o então desconhecido Terry Riley) e no uso do LSD.

Pronto. Nascia assim o Soft Machine (uma homenagem ao romance homônimo de William Burroughs), um grupo fundamental para a eclosão do chamado *art-rock* — ou progressivo, como queiram — não só em seu país como em toda a Europa. Em 1966, já fixado em Londres, o grupo, junto ao Pink Floyd, lançaria as bases da psicodelia local, participando de *happenings* em casas noturnas como a Roundhouse e a UFO. Nessa primeira fase — que se estendeu até 1969 —, as composições do quarteto estavam banhadas de vibrações ácidas, introduzindo um clima burlesco salpicado de citações *dada* no sisudo universo sonoro britânico. Musicalmente, tais temas esbateriam de vez as fronteiras existentes entre o jazz e o rock, além de — ousadia maior — privilegiar os timbres de teclados, em pleno reinado da guitarra elétrica. Entretanto, isso não impediu que Andy Summers circulasse pela banda e que Jimi Hendrix tocasse em "Feelin', Reelin', Squealin' ", o lado B do primeiro e único *single* deles para a Polydor. Após dois LPs de canções curtas pelo selo Probe (um fiasco comercial) e mudanças que quase o exterminam prematuramente (saíram Allen e Ayers, com a entrada do baixista Hugh Hopper e do saxofonista Elton Dean), o Soft Machine parte para o seu projeto mais ambicioso: o álbum duplo *Third*. Vale lembrar que, no mesmo ano de 1970, Miles Davis gravaria *Bitches Brew*.

No trabalho em questão, o grupo foi reforçado por uma excepcional seção de metais: Nick Evans (trombone), Lyn Dobson (flauta, sax) e o veterano Jimmy Hastings (clarineta, flauta), mais o violino de Rob Spall. *Third* dividiu-se em quatro faixas, cada uma ocupando o lado inteiro de um disco. Eram temas complexos, altamente improvisados, que fluíam às custas do virtuosismo dos músicos. Frases e linhas pessoais independentes umas das outras, mas que em momentos-chave se coagulavam em núcleos de puro êxtase.

Jazz, nova música ou o quê? A beleza atemporal de *Third* conseguiu desafiar os rótulos fáceis. A verdade é que "Facelift", "Slightly All the Time" e "Out-Bloody-Rageous" e, principalmente, a insana fantasia de "Moon in June" permaneceram à parte de tudo que foi criado no período. Um vórtice de colagens radiantes, *breaks* violentos, espasmos, fugas de órgão, *clusters* de sax e devastações rítmicas que confluíam para um incandescente oceano sônico de basalto e lava vulcânica.

Ao lado de *Ummagumma*, do Pink Floyd e *In the Court of the Crimson King*, do King Crimson, *Third* foi a derradeira pá de cal despejada sobre o esquife dos Beatles. A partir dele, nomes já esquecidos, como Henry Cow, Faust, Matching Mole, Caravan, Centipede, Gong e Hatfield and the North realizaram apaixonantes exercícios no gênero, sem encontrar, todavia, a coesão e o impacto dos modelos originais.

Arthur G. Couto Duarte

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia, Lorena Calabria (RJ)
Redatora: Marisa Adán Gil
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Celso Bianes
Diagramadores: Angelo Assori, Maria Amélia de Aperado, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Silviano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Carlos E. Miranda, Celso Pucci, Celso Masson, Daniel Benevides, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Jean-Yves De Neufvèle, José Eduardo Mendonça, José Roberto Mahr, Kid Vinil, Leopoldo Rey, Luis Antonio Giron, Marcel Plasse, Marcelo Abreu, Marcia de Magalhães Alvaro, Marcos Campolim, Marcos Sinimoff, Margarem de Moraes, Otávio Rodrigues, Patrícia C. de Faria, Tarik de Souza, Tom Leão, Walter Silva, Ayrton Mugnaini Jr
Arte: Marco Inci
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Caetano Eunico Saia, Gladstone M. Campos, Kid, Marcelo Fausto, Mila Maluhy, Mônica H. Mendes, Ricardo Siqueira, Rochelle Costi, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Thais M.S. Juarez

Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Mattei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Oliveira Neto, Gilberto Newton da Silva Oliveira
RJ-Gerente: Getulio Torres
Contato: Lidia Camarate
Produção Gráfica-Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baron. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone (001212) 557-5990 5993, Telex: 237670, Fax (001212) 983-0972. **Paris:** 30, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone (00331) 42 66 31 16, Telex: 660731 ABRILPA, Fax (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Anita Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: Jose Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Fiorello Gil
Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 177, tel. (011) 8066-6777, CEP 01139, Caixa Postal 60081, CEP 05099. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril Acimpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8080, Telex (021) 20674, Telegramas: Editabril Acimpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varela, Azinhaga dos Felaes 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCr$ 20.40 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a preferencial do vendedor o cheque nominal a Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará na restituição, em cruzados novos, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida a parte do desprogramamento, de reajuste sem efeito retroativo, considerando-se as variações do IPC ou qualquer outro índice legal que o substitua, acumuladas a partir de fevereiro de 1989. Esta revista vai as bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade nacional pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SOM PURO E PARA SEMPRE

Agora você já pode ter os seus discos preferidos também no incomparável som digital. Dê uma olhada nos títulos desta página, e descubra que a trilha sonora que marcou sua vida acaba de entrar para a eternidade. É isso mesmo, pois assim como a boa música os compacts discs são eternos!

DON'T BE AFRAID OF THE DARK/THE ROBERT CRAY BAND • TOWARDS THE WEST/KITARO
GENESIS/GENESIS • TIME PIECES/THE BEST OF ERIC CLAPTON • REG STRIKES BACK/ELTON JOHN
MIDNIGHT EXPRESS/TRILHA SONORA ORIGINAL • INDIVIDUAL CHOICE/JEAN-LUC PONTY
EVERY BREATH YOU TAKE/THE POLICE • FLASHDANCE/TRILHA SONORA ORIGINAL
PRIVATE COLLECTION/JOHN AND VANGELIS
FRIDAY NIGHT IN SAN FRANCISCO/AL DI MEOLA JOHN McLAUGHLIN E PACO DE LUCIA.

PolyGram